



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**FLEXÃO DE NÚMERO EM NOMES DO PORTUGUÊS CULTO USADO NO
BRASIL: UMA ANÁLISE SINCRÔNICA**

Thiago Reis Biacchi

Brasília

2013

Thiago Reis Biacchi

Flexão de Número em Nomes do Português Culto Usado no Brasil: Uma Análise
Sincrônica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, área de concentração Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Dr. Dionei Moreira Gomes

Brasília, julho de 2013

Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília em 25/07/2013 e aprovada pela seguinte Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes
Orientador
PPGL/UnB

Profa. Dra. Daniele Marcelle Granier
Membro Interno ao PPGL
PPGL/UnB

Profa. Dra. Poliana Maria Alves
Membro Externo ao PPGL
LIP/UnB

Profa. Dra. Aveliny Lima-Gregório
Suplente
LIP/UnB

AGRADECIMENTOS

A elaboração de um trabalho de conclusão de curso de Mestrado Acadêmico é uma construção quase-comunitária, de modo que vários fatores e pessoas contribuem decisivamente para esse que é um deslinde final de uma verdadeira jornada acadêmica. Assim, há o dever de agradecer nominalmente a algumas pessoas que participaram muito e acompanharam de perto a realização do trabalho, contribuindo com orientações, conversas e incentivos.

Primeiramente, é necessário agradecer à minha família, que, sem sombra de dúvidas, foi decisiva em minha formação em vários aspectos, ao meu pai Antonio Biacchi, à minha mãe Tânia e ao meu irmão Caio meus agradecimentos.

Também registro meus agradecimentos à minha namorada Karina, que conviveu comigo durante todo o curso e suportou muito bem minhas ausências para estudo e me apoiou na realização desse trabalho.

Agradeço também ao meu orientador, professor Dionei, pessoa de quem mais recebi horas-aula em minha vida, sejam elas em sala de aula ou em orientações. Meu orientador, de fato, me acompanhou e me orientou em todo o percurso do curso e até mesmo antes dele, durante a iniciação científica. É uma pessoa que considero modelo de profissionalismo, dedicação e empenho acadêmico.

Há também algumas pessoas que participaram em um período mais curto da minha trajetória, mas tiveram participação fundamental para a realização das entrevistas desse trabalho de conclusão. Ao amigo Plínio Fragassi, que me ajudou na preparação das planilhas para tratamento dos dados e ao professor Guy Grebot, pelo espaço cedido em uma de suas aulas para a aplicação dos questionários meus agradecimentos.

Por fim, agradeço aos sujeitos colaboradores que responderam aos questionários-piloto, aos questionários e à entrevista-piloto, pois sem eles minha pesquisa seria inócua e não atingiria aos fins propostos.

“(...) De onde menos se espera dali mesmo é que não vem (...)”.

(Humberto Gessinger – Além da Máscara-Pouca Vogal)

RESUMO

Este trabalho analisa o plural de nomes em português culto usado no Brasil. A pesquisa foi baseada em questionários respondidos por falantes de português culto com as opções dadas como alternativa baseadas no tratamento dado ao plural por dicionários, Gramáticas escolares, históricas e tradicionais, além de exame da Literatura Linguística. O objetivo da pesquisa foi estabelecer os alomorfes de plural do português culto por uma metodologia sincrônica e verificar apresentação do plural em nomes em gramáticas e dicionários, bem como analisar as implicações ao ensino decorrentes dessa apresentação. Como hipóteses de pesquisa foram estabelecidos dois alomorfes para o plural: [-s] e [-es], testando seus contextos de ocorrência pelas entrevistas. Foram aplicados cinquenta questionários contendo vinte e quatro questões, sendo vinte e dois do tipo semiestruturado e vinte e oito do tipo estruturado para a verificação das hipóteses de pesquisa. Após a aplicação dos questionários e verificação dos dados coletados em entrevista-piloto gravada com um sujeito colaborador; foram utilizadas ferramentas da fonética acústica para verificar a hipótese sobre o alongamento do [s] final em palavras terminadas em consoante [s] no plural, que recomendam uma análise mais aprofundada. Conclui-se que o falante leva em consideração o padrão silábico e acentuação da palavra para determinar o alomorfe a ser utilizado, de modo que o alomorfe [-es] ocorre em oxítonos, monossílabos tônicos e para restaurar o padrão silábico consoante/vogal/consoante, ocorrendo o acréscimo de [-s] nos demais ambientes, tendo sido confirmadas as hipóteses de pesquisa. Os resultados também comprovam a primazia pela diacronia em gramáticas, dicionários e na Literatura Linguística, apresentando explicações que contrariam os dados de uso obtidos.

Palavras-chave: Português Culto Usado no Brasil; Sincronia; Morfologia; Alomorfes.

ABSTRACT

This work analyzes the plural of names in Portuguese used in Brazil. The research was based on questionnaires answered by speakers of Portuguese service with the given options as an alternative treatment based on the plural of dictionaries, scholar grammars, historical grammars and traditional grammars, as well as examination of Linguistics Literature. The objective of the research was to establish the allomorphs of the plural Portuguese worship by a synchronous methodology and verify the presentation given by grammars and dictionaries for the plural, as well analyses the implications for the scholar teach of this presentation. As research hypotheses were established two allomorphs for the plural: [-s] and [-es] testing their contexts of occurrence by interviews. Fifty questionnaires were applied containing twenty-four issues, twenty-two type semistructured and twenty-eight of the structured type for verification of research hypotheses. After the questionnaires and verification of data collected in a taped test-interview conducted a volunteer; tools used in acoustic phonetics were able to verify our hypothesis about the extension of final [s] in words ending with consonant [s] in the plural; we recommend further analysis of this point. It is concluded that the speaker uses the standard syllabic pattern and the stress of the word to determine the allomorph to be used, so that the alomorph [-es] occurs in oxytone, monosyllables and to restore the syllabic pattern consonant / vowel / consonant, adding [-s] in the other environments, confirming the research hypotheses. The results also demonstrate the primacy by diachronic in grammars, dictionaries and Literature Linguistics, presenting explanations that contraries the results of this research.

Keywords: Cult Portuguese Used in Brazil; Synchrony; Morphology; Allomorphs

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Gráficos 1, 2, 3 e 4.....	19
Figura 2 – Gráficos 5, 6, 7 e 8	20
Figura 3 – Gráfico 9.....	21
Figura 4 – Gráficos 10,11,12 e 13.....	22
Quadro 1 - Características flexionais dos nomes em Português.....	86
Figura 5 – Gráficos 14,15,16 e 17.....	98
Figura 6 – Gráficos 18,19,20 e 21.....	100
Figura 7 – Gráficos 22,23,24 e 25.....	102
Figura 8 – Gráficos 26, 27,28 e 29.....	104
Figura 9 – Gráficos 30, 31, 32 e 33.....	106
Figura 10 – Gráficos 34, 35, 36 e 37.....	107
Quadro 2 – Ocorrência de palavras terminadas em [s] na entrevista-piloto gravada.....	109
Gráfico 38 – Palavra ônibus (l.25) “ônibus cheios”	110
Gráfico 39 – Palavra pires (l.25) “pires quebrados”	111

SUMÁRIO

0. APRESENTAÇÃO DO TEMA E DELIMITAÇÃO DOS ASSUNTOS ABORDADOS	12
0.1. Introdução	12
0.2. Tema e Estado da Arte	12
0.3. Objetivos	14
0.3.1. Objetivo Geral	14
0.3.2. Objetivos Específicos	14
0.4. Relevância da Pesquisa	15
0.4.1. Relevância Científica	15
0.4.2. Relevância Social	16
0.5. Pesquisa realizada anteriormente tomada como piloto	16
0.5.1. O Questionário-Piloto (Fase 1)	16
0.5.2. Resultados Obtidos na Pesquisa-Piloto	18
0.6. Hipóteses de Pesquisa	23
0.7. Conceitos Fundamentais e delimitação da pesquisa	24
0.8. Considerações Finais do Capítulo 0	28
1. ANÁLISE DE DICIONÁRIOS COM A COMPARAÇÃO DE DUAS VERSÕES DO DICIONÁRIO HOUAISS ELETRÔNICO	31
1.1. Introdução	31
1.2. Concepção do dicionário para a pesquisa	32
1.3. Análise do Dicionário Caudas Aulete	34
1.3.1. Análise da Macroestrutura do Dicionário Caudas Aulete	35
1.3.2. Análise da Microestrutura do Dicionário Caudas Aulete	37
1.4. Análise dos dados encontrados no Dicionário Aurélio	43
1.4.1. Análise da Macroestrutura do Dicionário Aurélio	44
1.4.2. Análise da Microestrutura do Dicionário Aurélio	44
1.5. Análise dos dados encontrados no Dicionário Houaiss	48
1.5.1. Análise da Macroestrutura do Dicionário Houaiss	48
1.5.2. Análise da Microestrutura do Dicionário Houaiss	51
1.6. Considerações Finais do Capítulo 1	57
2. APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DO APELO DIACRÔNICO PRESENTE NA GRAMÁTICA TRADICIONAL (GT)	59
2.1. Introdução	59

2.2. A Gramática de João de Barros	59
2.3. Tratamento dado ao plural pela Gramática Histórica.....	61
2.4. Tratamento dado ao plural pelas Gramáticas (Normativas) Escolares.....	64
2.5. Tratamento dado pelas Gramáticas Normativas	65
2.5.1. Nova Gramática do Português Contemporâneo (CUNHA & Cintra, 2008)	65
2.5.2. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa (AZEREDO, 2008)	66
2.5.3. Moderna Gramática Portuguesa (BECHARA, 2009)	68
2.5.4. Gramática Normativa de Língua Portuguesa (ROCHA LIMA, 2012)	70
2.5.5. Gramática Metódica da Língua Portuguesa (ALMEIDA, 1999).....	71
2.6. Considerações finais do Capítulo 2	74
3. QUADRO TEÓRICO E PERSPECTIVAS SOBRE FLEXÃO E DERIVAÇÃO	76
3.1. Introdução.....	76
3.2. O tratamento dispensado pela Literatura Linguística à Flexão.....	76
3.2.1. Modelo Dicotômico: flexão X derivação	77
3.2.2. Flexão Inerente X Flexão Contextual.....	79
3.2.3. A perspectiva de Continuum	81
3.3. A Linguística Brasileira e o Plural de Nomes em Português.....	87
3.4. Considerações finais do Capítulo 3	93
4. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA DE CAMPO.....	94
4.1. Introdução.....	94
4.1. Metodologia e sujeitos da pesquisa envolvidos na fase 2	94
4.2. Hipóteses de Pesquisa.....	97
4.3. Apresentação dos dados e resultados obtidos na Fase 2	98
4.3.1. Plural de palavras terminadas em “s”	98
4.3.2. Plural de palavras terminadas em “x”	100
4.3.3. Plural de Palavras terminadas em “t”	102
4.3.4. Plural de palavras terminadas em “r”	103
4.3.5. Plural de Palavras terminadas em “z”	105
4.3.6. Plural de Palavras terminadas em “n”	107
4.4. Entrevista-piloto realizada para a verificação do alongamento do [s] final de palavras terminadas em consoante (Fase 3) – Metodologia e Análise.....	108
4.5. Considerações finais do capítulo 4.....	112
5. CONCLUSÃO	114
6. BIBLIOGRAFIA	120

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO-PILOTO ESTRUTURADO	124
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO-PILOTO SEMIESTRUTURADO	126
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO.....	128
APÊNDICE D- QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO	130
APÊNDICE E – TEXTO PARA ENTREVISTA GRAVADA	132

0. APRESENTAÇÃO DO TEMA E DELIMITAÇÃO DOS ASSUNTOS ABORDADOS

0.1. Introdução

No Capítulo introdutório (capítulo 0), mostraremos como se desenvolveu a pesquisa que foi conduzida para a elaboração deste trabalho, sua metodologia e a apresentação de alguns dados da pesquisa-piloto que consideramos como decisivos para as hipóteses que foram investigadas nesta dissertação. Além disso, utilizaremos este capítulo introdutório para apresentar alguns conceitos que serão utilizados em vários outros pontos da dissertação, como os de “norma culta” e “norma padrão”, a partir da discussão apresentada no item 0.7.

Inicialmente, apresentaremos os pontos para os quais nossa pesquisa pode contribuir e delimitaremos nosso objeto de pesquisa com o intuito de que, quando forem apresentados ao leitor os resultados da pesquisa, haja clareza sobre o que foi proposto e sobre o que atingimos como resultado.

Julgamos como essencial a colocação de alguns resultados obtidos durante a iniciação científica (PIBIC/CNPQ 2010/2011) desenvolvida na UnB para a elaboração dos questionários durante a pesquisa que culminou nesta dissertação, motivo pelo qual apresentaremos alguns desses resultados, colocando os pontos que julgamos serem mais importantes.

0.2. Tema e Estado da Arte

A presente pesquisa pretende descrever e analisar o plural em nomes do Português Padrão e do Português Culto¹ do Brasil a partir de uma perspectiva exclusivamente sincrônica.

Via de regra, o plural de nomes no Português Culto é flexional² e é utilizado para se opor quantitativamente ao singular, marcando a possibilidade de

¹Os conceitos de “Português Padrão” e de Português Culto” utilizados nesta dissertação serão discutidos na seção 0.6 (Conceitos Fundamentais).

existência de mais de um elemento mediante o acréscimo do sufixo {-S} ou de seus alomorfes, em oposição à ausência de marcação no singular, que corresponde a um *morfema zero* {-∅}.

Entretanto, no Português, é possível que outras três situações indiquem tipos de plural diferenciados³: (i) plural formal, que consiste no uso referente a uma unidade, mas tem representação gramatical, ou seja, há a representação do plural na forma e não no sentido, como no caso *decalças*; (ii) plural majestático, que pode ser conceituado como “forma indicada para representar amplitude”, (CAMARA JR., 1998, p.92), como em *ares* e *trevas*; (iii) coletivos⁴, que constituem um caso particular, pois a forma e as características morfossintáticas da palavra são as mesmas do singular, mas o seu significado indica uma coletividade, e o seu uso só se justifica pelo fato da existência do singular, como em *enxame/abelhas*.

O plural de nomes no Português Padrão é composto por regularidades específicas que condicionam o sistema. Como regra geral, tem-se o acréscimo de{-S} à palavra, podendo existir alomorfia condicionada fonológica ou morfologicamente, em oposição à marcação zero para o singular. Esse é um ponto de convergência entre as diversas abordagens utilizadas para tratar o plural no Português. Entretanto, as divergências de tratamento sobre o plural se mostram no tocante:

- a) aos nomes terminados em "x" e "s";
- b) ao plural com [-es];
- c) ao plural com [-is];
- d) ao plural de nomes terminados em "ão".

² Essa discussão será retomada com maiores detalhes no capítulo 3.

³ Utilizamos a divisão das formas de plural estabelecidas por Camara Jr. (1986), editado em 1998.

⁴ Optamos por tratar os coletivos como plural pelo fato de que, em oposição ao conceito de plural formal, representam o plural no sentido, mas não na forma. Esse é um elemento tradicionalmente tratado nos manuais de morfologia ao lado dos plurais, muito embora não represente plural gramatical.

0.3. Objetivos

0.3.1. Objetivo Geral

O principal objetivo desta pesquisa é a descrição do sistema de flexão de nomes em Português na variedade culta em uso, em oposição às formas tradicionalmente apresentadas por gramáticas e dicionários. Assim, espera-se contribuir, sob o ponto de vista sincrônico, para o preenchimento de lacunas sobre esse assunto e aprofundar o que se tem de positivo em termos de descrição e conceituação na atualidade.

0.3.2. Objetivos Específicos

Foram objetivos específicos deste trabalho:

- a) levantar bibliografia linguística sobre a marcação de plural em nomes do Português Culto e do Português Padrão;
- b) levantar exemplos de ocorrência de [-s], [-es], [-is] como marcação de plural em nomes do Português e delimitar seus contextos de ocorrência;
- c) levantar exemplos de anoxítonas terminadas em "s" e "x" e observar como o falante da variedade de português culto flexiona esses nomes em número;
- d) levantar exemplos do Português terminados em consoante diferente de /S/ e não-oxítonas;
- e) verificar as possibilidades de generalização de regras sobre o plural nos casos levantados;
- f) verificar o tratamento que os dicionários dispensam ao plural em nomes do Português;
- g) analisar o tratamento que a Gramática Tradicional e Dicionários dispensam ao plural em nomes do Português, bem como a metodologia adotada;

h) verificar o nível de influência da escolarização nos dados recolhidos.

0.4. Relevância da Pesquisa

0.4.1. Relevância Científica

A descrição e análise por meio da sincronia tem por objetivo retomar a proposta metodológica de Saussure em 1916⁵, pela qual deve haver para os estudos linguísticos proeminência da sincronia sobre a diacronia, ou de um recorte no tempo sobre a evolução da língua para que percebamos o sistema linguístico em uso. Neste sentido, observamos o que Saussure (1994, p.96) afirma sobre sincronia:

É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo o que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia e diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução.

Em sequência, o autor mostra a importância do estudo sincrônico frente ao diacrônico ao afirmar que:

A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: êle se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender êsse estado deve fazer *tabula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. Ele só pode penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado. (SAUSSURE, 1994, p. 97).

Deve-se observar que o falante vive o estado da língua, devendo a descrição de regras que envolvem o seu modo de pensar ser de cunho sincrônico para que a realidade do pensamento humano na flexão de nomes em número possa ser percebida.

Embora tanto linguistas como gramáticos venham utilizando simultaneamente critérios da análise diacrônica e sincrônica, cremos ser

⁵ Ano em que Curso de Linguística geral ministrado por Saussure foi transformado em livro por seus alunos através de notas de aula.

conveniente separar tais métodos e pesquisar o estado da língua, o que pode contribuir de maneira diferente para os estudos linguísticos sobre plural em nomes no Português culto usado no Brasil.

Além disso, acabamos também por contribuir para o registro e descrição do Português Culto.

0.4.2. Relevância Social

Se também estudamos o português culto, sua delimitação frente ao português padrão, chegamos a um aspecto social bastante relevante: o que é o português brasileiro ou simplesmente brasileiro? Esse português culto está mais próximo do português brasileiro, entendido como o nosso uso natural da língua. A partir daí, o trabalho se torna relevante também para o ensino, que pode usufruir de uma visão de língua mais verossimilhante, mais próxima de nossa realidade, além de contribuir para uma percepção mais coerente do sistema de marcação de plural⁶ em nomes. Vislumbramos também uma questão política de fundo: temos ou não uma língua própria?

Portanto, a pesquisa pode gerar frutos para o ensino em uma perspectiva posterior à sua finalização, fazendo que as possíveis descobertas possam contribuir para uma metodologia mais coerente aplicada em sala de aula. Isso pode ter como resultado imediato a aplicação de regras e esquemas mais condizentes com a realidade linguística, visto que nos parece notório que os materiais didáticos existentes exigem pesquisas que tenham por objetivo a aplicação de seus resultados à sua elaboração.

0.5. Pesquisa realizada anteriormente tomada como piloto

0.5.1. O Questionário-Piloto (Fase 1)

O questionário-piloto⁷ foi aplicado para estudantes do curso de Física presentes no centro acadêmico do curso na UnB. O local foi escolhido por conter

⁶ Utilizaremos o termo “plural” até que definamos o conceito de flexão de número no capítulo próprio.

⁷ O questionário-piloto foi aplicado ainda durante a graduação, para a elaboração do relatório final de PIBIC/CNPq (Iniciação Científica), na pesquisa de graduação que originou esta pesquisa de mestrado.

estudantes de diversos períodos do curso e reunir diversos perfis socioculturais, permitindo que analisássemos uma gama maior de possibilidades de pesquisa.

Foram escolhidos dez estudantes para responder a um questionário escrito que solicitava que os colaboradores apresentassem a forma que mais se identificaria com o plural de uma palavra dada que ele escolheria para utilizar (cf. Apêndice A).

Foram aplicados cinco questionários fechados, ou seja, com questões de múltipla escolha, contendo três alternativas para cada questão, e vinte e três questões que consistiam em palavras no singular que deveriam ser pluralizadas pelos colaboradores ao escolher uma alternativa.

Foram aplicados a outros cinco colaboradores outro questionário, contendo questões abertas, ou seja, não havia qualquer indicação de escolha; o colaborador deveria escrever a forma que utilizaria para formar o plural de cada palavra. Esse grupo de cinco colaboradores foi tomado como grupo de controle, pois suas respostas serviriam de parâmetro para a análise do questionário fechado em caso de respostas destoantes.

Portanto, foram aplicados questionários estruturados e semiestruturados⁸ contendo 24 questões cada aos sujeitos colaboradores.

O que percebemos foi que as respostas dadas no questionário aberto foram idênticas às dadas no questionário fechado, de modo que não houve necessidade de separar as análises em questão.

As alternativas foram retiradas de dicionários e gramáticas, o que foi mantido na elaboração do questionário da pesquisa objeto desta dissertação.

A partir do questionário-piloto, elaboramos os demais instrumentos utilizados para verificações da pesquisa, por isso, tratamos o questionário-piloto como a fase 1 do trabalho, sendo esta uma fase de investigação preliminar realizada

⁸ Para Boni e Quaresma (2005), a entrevista estruturada é elaborada com um questionário que contém perguntas e alternativas, não permitindo que haja escolha de uma resposta que não entre as respostas predeterminadas. Já a entrevista semiestruturada se caracteriza por cominar perguntas abertas e fechadas, permitindo que o entrevistado discorra sobre o tema (característica de entrevista aberta) e, em outras questões, tenha respostas predeterminadas.

cronologicamente antes da aplicação dos questionários definitivos e das análises que constituíram os capítulos 1, 2, 3 e 4.

Os dados de uso foram obtidos mediante a aplicação de três fases de testes. Tendo sido a primeira o questionário-piloto, chamamos de fase 2 a aplicação dos questionários definitivos e a fase 3 a entrevista-piloto gravada e analisada segundo os parâmetros da fonética acústica. A metodologia empregada nas fases 2 e 3 é detalhada nas seções 4.1 e 4.4, respectivamente.

0.5.2. Resultados Obtidos na Pesquisa-Piloto

Os resultados obtidos no piloto apontaram para a confirmação da nossa hipótese do projeto de pesquisa: a regra geral do Português culto tende a ser mesmo a marcação do plural por meio de um morfema representado pelo morfe [-s], inclusive com palavras não-oxítonas terminadas em /s/. Constatamos, com a análise de dados, que, de fato, ocorre o uso do morfema {-s} em palavras terminadas em [t] e [r]. Logo, também advogamos o uso desse mesmo morfema em palavras terminadas em [S], de tipo não-oxítonas, como na palavra *lápiz*, fato não descrito na literatura atual.

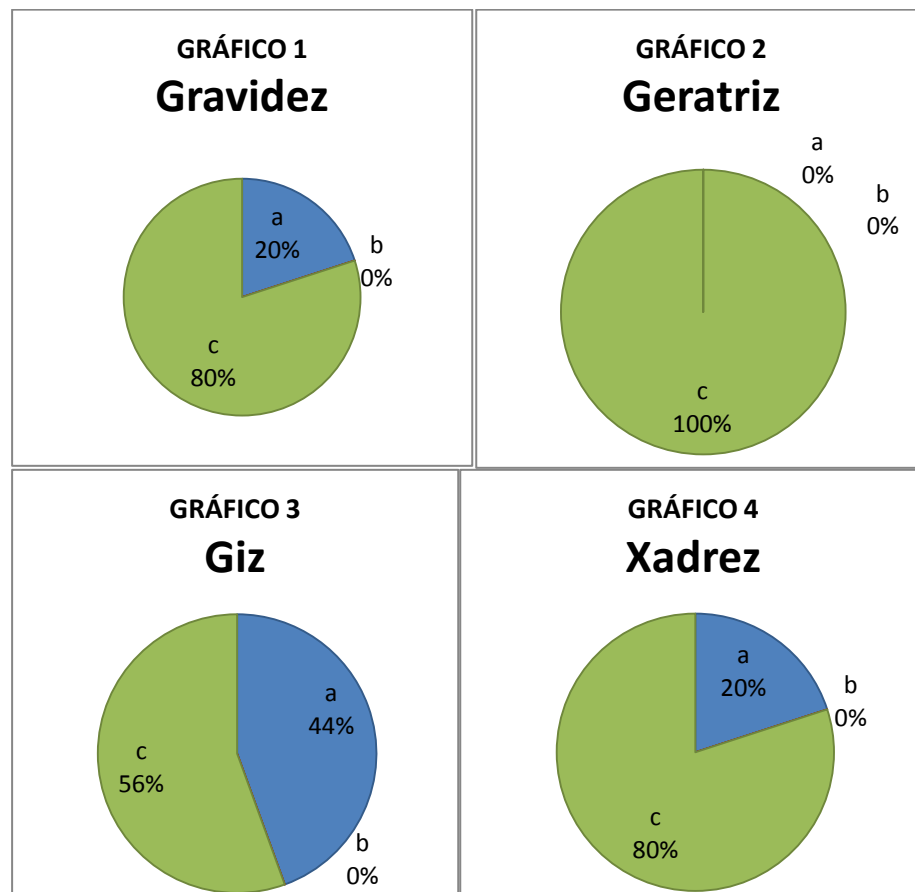
Os dados oriundos do questionário-piloto mostraram também que 20% dos falantes cultos analisados pensam que a palavra “pires”, ao ser pluralizada, apresentaria um alongamento desse som. A percepção desse alongamento é uma possível evidência de que os falantes, de fato, afixam o {-s} também aí. Para as demais palavras: *cais*, *galês* e *lápiz*, os resultados foram de 10% de resposta neste sentido. Alguns outros resultados foram considerados por nós intrigantes. É o que veremos a seguir.

Primeiramente, ressaltamos que houve, no caso das palavras terminadas em "z", um percentual consideravelmente alto (média de 80%) de respostas com o acréscimo de "es" a este tipo de palavra, como no caso de *gravidez*, que, em sua maioria, obteve como resposta *gravidezes*.

É interessante observar que as palavras terminadas em "z" selecionadas para o questionário foram oxítonas, confirmando nossa hipótese de que as palavras

oxítonas terminadas em consoante têm como marca de plural o alomorfe [-es], por condicionamento fonológico. Nos gráficos abaixo, a letra a) representa a manutenção da mesma forma para o plural, a letra b) representa o alongamento do "z" final, e a letra c) representa o acréscimo de [-es]:

Figura 1 – Gráficos 1, 2, 3 e 4



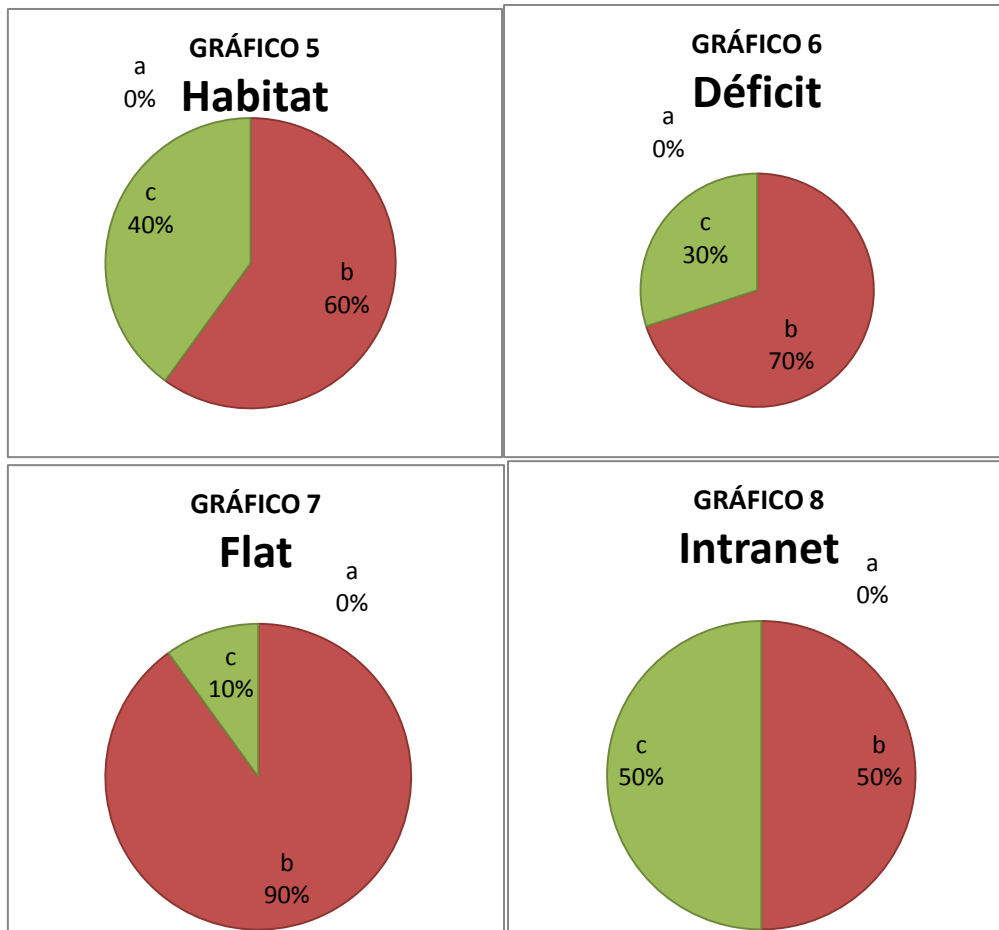
Ainda sobre os dados acima, cabe registrar a ocorrência da resposta a): não mudança de forma da palavra. Isso pode estar querendo dizer tanto que não há marca de plural explícita quanto que os falantes podem estar considerando a soma do morfema {-s} com o som [s] aí presente. Essa é a nossa hipótese.

A favor de nossa hipótese, notamos dois casos emblemáticos: (i) o das palavras paroxítonas terminadas em "t" e (ii) o caso específico da palavra *galês*⁹(oxítone terminada em "s"), que mostraremos mais detidamente em seguida. No primeiro caso, percebemos que houve um percentual médio de 67,5% para a resposta com o simples acréscimo de [-s] (que representa a regra geral proposta por nós).

⁹ Optamos por tratar a palavra *galês* juntamente com os demais por perceber que estamos diante de um oxítono tônico terminado em consoante, que, por similaridade, confirma a hipótese aventada.

Observemos, então, os resultados das palavras paroxítonas terminadas em “t”, nos quais a opção a) representa a manutenção da mesma forma, a opção b) seria o acréscimo simples de [-s] e a opção c) seria o acréscimo de [-es]:

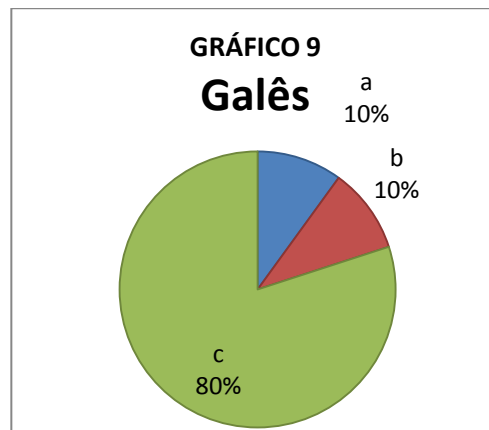
Figura 2 – Gráficos 5, 6, 7 e 8



Em primeiro lugar, não tivemos a resposta a). Nenhum entrevistado optou por manter a forma da palavra inalterada no plural. Por outro lado, é possível observar uma tendência a acrescentar somente o [-s] em palavras não-oxítonas, quando observamos as duas primeiras palavras. Para o caso da palavra *intranet* observamos um certo desvio em relação às outras duas que pode ter ocorrido pelo fato de a palavra ser de uso mais frequente entre os estudantes de Física (nossos entrevistados) e, por isso, a forma utilizada ser a prevista em dicionários, que seria *intranetes*.

Em seguida, notamos o gráfico, já abordado de maneira indireta, que representa a resposta à questão sobre o plural de *galês*, no qual a letra *a*) representa a manutenção da forma singular, a letra *b*) representa o alongamento do [s] final, e a letra *c*) representa o acréscimo de [-es]:

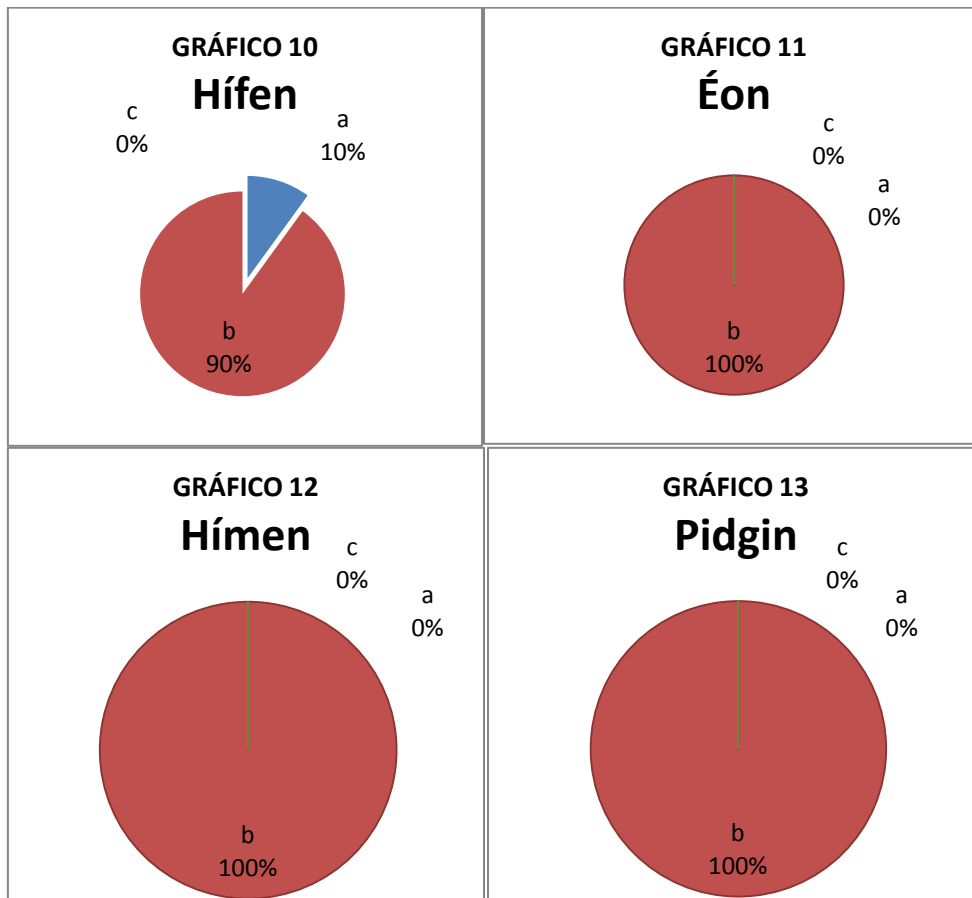
Figura 3 – Gráfico 9



Em síntese, nossa hipótese de pesquisa – o acréscimo de [-s] para o plural e a utilização do [-es] para a mudança da acentuação tônica de oxítonos, que passam a ser paroxítonos – parece se confirmar, inclusive, como parte do contexto de alomorfia do [-es]. Já o alongamento do [s] obtido como resposta é um indício de que a regra geral de acréscimo de [-s] está presente na construção de novas formas pelo falante.

Embora não fosse nosso objetivo, observamos ainda que parece não se confirmar a hipótese lançada por Camara Jr. (1986) de que o som nasal final ou em posição final em relação ao núcleo da sílaba se realizaria como um arquifonema nasal, que toma o ponto de articulação da consoante mais próxima. Analisando os nossos dados colhidos, percebemos que interpretar esta situação como vogais nasais seria mais apropriado, tal qual Pontes (1972) visto que a tendência apontada pela pesquisa foi a de acréscimo simples de [-s], como ocorre com as vogais. Os resultados foram bastante contundentes neste sentido, como se observa pelos gráficos 10,11,12 e 13 extraídos da pesquisa, nos quais a letra *a*) representa a manutenção da mesma forma do singular, a letra *b*) representa o simples acréscimo de [-s], e a letra *c*) representa o acréscimo de [-es]:

Figura 4 – Gráficos 10,11,12 e 13



Lembramos que, para estes casos, os dicionários e a Gramática Tradicional prescrevem o acréscimo de [-es]. Porém, nossos resultados apontam para o acréscimo de [-s], contrariando a proposta tradicional veiculada¹⁰.

Nossos resultados, de maneira geral, vão de encontro ao exposto na literatura corrente, como veremos no capítulo 3.

¹⁰ No capítulo 1, apresentaremos uma alteração realizada pelo dicionário Houaiss Eletrônico cuja versão 3.0 passou a considerar o acréscimo de [-s] para esse caso, diferentemente da versão 1.0, em que a regra seria o acréscimo de [-es].

Também observamos na época de aplicação do questionário-piloto que havia a necessidade de aplicação do questionário a um número maior de sujeitos colaboradores para solidificar as hipóteses defendidas aqui e as posições sobre a alomorfia entre [-s], [-is] e [-es].

0.6. Hipóteses de Pesquisa

A partir dos dados obtidos na fase 1 da pesquisa, foram estipuladas as hipóteses de pesquisa a serem testadas nas fases 2 e 3.

As hipóteses levantadas foram:

1. Em palavras não-oxítonas terminadas em /S/ (por exemplo, *ônibus*, *pires*, *tórax*), ocorre o acréscimo do morfema {-s} como sufixo flexional para marcação de plural na variedade culta do Português, estando esse morfema fundido ao fonema /S/ aí presente;
2. O morfe [-es] seria alomorfe de {-s}, tendo seu contexto restrito a palavras oxítonas ou monossílabos tônicos terminados em consoante;
3. O morfe [-is] seria uma realização de [-es] em palavras terminadas em "l", foneticamente [w], sendo originado da harmonização do [e], por conta dos traços do [w], fazendo com que a realização fonética fosse [i].

Não podemos nos esquecer, no caso das palavras terminadas em "ão" no singular que há a influência direta da escolarização neste processo, ou seja, podemos ter dois processos atuando neste caso por conta da escolarização: (i) a regra sendo afastada para que se utilize a forma prevista pela norma padrão¹¹, mas podendo a regra ser recuperada no falar popular; e (ii) analogia com as formas mais conhecidas, provocando flexões não previstas na norma padrão, ou seja, o falante deve aprender as formas caso a caso, pois não há regra que contemple o caso.

¹¹ Entendemos por forma prevista pela norma padrão a forma ensinada pela gramática tradicional, que leva em conta mais os fatores de ordem diacrônica do que o uso efetivo da língua.

0.7. Conceitos Fundamentais e delimitação da pesquisa

Dois conceitos fundamentais ao nosso trabalho são os de “norma culta” e “norma padrão”, posto que delimitamos nossa pesquisa como uma análise sincrônica da formação do plural em nomes do Português Culto do Brasil, daí, os conceitos de norma culta, Português do Brasil e a justificativa sobre a escolha da sincronia como metodologia de pesquisa são fundamentais para que iniciemos com clareza o nosso trabalho.

Para o conceito de norma culta, utilizaremos o proposto por Bagno (2012, p.24), em que o autor coloca a norma culta como a norma que os falantes cultos de Português, ou seja, os falantes pertencentes a uma elite social e mais escolarizada utilizam para a fala, com base na investigação da fala dos brasileiros pertencentes a essa elite composta por brasileiros de vivência urbana com alto grau de letramento:

Aqueles que, por outro lado, usam a expressão norma culta como um conceito, como um termo técnico, agem exatamente ao contrário: primeiro investigam a atividade linguística dos falantes em suas interações sociais, para depois dizer o que é essa atividade, por meio de instrumental teórico consistente. Com base nessa investigação e nessa análise é que os linguistas podem afirmar, por exemplo, que o pronome cujo desapareceu da língua falada no Brasil, inclusive da língua falada pelos brasileiros classificados de cultos; que o futuro simples do indicativo (eu cantarei) também sobrevive apenas na escrita mais formal; que as regras tradicionais de colocação pronominal são de uma inutilidade absoluta, e assim por diante.

Já a norma padrão é considerada por Bagno (2012, p. 26) como uma imposição da escrita; é a tentativa feita ao longo de milênios de que a língua falada se adeque a padrões literários, tomando a Gramática como a arte de falar bem, como observamos em seguida:

Por ser um construto sociocultural e nunca uma variedade linguística real, a norma-padrão é reconhecida pelos falantes, mas nunca totalmente conhecida por eles. O caráter eminentemente anacrônico do padrão – no nosso caso, elaborado com base nos usos de escritores portugueses do Romantismo (século XIX)– faz que ele seja antes de mais nada contraintuitivo, isto é, refratário à intuição linguística do falante nativo, pleno conhecedor da gramática de sua língua, gramática intrinsecamente diferente das regras prescritas no padrão. Essas regras prescrevem, sempre, como únicas formas “corretas”, precisamente os usos menos comuns, menos habituais, menos normais.

Essa diferenciação tem uma consequência lógica que é impossível ignorar: a norma culta é passível de investigação científica, e a norma padrão é uma imposição que guarda um conflito entre o que é e o que deve ser. De um lado, no campo do “é”, temos a realidade linguística; em outro, no campo do “dever ser”, temos uma imposição da norma escrita sobre a realidade linguística, o que gera uma tensão entre o uso e a convenção. Essa tensão é percebida por Bagno (2012, p. 25):

Outra distinção importante é a que retira a norma-padrão do universo de variedades linguísticas reais do português brasileiro. A norma-padrão não é um modo de falar: como o próprio termo padrão implica, trata-se de um modelo de língua, um ideal a ser alcançado, um construto sociocultural que não corresponde de fato a nenhuma das muitas variedades sociolinguísticas existentes em território brasileiro. Por ser uma forma ideal, no sentido platônico do termo, a norma-padrão não pertence ao mundo dos fenômenos, mas exclusivamente ao mundo das ideias, sendo, portanto, um ser de razão.

A norma culta, por sua vez, abriga um conjunto de variedades sociolinguísticas empiricamente coletáveis, expressão da atividade languageira das cidadãs e dos cidadãos de vivência urbana e elevado grau de letramento. Ela é composta do que preferimos chamar de variedades urbanas de prestígio, que comportam diferenças entre si – a fala urbana de prestígio do Recife, por exemplo, tem traços distintivos com relação à de Porto Alegre –, mas também um núcleo central bastante homogêneo.

Nessa discussão, o que está em questão também é o normal e a norma, o uso e a imposição, o que pode ser chamado de normal e de normativo. Assim, temos que ambas as normas constituem modalidades de prestígio, mas somente uma, a culta, pode ser empiricamente demonstrada e encontrada no uso de um falante de Português.

Sobre a construção de Português do Brasil, adotaremos, para evitar uma discussão conceitual que extrapolaria os objetivos da pesquisa, a ideia de Português usado no Brasil, sem discutirmos se esta é ou não uma língua autônoma em relação ao Português de Portugal, mas considerando que as duas línguas, hoje, apresentam diferenças na sintaxe, na morfologia, na fonologia e na semântica por conta do próprio processo de evolução ao longo dos anos pela utilização constante de seus falantes e pelo contato com outras línguas.

Com relação à adoção da análise sincrônica, optamos por ela por permitir que verifiquemos a língua no estado atual ou em um momento específico. Assim,

teremos acesso ao inventário de palavras e regras de conhecimento do falante no recorte específico de tempo escolhido. O nosso objeto de estudo é, muitas vezes, tratado desde um ponto de vista diacrônico, o que é um equívoco, se o objetivo for descrever a língua em uso. Há uma tendência de fuga diacrônica entre gramáticos e lexicógrafos na explicação de vários fenômenos gramaticais e lexicais, entre eles o plural de nomes, nosso tema.

A mistura entre metodologia sincrônica e diacrônica em uma pesquisa pode levar a resultados equivocados. É possível, por exemplo, termos duas explicações antagônicas para o mesmo fenômeno como no conhecido caso do verbo “comer”, que no latim era *cum+edere* em que a raiz do verbo seria *edere*, o que nos levaria a dizer, sob o ponto de vista diacrônico, que a raiz verbal do verbo comer seria hoje “e”, enquanto por uma análise sincrônica, teríamos que a raiz verbal é “com-”. Pior ainda é não encontrar explicações sincrônicas para um dado fenômeno linguístico e daí se apoiar em explicações diacrônicas *ad hoc*. Isso ocorre no caso da hipótese de uma vogal temática teórica no plural do Português, conforme trataremos nos capítulos 2 e 3 deste trabalho.

Saussure (1994) acentua isso ao tratar da necessidade de utilizarmos a sincronia para realizarmos um estudo linguístico que tenha uma metodologia e, por consequência, resultados coerentes com a realidade linguística.

Por fim, tomamos a definição de "nomes" elaborada por Givón (2001, p. 51):

- Estabilidade temporal

O protótipo da classe nominal ocupa a extremidade mais estável de tempo da escala. Ou seja, as propriedades dos nomes prototípicos mudam pouco através de percepção em um espaço de tempo relativamente curto. Se for uma cadeira agora, ainda é provável que seja uma cadeira em cinco minutos, uma hora ou um dia - em tamanho, forma, cor, textura, consistência ou uso. Naturalmente, uma gradação interna continua a existir, de modo que uma criança pode mudar mais rapidamente do que uma árvore, e que mais rápido do que uma casa, e mais rápido do que uma pedra, etc

- Complexidade

Uma razão importante para a grande estabilidade temporal dos nomes prototípicos é que eles são pacotes multifacetados de experiência. Além disso, como todas as categorias naturais, eles exibem forte característica de associação. Por exemplo, o cavalo tem um tamanho de prototípico, forma, cor, peso, som, cheiro, composição parte-todo, as tendências de comportamento, usos culturais, etc. Assim, quando há uma rápida mudança ou desvio de acontece em uma característica, a aparente estabilidade do resto garante que um indivíduo desviante permaneça dentro de um intervalo razoável (desvio padrão) do protótipo da população (média). Um cavalo miniatura ainda é um cavalo, como é um cavalo-de-rosa, ou um

cavalo de três pernas, ou um cavalo que foi treinado para mugido como uma vaca ou andar eretos, ou um cavalo que se recusa a ser montado.

- Concretude

A estabilidade de tempo dos nomes prototípicos também deve muito ao fato de que eles são concretos, e feitos de materiais relativamente duráveis. Seus agregados - co-experenciadores - propriedades, como tamanho, cor, forma ou consistência, portanto mudam de maneira relativamente lenta, como características individuais também.

- Compacidade

O fato de um protótipo de nome tender a ser espacialmente compacto ao invés de espalhados por todo o espaço perceptivo é, em parte, uma consequência da sua coerência especial. Ou seja, todas as sub-partes das entidades prototípicas de nomes tendem a ocupar espaço contíguo. Assim, enquanto substantivos espalhados existem ('a festa', 'Terça', 'chuva'), eles tendem a ser substantivo-protótipo de outras maneiras também, ou seja, massa, abstrato, ou temporalmente não-duráveis.

- Possibilidade de Contar elementos

Uma consequência importante dos nomes prototípicos serem compactos, é que eles também tendem a ser uma porção relativamente pequena, portanto, figuram ocupando uma parte pequena da área total de percepção ou no campo. Isto é, como eles se destacam um a um em seu campo. Várias entidades, como nomes podem, assim, ocupar uma parte do campo, com a consequência de que os nomes prototípicos tendem a ser contáveis contra nomes de massa não-prototípicos ('chuva', 'amor', 'água', 'areia', 'liberdade').¹²

¹²Texto Original:

- Temporal stability

The prototype of the class *noun* occupies the most time-stable end of the scale. That is, the properties of the prototypical nouns change only little over repeated perceptual scans. If it is a *chair* now, it is still likely to be a *chair* in five minutes, an hour, or a day – in size, shape, color, texture, consistency or usage. Of course, a fine internal gradation still exists, so that a *child* may change faster than a *tree*, and that faster than a *house*, and faster than a *rock*, etc.

- Complexity

One important reason for the great temporal stability of prototype nouns is that they are *multi-featured* bundles of experience. Further, like all natural categories, they exhibit strong *feature-association*. For example, the noun *horse* has a prototypical size, shape, color, weight, sound, smell, part-whole composition, behavioral propensities, cultural uses, etc. Consequently, when either rapid change or deviant crop up in one feature, the relative stability of the rest insures that a deviant individual remains within a reasonable range (standard deviation) of the population's prototype (mean). A miniature horse is still a horse; as is a pink horse, or a three-legged horse, or a horse that been trained to moo like a cow or walk upright, or a horse that refuses to be ridden.

- Concreteness

The time-stability of prototype nouns also owes much to the fact that they are concrete, and made out of relatively-durable materials. Their bundled – co-experienced – properties, such size, color, shape, or consistency, thus change relatively slow as individual features as well.

- Compactness

The fact that a prototype nouns tend to be spatially compact rather than scattered all over the perceptual space is in the part a consequence of their *special coherence*. That is, all sub-parts of prototype noun entity tend to occupy contiguous space. Thus, while scattered nouns do exist ('the celebration', 'Tuesday', 'the rain'), they tend to be noun-prototypical in other ways as well, i.e. *abstract, mass, or temporally non-durable*.

- Countability

One important consequence of prototype nouns being compact, is that they also tend to be relatively small, thus *figures* occupying a small portion of the total perceptual field or *ground*. This is how they

Para Givón (2001), o nome prototípico, ou seja, que reúne em si todas as características típicas de um nome, esse nome seria: (i) bastante estável no tempo, indicando algo menos processual que um verbo, por exemplo, de modo que há uma modificação interna do que é representado, mas a gradação não seria o intuito principal do falante ao se referir a algo; (ii) complexo, pois há uma forte associação de um nome com uma série de características próprias de uma classe natural, de modo que o desvio de uma dessas características não modifica a classe a que pertence um elemento, ou seja, alterações de tamanho, cor ou outra característica não fazem com que um objeto deixe de ser uma mesa, ou uma cadeira; (iii) concreto, pois, geralmente, são feitos de materiais duráveis e mudam de maneira relativamente lenta; (iv) compacto, porque é pontual sob o aspecto espacial, o que significa dizer que os elementos de um nome prototípico estão reunidos todos em um espaço único; e (v) contável, já que sua compacidade torna possível que o falante se remeta a um objeto em um espaço bem delimitado, é possível que se identifique com facilidade quantos objetos existem em um determinado espaço, o que lhe permite contar os objetos.

0.8. Considerações Finais do Capítulo 0

Portanto, acentuamos que nossa pesquisa é sobre o plural de nomes no Português Culto Usado no Brasil e que procuramos evitar interferências do método diacrônico.

Assim, procuramos concentrar nossa pesquisa no português usado por estudantes em ambiente urbano e socialmente prestigiado, via de regra, o que caracteriza o Português Culto.

stand out vis-a-vis their ground. Several like noun entities may thus occupy a portion of the field, with the consequence that prototype nouns tend to be *contableas* against *non-prototypical mass noun* ('rain', 'love', 'water', 'sand', 'freedom').

Como ponto de partida para esta pesquisa, utilizamos as análises feitas em fase de iniciação científica na graduação mediante a aplicação de um questionário que tinha como objetivo a análise de pontos bastante semelhantes aos que desejamos com nossa pesquisa no mestrado. Tomamos o questionário aplicado anteriormente como um piloto que ajudou a gerar o questionário aplicado nesta pesquisa, utilizando como ponto de partida algumas análises realizadas e, assim, ampliamos o contexto de aplicação. A seguir, fazemos um resumo do que estará presente em cada um dos 4 capítulos que compõem esta dissertação.

Dedicamos o capítulo 1 à análise do plural¹³ de palavras terminadas graficamente em consoantes a partir da pesquisa em dicionários eletrônicos. A escolha da versão eletrônica ocorreu pela facilidade de acesso e quantidade de informações contidas em cada verbete. Desta forma, foram escolhidos os dicionários Aulete Digital, Aurélio Eletrônico e Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa¹⁴ para que fossem elaboradas as opções de resposta dos questionários a serem preenchidos pelos sujeitos colaboradores. Assim, analisaremos como são apresentados os dados em cada um dos dicionários e selecionamos alternativas que foram apresentadas aos colaboradores da pesquisa.

No capítulo 2, apresentaremos o tratamento dado pela Gramática Tradicional (GT) ao plural de nomes no Português do Brasil, utilizando, para isso, obras de cunho normativo, histórico e pedagógico. Com isso, pretendemos verificar como nosso objeto de pesquisa é analisado por obras com diferentes enfoques, observando o tratamento dado por cada um dos autores e percebendo de que forma o conteúdo será apresentado aos brasileiros em ambientes de ensino formal de Português, ou mesmo observando qual será a referência que um falante culto de Português tomará em caso de dúvidas.

No capítulo 3, trataremos de algumas questões sobre a formação do plural no Português culto usado no Brasil relevantes para o estudo que nos propusemos a fazer, bem como de reflexões teóricas sobre os conceitos de flexão e derivação. Trazemos os conceitos de flexão utilizados pelos linguistas que tratam do

¹³Utilizaremos a denominação “plural” na dissertação até que conceituemos flexão derivação para classificar o plural do Português do Brasil, o que ocorrerá no capítulo 3.

¹⁴As versões utilizadas de cada dicionário estão disponíveis no capítulo 1, na seção referente a cada um deles.

tema atualmente, mostrando os conceitos de flexão, flexão contextual, flexão inerente, presentes de um lado no modelo dicotômico "flexão *versus* derivação" e a perspectiva de *continuum* entre flexão e derivação de outro.

No capítulo 4, por fim, apresentaremos os resultados coletados em nossa pesquisa, bem como a metodologia utilizada, o perfil do grupo de sujeitos colaboradores e realizaremos uma comparação entre os resultados obtidos e os dados encontrados nos dicionários, gramáticas e na literatura linguística sobre o tema analisado. Nosso objetivo nesse último capítulo será verificar se o que é analisado e apresentado aos falantes corresponde ao uso do Português Culto. Nossa pesquisa tem caráter sincrônico.

1. ANÁLISE DE DICIONÁRIOS COM A COMPARAÇÃO DE DUAS VERSÕES DO DICIONÁRIO HOUAISS ELETRÔNICO.

1.1. Introdução

Neste capítulo, trataremos de como os dicionários registram o plural de palavras terminadas graficamente em consoantes, utilizando, para isso, a versão eletrônica de três dicionários bastante conhecidos e comercializados no Brasil.

Optamos pela versão eletrônica dos dicionários por considerar que são mais acessíveis dentre aquelas que apresentam um bom número de informações sobre o verbete e, em geral, apresentam um número de entradas bastante semelhante à versão completa dos dicionários, além de possuírem um custo menor e, em alguns casos, serem gratuitas, como no caso do Aulete Digital.

Escolhemos três dicionários eletrônicos: o Aulete Digital, o Dicionário Aurélio Eletrônico e o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, para extrair dados com o objetivo de compor o conjunto de hipóteses de resposta ao questionário que formulamos para obter os dados da pesquisa.

Percebemos, com isso, que os verbetes dos dicionários continham informações relevantes ao ponto de merecerem destaque e atenção especial na pesquisa, de modo que optamos por apresentá-las em uma seção específica.

Por isso, apresentamos os três dicionários, descrevendo algumas informações importantes sobre eles, alguns aspectos relevantes para a pesquisa contidos em sua macroestrutura e as informações mais relevantes sobre o plural das palavras escolhidas na parte “análise da microestrutura”.

1.2. Concepção do dicionário para a pesquisa

Inicialmente, em nossa pesquisa, concebemos o dicionário como um repositório do Português culto brasileiro, pois a tradição escolar nos incentiva desde muito cedo a pesquisar formas desconhecidas no dicionário. Assim, passamos a enxergar o dicionário como um inventário de formas a serem utilizadas. De fato, parece um consenso entre os brasileiros que o dicionário se presta ao serviço de indicar a forma correta/culta de utilizar determinada palavra.

Chamamos atenção também ao fato de que o dicionário, por ser um registro escrito, tende a registrar uma forma mais estável da língua, pois sua mudança é mais lenta do que a realidade linguística da sociedade que ele representa.

Assim, percebemos também que os dicionários têm estreita ligação com a Gramática Tradicional – e conseqüentemente com a Norma Padrão – e possuem em comum o forte apelo à diacronia, em certa medida, incentivados pela tradição escolar brasileira. Identificamos uma íntima relação entre dicionários e tradição gramatical incentivada pelas escolas brasileiras em que ambos são pilares da Norma Padrão.

Em síntese, observamos que os dicionários pesquisados são transpassados por duas oposições: sincronia X diacronia e descritivismo X normativismo. Destacamos que estas oposições estão inter-relacionadas e isso se dá pelo fato de que o normativismo mantém estreita relação com a diacronia, e o descritivismo, com a sincronia.

Na primeira oposição, observamos que os dicionários foram constituídos com o intuito de demonstrar a realidade atual da língua, mas mantêm a tendência de mostrar a etimologia e basear algumas acepções e flexões irregulares nela.

Na segunda oposição, observamos que os dicionários tentam conciliar a descrição da língua em seu estrato culto e mantêm as formas da norma padrão, misturando, muitas vezes, a norma culta e a norma padrão.

Por outro lado, sob o ponto de vista linguístico, os dicionários têm o intuito de registrar formas mais estáveis de uso sem a interferência da norma padrão e, em

certa medida, os dicionários brasileiros também o fazem, como observaremos na análise detalhada de cada um deles.

Assim, temos no mercado brasileiro dicionários que cumprem uma finalidade tripla: (i) atender o público escolar, uma vez que são adotados em várias escolas brasileiras; (ii) informar a norma padrão aos seus usuários; e (iii) ser repositório das formas mais usuais da língua, a norma culta.

Tendo em vista estas múltiplas funções do dicionário e a importância que os falantes escolarizados dão a elas pela tradição escolar em que foram formados, optamos por elaborar listas de palavras para compor o questionário da pesquisa com palavras extraídas de dicionários e manter entre as opções de resposta a forma indicada como mais usual ou única registrada pelo dicionário.

Para isso, escolhemos três dicionários eletrônicos bastante conhecidos no mercado e com um percentual significativo de vendas, a saber: o dicionário Houaiss (versão de 2001- comparada com a de 2009), o Dicionário Caudas Aulete (versão de 2010) e o dicionário Aurélio (versão de 2002), formando, assim, um leque de opções que, acreditamos, seria escolhido por um falante de Português ao utilizar uma das palavras no plural.

Com isso escolhemos palavras com uso mais distante do cotidiano do público-alvo da pesquisa e procuramos verificar se o padrão contido no dicionário se repetiria.

A primeira observação que fizemos, ainda na escolha das palavras que iriam compor o questionário, foi que cada dicionário possui um perfil próprio para o tratamento dos dados e que sua formulação acarreta necessariamente em um dicionário com maior ou menor proximidade da norma padrão.

Por exemplo, o dicionário Caudas Aulete utilizado teve seu banco de dados inspirado no modelo da Wikipédia, sendo possível que os usuários encaminhem e-mail para os desenvolvedores com sugestões de modificação na microestrutura,

correspondendo, assim, a um modelo aparentemente mais descritivista que os demais¹⁵.

A versão 1.0 do dicionário Houaiss que utilizamos inicialmente contrasta com a versão 3.0, lançada em 2009, na qual observamos que houve uma mudança significativa do tratamento dos dados das palavras terminadas em "x" [ks], como no caso de tórax que, na primeira versão, tinha como plural tóraces e na versão 3.0 teve como plural a manutenção da forma do singular.

Por isso, detalhamos algumas informações coletadas a partir da análise dos dicionários para a elaboração dos questionários, ressaltando que utilizamos palavras terminadas, graficamente, em “t”, “x”, “r”, “s”, “z” e “n” para que a análise de dados fosse feita.

1.3. Análise do Dicionário Caudas Aulete

Como acentuamos anteriormente, o dicionário eletrônico Caudas Aulete foi concebido com uma perspectiva diferenciada em relação aos outros dois títulos analisados, sendo disponibilizado gratuitamente para os usuários por *download* no *site* da editora Lexikon, detentora dos direitos de comercialização do dicionário. Isso permite que o usuário faça considerações ao corpo editorial do dicionário, que pode ou não implementar as sugestões do usuário.

As sugestões do usuário são enviadas por e-mail por um botão que passa a ser exibido após a consulta de um verbete. Este botão abre a possibilidade de o usuário requerer suporte, enviar contribuição ou abrir o *link* "fale conosco" da página da Lexikon.

Na realidade, o dicionário Caudas Aulete passou a ter seu banco de dados da década de 80 atualizado pela editora Lexikon em um projeto de duas fases, sendo a primeira a reedição de um minidicionário, lançado em 2004, e a segunda a

¹⁵ Devemos levar em conta aqui também o fato de que as contribuições dos usuários do dicionário podem ou não ter caráter descritivista. Não é incomum observarmos em fóruns de internet – e destacamos aqui que o dicionário em questão é *online* – a repetição da Norma Padrão e de práticas da tradição gramatical, ressaltando, muitas vezes, a utilização de uma forma com base na etimologia da palavra.

implementação de um dicionário eletrônico em formato de colaboração (fase ainda em realização experimental)¹⁶, como se observa na descrição do projeto contida na página da do dicionário na internet (<http://www.auletedigital.com.br/>):

Numa experiência pioneira no Brasil, o Aulete Digital convida cada usuário a ser um co-autor da obra, contribuindo para a ampliação dos registros de nossa língua. Cada contribuição ajudará a criar um dicionário mais completo, cada vez que for notado o uso de uma nova palavra ou um novo significado para palavra já existente, um neologismo ou o aportuguesamento de palavras originárias de outros idiomas. Além disso, como o dicionário está em construção e em processo de revisão, o usuário poderá sugerir tanto correções de eventuais erros como melhoras nas funções do software.

O dicionário entra, assim, na era da colaboração em massa, refletindo uma tendência global de cooperação em larga escala através de comunidades virtuais. Juntos, nós faremos do **Caldas Aulete** o mais abrangente e atualizado acervo da língua portuguesa. Afinal de contas, quem faz a língua portuguesa são os milhões de pessoas que a usam no cotidiano, falando, escrevendo, lendo, cantando. Quem faz a língua portuguesa é você!

Como implicações diretas da perspectiva adotada pela editora Lexikon, o dicionário somente pode ser acessado no modo *online* e exige um cadastro com senha do usuário para que se permita o acesso; além disso, devido ao fato de ser uma ferramenta disponibilizada gratuitamente, há na interface com o usuário dois grandes *banners* publicitários e a possibilidade de o usuário se tornar um patrocinador, isso é evidenciado com a propaganda da lei Rouanet¹⁷ contida no site do dicionário.

Outro ponto que o diferencia dos demais dicionários é a possibilidade do envio de cópias de verbetes e acepções a amigos por e-mail ou a possibilidade de convidar amigos a utilizar o dicionário eletrônico.

1.3.1. Análise da Macroestrutura do Dicionário Caudas Aulete

Primeiramente, analisaremos as informações dadas pelo dicionário para a utilização do dicionário, como o público-alvo, chave do dicionário, significado das rubricas e lista de abreviações. O dicionário não possui uma seção específica para a

¹⁶ Não há referência no dicionário ou nas páginas sobre o dicionário na internet sobre a data de início da fase colaborativa.

¹⁷ “Lei Rouanet” é como é chamada a Lei 8313/91, que concede benefícios fiscais e isenções tributárias a empresas que colaboram com projetos culturais direcionados à arte e educação.

disposição destas informações, como é comum nos dicionários impressos e também não possui lista de abreviações nem chave do dicionário, mas revela o significado da abreviação à medida que o usuário passa o *mouse* por ela.

As informações sobre a concepção do projeto Caudas Aulete e informações sobre a possibilidade de contribuição do usuário para a reformulação do dicionário estão disponíveis na página do dicionário na internet.

O dicionário conta, segundo as informações disponíveis na página do dicionário, com 86 mil verbetes atualizados e cerca de 200 mil verbetes disponíveis da versão anterior (da década de 80). No caso dos verbetes atualizados, é possível verificar o verbete na sua versão original.

Na realidade, o projeto é percebido pela editora como uma interface entre dois módulos distintos agregados em constante atualização que se comunicam, em termos de base de dados, podendo ser acessados simultaneamente. Isso é explicado na seção “o projeto” na página do dicionário:

Esta primeira versão, agora disponível na internet, com acesso gratuito e aberto a todos, é na verdade uma versão ainda em fase de revisão final, para a qual seus usuários poderão contribuir. Constitui-se, na verdade, de dois módulos que correspondem a dois dicionários distintos, num processo dinâmico de interação e crescimento:

- 1) o tradicional e respeitadíssimo Dicionário Caldas Aulete em sua versão original, atualizada para o Brasil até a década de 1980, com mais de 200 mil verbetes (os verbetes desse módulo são identificados com o registro de ‘verbetes original’ na barra de ferramentas);
- 2) os 86 mil verbetes atualizados para o universo léxico contemporâneo, ainda em fase de ampliação e de correção, inclusive com a colaboração dos usuários. Este segundo módulo estará em permanente atualização, à medida que for corrigido, ampliado, acrescido de novos verbetes e/ou novos significados e informações, e essas atualizações irão sendo incorporadas ao dicionário em seu servidor de internet, de modo que uma nova palavra, um novo significado, uma nova informação, uma correção de erro ou de omissão, estarão automaticamente disponíveis. Este é o conceito revolucionário de um dicionário de crescimento infinito, sempre atualizado, sempre em interação com o uso da língua.

A constituição da macroestrutura, contudo, não apresenta chave do dicionário ou discriminação do público-alvo a que é direcionado o dicionário, além do fato de que algumas abreviações não possuem o significado correto quando se passa o *mouse* sobre a palavra, como, por exemplo, a abreviação *p.* presente em verbetes

como "hífen", em que o significado é dado como página em um sentido que tal utilização não é possível:

(hí.fen)

sm.

1 Gram. Sinal gráfico (-) us. para unir elementos de palavras compostas (bem-te-vi), ligar verbos a pronomes (disseram-me), separar sílabas de palavras (ca-sa); TRAÇO-DE-UNIÃO.



[Pl.: hifens e (p.us. no Brasil) hífenes.]

[F.: Do lat. hyphen, do gr. hýphen.]

(AULETE & VALENTE, 2009)

1.3.2. Análise da Microestrutura do Dicionário Caudas Aulete

Em geral, o dicionário Caudas Aulete apresenta a microestrutura de maneira organizada e, por ser eletrônico, colorida, o que facilita a percepção de diferentes acepções de cada palavra. Há também uma boa divisão entre as acepções e campos próprios para a etimologia e classificação gramatical, o que torna mais clara a leitura.

Contudo, como observamos antes, algumas abreviações contêm o significado errado na microestrutura, o que dificulta muito a interpretação de algumas formas dadas pelo dicionário, especialmente as marcas de uso. Além disso, há uma confusão no campo dos exemplos, que apresenta abonações como exemplos¹⁸, como observamos no verbete seguinte:

(mú.nus)

sm.

1 Emprego, cargo, tarefa, ofício exercido por um indivíduo: "...espelhos de sacrifícios e virtudes cristãs se podem dizer os seus missionários. **“Alguns aliaram ao múnus o exercício das letras.”** (Aquilino Ribeiro, Constantino de Bragança)



[F.: Do lat. munus,eris.]

Múnus público

1 Jur.Encargo, emprego ou função públicos.


(AULETE & VALENTE, 2009)

¹⁸ Há uma concepção bastante difundida sobre o conceito de abonação, que pode ser vista como “frase ou trecho de frase encontrada em texto autêntico” (WELKER, 2004, p. 150), já o conceito de exemplo é mais amplo e não deve ser, necessariamente, retirado de um texto autêntico.

No que diz respeito às palavras selecionadas para nossa pesquisa, identificamos algumas regras para cada terminação¹⁹ que serão expostas a seguir.

Para as palavras terminadas em "s", o que percebemos é que as palavras proparoxítonas e paroxítonas, no plural, são tidas como formas com dois números, conforme observamos no caso dos verbetes "ônibus" e "alferes":

(ô.ni.bus)

 **sm2n.** (grifos nossos)

1 Veículo grande us. para o transporte de passageiros, com rota preestabelecida.; AUTOCARRO; MARINETE; SOPA.

[F. Do lat. omnibus. Col.: frota.]


ônibus elétrico

1 Veículo de transporte coletivo movido por motor elétrico, que se alimenta de um cabo eletrificado suspenso ao longo da via, e do qual capta a energia por uma haste em seu teto que em contato com o cabo e que desliza ao longo dele.

ônibus espacial

1 Astron. Nave espacial tripulada, recuperável, ger. lançada de um foguete no ar, mas que aterrissa como um avião.

(al.fe.res) [é]

 **sm2n.** (grifos nossos)

1 Antigo posto militar, logo abaixo de tenente.

2 Militar que tinha essa patente: "Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional." (Machado de Assis, "O espelho" in Mar de histórias)

3 Ant. Porta-bandeira (de regimento militar)


[F.: Do ár. al-fâris]

(AULETE & VALENTE, 2009)

¹⁹ Verificamos que os dicionários tratam as terminações como estão graficamente representadas e não como são faladas e isso, acreditamos, dá-se porque a etimologia é levada muito em conta pelos dicionários, como será observado no caso das palavras terminadas em "x" nos três dicionários analisados, em que há divergência no tratamento dos verbetes em um mesmo dicionário, como acentuaremos.

A mesma regra é identificada para os monossílabos átonos, como no caso do verbete “cais”:

(ca.is)

 **sm2n. (grifos nossos)**

1 Num porto, lugar no qual o navio atraca para embarque e desembarque de passageiros e mercadorias.

2 Lus. P.ext. Plataforma ao longo da via das estações de trem e do metrô para embarque e desembarque de passageiros

3 Parte de margem de rio ou canal com reforço de alvenaria, para regular ou direcionar o curso das águas.

[F.: Do gaulês caio, pelo fr. quai. Hom./Par.: cais (sm2n.), cais (fl. cair).]

(...)

Destacamos que a palavra é tratada pelo dicionário como paroxítona, se observarmos a divisão silábica: "(ca.is)".

Para os casos de monossílabos tônicos e oxítonas, a regra é o acréscimo de [-es], como nos casos dos verbetes “gás” e “galês”:

(gás)

sm.

1 Fís. Matéria cujas moléculas estão muito afastadas, o que a torna fluida e expansível ou comprimível

2 Fig. Pop. Capacidade de manter a boa forma física e uma reserva considerável de energia mental, psicológica e emocional; capacidade de se manter atuante em uma atividade; ÂNIMO; VIGOR.: Envelhecia, mas ainda estava com muito gás. [Antôn.: abatimento, desânimo, fraqueza.]

3 Fig. Estado de animação, de entusiasmo: Costumava correr todas as manhãs, cheio de gás. [Antôn.: abatimento, desânimo.]

4 N.E. Fluido de iluminação extraído do petróleo (lâmpião de gás)

5 Bras. Fig. Bazófia, bravata: Só porque estudou no estrangeiro vive cheio de gás. [Antôn.: modéstia.]

6 Lus. Gasolina: O carro está ficando sem gás.

7 N.E. Morrão de balão junino

8 BA Pop. Aguardente de cana

 **[Pl.: gases.](grifos nossos)**

[F.: Do fr. gaz. Hom./Par.: (pl.) gases (gazes, pl. de gaze s.f.). Ideia de 'gás', usar pref. pneumat -]

(ga.lês)


sm.

1 Pessoa nascida ou que vive no País de Gales, província do Reino Unido.[Pl.: galeses; fem.: galesa.]

2 A língua celta falada no País de Gales.

a.

3 Do País de Gales (Reino Unido), típico desse país ou de seu povo.

 **[Pl.: galeses; fem.: galesa.] (grifos nossos)**

sm.

4 Ref. à língua celta falada no País de Gales.

[F.: Do top. Gal(es) + -ês.]

Para as palavras terminadas em "x", o dicionários Caudas Auletesegue as mesmas regras para o plural das palavras terminadas em "s", considerando as formas mais usuais no Brasil, como no caso do verbete "durex", em que o registro é uma mesma forma para singular e plural:

(du.rex) [cs]

 **sm2n.**

1 Bras. Fita adesiva.


[F.: De Durex, marca registrada.]

No caso de palavras terminadas em "r", temos a utilização da regra de acréscimo de [-es] em todos os casos, ou seja, a regra é aplicada para proparoxítonas, paroxítonas, oxítonas, monossílabos tônicos e átonos, como no exemplo a seguir:

(ca.te.ter) [é]

sm.

1 Med. Tubo de diâmetro milimétrico que se introduz no organismo para examinar uma região, colocar ou extrair líquidos, implantar dispositivos etc.

 **Embora a pronúncia erudita seja a oxítone (com pl. paroxítono: cateteres), no Brasil é mais us. a forma catéter (pl. catéteres) .] (grifos nossos)**


A terminação em "z" só é registrada no dicionário para oxítonas e monossílabos tônicos, sendo aplicada a regra do acréscimo de [-es] para a formação do plural, como no exemplo a seguir:

(xa. drez)[ch, ê]

sm.

1Lud. Jogo em que dois adversários movimentam, cada um, 16 diferentes peças (rei, rainha ou dama, duas torres, dois cavalos, dois bispos e oito peões), num tabuleiro quadriculado com 64 casas alternadamente pretas e brancas, igual ao de jogo das damas, em que o objetivo para cada jogador é a tomada do rei do adversário e a defesa do seu.

(...)

 **[Pl.: xadrezes.] (grifos nossos)**

[F.: Do ár. As-sitrang, deriv. Do persa sitrang e do 41ânschr..Catur-anga. Hom./Par.: xadrezes (fl. De xadrezar).]

Em geral, as formas terminadas em "t" são oriundas de estrangeirismos que, aos poucos, foram incorporados ao Português, havendo, em muitos casos, o registro das duas formas; a incorporada e a aportuguesada, como do caso do verbere "offset":

(offset)

((Ing./ófset/))

sm.

2 Art.gr. Verofsete.
(of.se.te)

3 1 Art.gr. Diz-se de técnica de impressão em que imagens e textos a serem impressos passam de uma chapa metálica para uma bobina de borracha e daí para o papel (impressão ofsete).

Sm.

2 Essa técnica: Dominava as técnicas de ofsete.

 **[F.: Do ing. Offset.] (grifos nossos)**

Com isso, a tendência é que se mantenha o plural da língua estrangeira que, em geral, é a inglesa, acrescentando-se [-s] para a formação do plural.

Para as terminações em "n", nos deparamos com um caso mais inseguro no dicionário. Devido à falta de uma lista precisa de abreviações, não é possível compreender exatamente o que se pretende informar ao usuário com a marca de uso colocada em alguns verbetes como “líquen” e “hífen”:

(lí.quen)

sm.

1 Bot. Espécime dos líquens, divisão (Lichen) do reino vegetal que reúne organismos resultantes da associação simbiótica de um fungo com uma alga.N

2 Med. Doença da pele caracterizada por pequenas erupções próximas umas das outras.


 **[Pl.: líquens e (p. us. no Brasil) líquenes] (grifos nossos)**

[F.: Do gr. Leichén, ênos, pelo lat. Lichen, enis.]

(hí.fen)

sm.

1 Gram.Sinal gráfico (-) us. Para unir elementos de palavras compostas (bem-te-vi), ligar verbos a pronomes (disseram-me), separar sílabas de palavras (ca-as); TRAÇO-DE-UNIÃO.

 **[Pl.: hifens e (p.us. no Brasil) hífenes.] (grifos nossos)**

[F.: Do lat. hyphen, do gr. hýphen.]

Entretanto, consideraremos, apesar da explicação da abreviação “p.” ser página no dicionário, como marca de “pouco usado”. Assim, percebemos, como regra para este último caso, o acréscimo de [-s] para as palavras com essa terminação, registrando a possibilidade do acréscimo de [-es], embora haja a marcação de “pouco usado” no segundo caso.

1.4. Análise dos dados encontrados no Dicionário Aurélio

A versão do Dicionário Aurélio escolhida foi o Novo Dicionário Aurélio (2004), primeira versão do dicionário²⁰, que foi utilizada como base para as demais atualizações, alterando-se poucos elementos visuais e, após o novo acordo ortográfico de 2009, incluindo em sua base de dados as novas formas ortográficas.

O dicionário foi concebido para a utilização também em sala de aula, uma perspectiva que fora incluída pela Editora Positivo²¹, que passou a deter exclusividade na edição e comercialização do Dicionário Aurélio em 2003, editando a primeira versão eletrônica do dicionário no ano seguinte.

Assim, a versão eletrônica do dicionário, que contém uma quantidade significativa de verbetes, é direcionada também à de aula, apresentando, inclusive, uma introdução do dicionário direcionada aos professores com sugestões de uso do dicionário em sala de aula:

Este material foi preparado especialmente para você, professor, aproveitar o **DICIONÁRIO ELETRÔNICO AURÉLIO** em sala de aula. Comece já a ler nossas sugestões clicando num dos links abaixo. Suas aulas vão ficar ainda mais interessantes e seus alunos vão aprender a usar um instrumento indispensável no dia-a-dia.

Com isso, o dicionário apresenta uma indicação de utilização diferenciada dos demais, embora não especifique uma idade para as atividades indicadas na seção específica, o que pode prejudicar a utilização. Contudo, não há no dicionário qualquer menção à metodologia de pesquisa e elaboração dos verbetes que comprove a adequação do dicionário ao uso em sala de aula.

²⁰ Os dados pesquisados para este trabalho apresentam as mesmas informações na versão consultada e na versão mais recente de 2009.

²¹A editora Positivo se consagrou no mercado editorial brasileiro pela produção de material didático desenvolvido para escolas.

1.4.1. Análise da Macroestrutura do Dicionário Aurélio

O dicionário tem apresentação de fácil interação do usuário com o dicionário, como é costume nos dicionários eletrônicos, apresentando partes bem destacadas por cores e busca por diversos mecanismos de refinamento. Assim, é possível que o usuário busque por palavras com terminações e prefixos semelhantes.

O dicionário também possui lista de abreviaturas e a chave do dicionário, que apresenta todas as informações que podem ser encontradas em um verbete para o usuário, facilitando, com isso, a interpretação dos elementos do dicionário.

Ele conta com 435 mil verbetes, locuções e definições, colocando-se ao lado da versão impressa quanto à quantidade de entradas.

No que diz respeito à estrutura do dicionário, ela se apresenta de forma mais intuitiva que a do Aulete Digital, contando com mecanismo de pesquisa bastante simples, apresentação do verbete em modo reduzido e original, e possibilidade de inserir notas nos verbetes.

1.4.2. Análise da Microestrutura do Dicionário Aurélio

Foram encontradas as interpretações seguintes para o plural das palavras pesquisadas, mantendo-se, na maioria dos casos, tratamento semelhante ao dado pelo Dicionário Caudas Aulete. As palavras terminadas em “s” são tratadas como comum de dois números, em casos de paroxítonas e proparoxítonas, como nos casos de “lápiz” e “ônibus” abaixo:

Lápis

[Do it. lapis < lat. lapis, idis, 'pedra'.]



Substantivo masculino de dois números.

1. Estilete de grafita envolvido em madeira, cilíndrico ou oitavado, para escrever ou desenhar. [...]

ônibus

[F. red. de auto-ônibus.]



Substantivo masculino de dois números. (grifos nossos)

1.Veículo automóvel para transporte público de passageiros, com itinerário preestabelecido. [...]

As palavras oxítonas terminadas em “s”, por sua vez, não apresentam a informação de que não variáveis, levando o usuário a constatar que a palavra pode ser flexionada no plural, apresentando a forma [-es]:

Galês

Adjetivo.

[...]



3.Gloss. Língua céltica falada no País de Gales, atualmente com status de língua oficial, ao lado do inglês. [Em consequência da emigração, o galês chegou a ter cerca de 3.000 falantes na Patagônia (Argentina) no início do séc. XX, mas, com o crescente domínio do espanhol na região, essa variedade está quase desaparecida.] [Sin. de 1 e 2: galense. **Flex. de 1 e 2: galesa (ê), galeses (ê), galesas (ê). Cf. galês e gaulês.**]

Vale destacar que a informação sobre flexão apresentada pelo dicionário é extra, apresentada como exceção à regra e consta no verbete pelo fato de o dicionário a considerar uma informação imprevisível ao falante.

As palavras terminadas em “x” são tratadas pelo dicionário como comum de dois números em todas as acentuações, distanciando-se do dicionário Caudas Aulete. É o que observamos nos casos das palavras “tórax” e “fax”:

Tórax

(cs) [Do gr. thórax, pelo lat. thorax.]



Substantivo masculino de dois números.

[...]

Fax

[faks] [Do ingl. fax, abrev. de fac simile transmission, 'transmissão fac-similar'.]



Substantivo masculino de dois números.

[...]

As palavras terminadas em “r” apresentam a informação de plural com o acréscimo de [-es], como no caso de “fêmur”:

Fêmur

[Do lat. femur.]

Substantivo masculino.

1. Anat. Osso único de cada coxa.



2. Zool. O terceiro segmento da pata dos insetos, dos aracnídeos e de certos crustáceos. **[Pl.: fêmares.]**

As palavras terminadas em “z” são também pluralizadas com [-es] para o dicionário. Contudo, destacamos que todas as palavras apresentadas são oxítonas, como no caso de “xadrez”:

Xadrez

(ê) [Do arc. axedrez, enxadrez, ár. e persa 8a+ran1 < sânscr. chaturanga, lit., 'os quatro membros' (i. e., as quatro divisões do exército: elefantes, cavalos, carros e peões, representadas no jogo de xadrez).]

Substantivo masculino.

(...)



[Sin. (lus.): aos quadrados. **Pl.: xadrezes (ê).** Cf. xadrezes, do v. xadrezar.]

As palavras terminadas em “t” devem conter o acréscimo de “s”. O dicionário Aurélio destaca, na maioria dos casos, a origem dessas palavras, tomadas por empréstimo linguístico; além disso, destaca também a sua acentuação, como no caso da palavra “hábitat” ou a pronúncia, como no caso da palavra “closet”

Hábitat

→ [Do lat. *habitat*, ‘ele habita’, poss. pelo fr. *habitat*.]

Substantivo masculino. Ecol.

1. Lugar de vida de um organismo.

→ 2. Total de características ecológicas do lugar específico habitado por um organismo ou população. [Pl.: **hábitats**.]

Closet

→ [Èkla-z«t] [Ingl.]

Substantivo masculino.

1. Numa edificação (3), compartimento, ou parte dele, para guardar louças, roupas de cama e mesa, etc., e peças de vestuário, e acessórios:

(...) ²².

As palavras terminadas em “n” são apresentadas pelo dicionário, quando paroxítonas, com a informação de que o plural da palavra pode ser com [-es] ou com [-s], trazendo a marcação de "pouco usado" no Brasil para a terminação em [-es], como no caso da palavra “hímen”:

Hímen

[Do gr. *hymén*, énos, ‘membrana’, ‘pele fina’, pelo b.-lat. *hymen*, por via erudita.]

Substantivo masculino.

→ 1. Anat. Prega formada pela membrana mucosa da vagina, cujo orifício externo oclui parcial ou totalmente, e que apresenta uma abertura de forma e diâmetro variáveis. [Pl.: **himens e (p. us. no Brasil) hímenes**.]

Já os monossílabos tônicos terminados em “n” não trazem a informação de sua forma no plural, como no caso da palavra “éon” .:

²² O dicionário não apresenta a forma plural para o caso, mas considerando a informação de “estrangeirismo”, intuimos que a forma seria a mesma do inglês, qual seja, *closets*.

Éon

[Do lat. tard. aeon < gr. aión, 'tempo', 'duração da vida', 'eternidade'.]

Substantivo masculino.

1. Hist. Filos. Entre os gnósticos, energia eterna emanada de um ser supremo, mediante a sua ação sobre o mundo.
2. Período de tempo muito longo, ou indefinido.
3. Cronol. Período de tempo correspondente a 1 bilhão de anos.

1.5. Análise dos dados encontrados no Dicionário Houaiss

Nossa análise do dicionário Houaiss teve início com as informações contidas na versão 1.0 de 2001, para extrair as palavras que constariam no questionário-piloto; após isso, comparamos os dados com a versão 3.0, de 2009.

Mesmo após o lançamento da versão 3.0, a versão anterior ainda se mantinha disponível e com uma grande utilização por parte dos usuários que já a tinham adquirido; além disso, o enfoque da primeira obra foi mais geral (direcionado a todos os países lusófonos, como veremos em seguida) e continha um número de unidades léxicas maior do que sua versão mais recente.

1.5.1. Análise da Macroestrutura do Dicionário Houaiss

A macroestrutura do dicionário é bastante completa se comparada, por exemplo, com a do dicionário Caudas Aulete, pois contém uma apresentação do dicionário, prefácio e chave do dicionário, que traz lista de abreviações e símbolos utilizados. Também estão disponíveis ao usuário notas, conjugação de verbos, lista de coletivos e uma seção denominada "vozes de animais", na qual o usuário pode conhecer o nome de cada som emitido por animais, como por exemplo, o mugido.

A consulta pode ser realizada em modo interativo, tradicional e expresso, omitindo ou exprimindo informações que são de maior ou menor relevância para o usuário.

O dicionário Houaiss 1.0 conta com 228.550 unidades léxicas²³, utilizando, para as definições e entradas, 34 redatores generalistas e especialistas e 43 colaboradores externos, além de colaboradores de Portugal, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Moçambique.

O projeto utilizou base de dados escrita de obras que englobam o Português contemporâneo. O intuito era conter o maior número possível de informações, cruzando os dados, inclusive, com outros dicionários desde o século XVI, conforme descrito na apresentação do dicionário:

A base documental sobre que este dicionário foi elaborado originou-se de pesquisas em milhares de obras literárias, técnicas e didáticas, além de periódicos de informação geral e de entretenimento, que resultaram em extensos fichários, quer digitados, quer fruto de leituras automáticas com dispositivos de varredura eletrônica. O texto de nossos verbetes, depois de estabelecido, foi confrontado com o dos mais relevantes dicionários da língua portuguesa desde o século XVI, assim como com o de expressivo número de léxicos contemporâneos de outros idiomas, todos referidos em nossa bibliografia geral.

Assim, o dicionário eletrônico acompanhou a versão impressa do dicionário, contendo um grande número de entradas, sendo chamado de “Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa”. Foi direcionado a todos os países lusófonos da atualidade, contendo informações julgadas relevantes aos falantes de Português de maneira generalizada.

Com o público-alvo bastante abrangente, uma característica deste dicionário foi a de apresentar definições que pudessem atender a pessoas de vários países diferentes, utilizando muitas marcações de regionalismo, como é evidenciado na apresentação do dicionário:

²³ O termo unidade léxica é utilizado pelo próprio dicionário quando se refere à quantidade de entradas do dicionário. Subentendemos que cada unidade léxica corresponda a uma entrada no dicionário.

Outra característica da obra resultante é a sua vocação lusofônica, que a fez debruçar-se sobre dialetismos brasileiros e portugueses, assim como registrar e definir em sua nominata palavras e locuções dos crioulos orientais e africanos de origem portuguesa, e diversos vocábulos de outros idiomas –por exemplo do chinês e de algumas línguas da África –, incorporados ao nosso léxico por se registrarem em obras literárias cujo meio de expressão foi o português.

Entretanto, utilizou em sua base de dados somente o Português contemporâneo do Brasil e de Portugal, conforme a apresentação do dicionário define:

Do trabalho geral resultou uma obra de cerca de 228.500 unidades léxicas que não privilegia determinada faixa cronológica ou geográfica da língua. Versa diacronicamente sobre fenômenos não apenas do português contemporâneo do Brasil e de Portugal, mas ainda, embora de forma seletiva, sobre vocábulos da língua antiga e da arcaica, cujo registro se justifica pelo percentual de sua ocorrência na história da literatura portuguesa.

Por isso, a escolha da versão 1.0 como base para a elaboração do questionário se justifica por se tratar de uma versão com maior número de entradas, mais próxima da obra impressa e direcionada a um público-alvo mais abrangente que a posterior, como veremos.

A versão 3.0 do dicionário Houaiss foi lançada em 2009, sendo uma obra intermediária entre o Grande Houaiss e o Minidicionário, ambos lançados no mesmo ano, contando com 146 mil entradas, número intermediário entre o Grande e o Mini (o Grande Houaiss conta com aproximadamente 230 mil entradas, e o Minidicionário, com cerca de 30 mil). Ele mantém a estrutura do verbete o mais semelhante possível e corta entradas com menor frequência de utilização e palavras dos crioulos orientais africanos que constavam no Grande.

Além disso, o dicionário foi novamente direcionado aos brasileiros, contendo informações sobre o acordo ortográfico de 2009 e marcas de uso baseadas somente no Português do Brasil.

Em síntese, as duas versões apresentam macroestrutura bastante semelhante.

1.5.2. Análise da Microestrutura do Dicionário Houaiss

A microestrutura do dicionário, em ambas as versões, é bastante amigável e de fácil utilização, sendo até mesmo mais prática do que a versão impressa, uma vez que as listas de abreviação podem ser consultadas dentro do próprio verbete por sistema de *interlinks*, o que se aplica também aos termos utilizados, podendo ser realizadas novas buscas com o clique sobre a palavra.

Com relação às palavras utilizadas no trabalho, a única divergência de enfoque é o tratamento dado por cada versão às palavras terminadas em “x”, havendo, nos demais casos, uniformidade no tratamento dado pelo dicionários ao plural das palavras pesquisadas.

Para o caso das paroxítonas ou proparoxítonas terminadas em “s”, o dicionário segue o mesmo tratamento dos demais, apresentando a rubrica “comum de dois números”, como nos casos de “isósceles”, “vírus” e “múnus”:

Isósceles



adj.2g.2n(grifos nossos). (1679) GEOMque possui dois lados iguais (diz-se de triângulo ou de trapézio) □ ETIM gr. isoskelês,és 'de lados iguais, que tem as pernas iguais' □ SIN/VAR isóscele

Vírus



s.m.2n.(grifos nossos)(1601 cf. RecCir) 1VIR cada um de um grupo de agentes infecciosos diminutos (de 10 nm a 250 nm de diâmetro), caracterizados pela falta de metabolismo independente e pela habilidade de se replicarem somente no interior de células vivas hospedeiras; são compostos por uma bainha protéica que circunda uma molécula de ácido nucléico (ADN ou ARN) (...)

Múnus

→ **s.m.2n.**(grifos nossos) (1784 cf. MS⁶) tarefa, dever obrigatório de um indivíduo; encargo, obrigação □ m. público JUR encargo, emprego ou função de exercício público □ ETIM lat. *múnus, èris* 'cargo, ofício, emprego'; ver *muner-*

Para os casos de monossílabos tônicos ou oxítonas, a regra adotada pelo dicionário é o acréscimo de [-es] para a formação do plural, como nos casos de “arnês” e “gás”:

Arnês

s.m. (1379 cf. IVPM) **1ant.** armadura completa de um guerreiro, que o cobria da cabeça aos pés **2p.ext.** arreios de cavalo **3fig.** aquilo que protege, ampara <o a. da religião> □ ETIMfr.ant. *herneis* (sXI), depois *harnais*'id.'; do esc.ant. **herrnestou hernes*/provisões de um exército'; f.hist. 1379 *aneses*, sXV*arnes*, sXV*arnezes*, sXV*arnesses* □ SIN/VAR ver sinonímia de *égide* □

→ **HOM arneses /ê/ (pl.)(grifos nossos)/ arneses(fl.arnesar).**

Gás

s.m. (1813 cf. MS²) **1FÍS** estado da matéria que tem a característica de se expandir espontaneamente, ocupando a totalidade do recipiente que a contém □ cf. *fluido compressível*

[...]

→ □ **HOM gases(pl.)/ gizes(pl.gaz [s.m.] e gaze[s.f.]) (grifos nossos)**

As palavras terminadas em “x” apresentam a maior divergência entre as duas versões utilizadas, sendo justamente a terminação que ocasionou a comparação entre as duas versões do dicionário. Na versão 1.0 (de 2001), as palavras com essa terminação apresentam plural com acréscimo de [-es], demonstrando um forte apelo diacrônico, pois a análise é baseada na etimologia de palavras com a mesma terminação, como o caso de *índice*, que apresenta em sua etimologia uma versão como *índex*:

Índice

lat. *index, i* (pelo ac.) 'o que anuncia, mostra, denuncia, indicador, revelador, índice, inscrição, registro, catálogo, lista, inscrição', ligado ao v. lat. *indíco, is, díxi, dictum, ère* 'dar a saber, anunciar, denunciar'; erud. sXVIII, adj. e subst.; em MS (1813) acp. 'tabuada do livro, onde se apontam os argumentos dos capítulos, ou por ordem alfabética, as matérias que nele se tratam, ou pessoas, ou lugares etc.'; cp. divg. *índex*; ver *diz-*; 1676 é a data para a acp. 'ponteiro', 1713 é a data para a acp. debibl 'lista de itens importantes de uma publicação', e 1926 é a data para a acp. 'm.q. dedo indicador'

Assim, esta terminação "ces" encontrada no plural de "índice" é generalizada nas demais palavras de origem latina ou grega, como "tórax" e "clímax":

Tórax

/cs/ s.m. (1670 cf. AFLuz) 1ANAT parte do corpo situada entre o pescoço e o músculo do diafragma e que aloja os principais órgãos da respiração e da circulação; peito 2ANAT.ZOO nos animais segmentados, conjunto de anéis situados entre a cabeça e o abdome □ **GRAM pl.: tóraces (grifos nossos)** □ ETIM gr. *thôraks, akos* 'peito, tórax'; ver *torac(o)-*; f.hist. 1670 *thorax*, 1721 *torax* □ noção de 'tórax', usar *antepos. tora-* e *torac(o)*.

Clímax

/cs/ s.m. (1836 cf. SC) 1 ponto mais alto 2ECO comunidade estável que se estrutura ao final de uma sucessão ecológica, adaptada às condições ambientais específicas da região, e na qual a biomassa e a biodiversidade permanecem constantes □ cf. *disclímax* 3FISLm.q. **orgasmo[...]** **GRAM pl.: clímaces (grifos nossos)** □ ETIM lat. *climax, àcis'id.*, do gr. *klîmaks, akos* 'escada, degrau, gradação'; ver *climac-[...]*

Entretanto, a versão 3.0 do mesmo dicionário (2009) apresenta essas palavras como invariáveis:

Tórax

lcs\ s.m.2n. (grifos nossos)(1670) 1ANAT parte do corpo situada entre o pescoço e o músculo do diafragma e que aloja os principais órgãos da respiração e da circulação; peito [...]

Clímax



lcs\ s.m.2n. (grifos nossos) (1836) 1 ponto mais alto 2ECO comunidade estável, adaptada às condições ambientais específicas da região, e na qual a biomassa e a biodiversidade permanecem constantes 3FISLm.q. **orgasmo**[...]

A necessidade de comparar as duas versões surgiu com a aplicação do questionário de pesquisa ainda na sua fase piloto, quando os resultados iniciais apontaram para uma realidade linguística diferente da contida na primeira versão do Houaiss eletrônico. Com isso, consultamos a versão mais atualizada para verificar como ocorria o tratamento do plural de palavras desse tipo.

Alguns gráficos evidenciam os dados colhidos nesta aplicação, sendo as alternativas as seguintes: a) correspondeu à manutenção da forma singular, a alternativa b) correspondeu ao acréscimo de "ces" em substituição à letra "x", e a alternativa c) correspondeu ao acréscimo de [-es].

A formação do plural como sendo *tórces* e *dúplices* não foi escolhida como resposta pelos falantes em percentual significativo, sendo que, para o caso, a maior parte das respostas se concentrou na manutenção da mesma forma para o plural e para o singular (alternativa a)).

Há, neste caso, uma adequação do dicionário em sua versão 3.0 ao efetivo uso das formas encontradas em nossa pesquisa, de modo que há uma tendência maior à descrição que à normatização se compararmos a segunda versão do Houaiss com a primeira.

As palavras terminadas em "r" não apresentam plural registrado no dicionário para todos os casos pesquisados (proparoxítonas, paroxítonas, oxítonas e monossílabos tônicos):

Fêmur



s.m. (1815 cf. Cuvier)(grifos nossos)1ANAT osso longo da coxa, que se articula proximalmente com o quadril e distalmente com a tíbia e a patela 2p.met. a coxa 3ANAT.ZOO o maior e mais robusto segmento da perna de um inseto, arácnido ou miriápode; localizado entre o trocanter e a tíbia □ ETIM lat.*femur*, *òris* (ou ant. *ìnis*,) 'coxa', prov. por infl. do fr. *fémur* (sXVI) 'id.'; *verfemor(o)*-□ noção de 'fêmur', usar *antepos.femor(o)*-

Entretanto, há a indicação do acréscimo de [-es] em alguns casos, como observamos nos exemplos a seguir, em que o plural só é indicado para a palavra “ar” para a explicitação de um homônimo:

Ar

s.m. (sXIII cf. IVPM)(grifos nossos)1QUÍM mistura gasosa que forma a atmosfera, constituída principalmente de nitrogênio (78 %) e oxigênio (21 %) (...)

→ **HOM ares(pl.) (grifos nossos)/ares(fl.arar)** e **Ares(mitôn., astr. e antr.m.)** □ noção de 'ar', usar *antepos.aer(i/o)-* e *pneumat-*

As palavras terminadas em “z” são oxítonas ou monossílabos tônicos, registrando o dicionário o acréscimo de [-es] para esses casos, como nos exemplos a seguir:

Xadrez

/ê/ s.m. (sXIV cf. FichIVPM) 1ENX jogo que simula o conflito entre dois exércitos, cada qual composto de 16 peças passíveis de movimento em tabuleiro, subdividido em 64 casas, disputado com a utilização de intenso raciocínio lógico e estratégico, dispensando qualquer interferência da sorte [De remota orig. indiana, foi trazido ao Ocidente pelo islã, por volta do sXI.] [...] □ **GRAM pl.: xadrezes** □ ETIM ár. *xatrandj*, do sânsc. *chaturanga*, lit. 'os quatro membros' (as quatro divisões do exército, representadas no jogo de xadrez); f.hist. *sXIVaçedreche*, *sXIVasederex*, *sXIVasederez*, *sXIVeixedrez*, *sXIVssedrez*, *sXIVxedrez*, *sXVIxadrez* □ SIN/VAR ver sinonímia de *prisão* □ HOM *xadrezes /ê/ (pl.)/ xadrezes(fl.xadrezar)*.

Az

s.m. (sXIII cf. IVPM) 1MILant. divisão de um exército formada para atacar ou defender **2p.ext.** aglomerado de pessoas ou coisas; multidão **3** acampamento, arraial **4** grupo de pessoas em ala ou enfileiradas a fim de cercar lobos **5** bando de lobos; alcatéia □ **GRAM pl.: azes** □ ETIM lat. *acies*, *éi* 'agudeza do gume e do espírito; linha de combate, batalha'; f.hist. *sXIVaaz*, *sXIVaze*, *sXVazees* □ **HOM as(f.pl.art.def., pron.p., pron.dem. o), ás(s.m. e pl. á [s.m.]), às(contr.prep. a + as [f.pl.art.def., pron.dem. o]) e há(s(fl.haver); azes(pl.)/ ases(pl. ás [s.m.]), e Ases(mit.m.pl.)**

As palavras terminadas em “t” são tratadas pelo Houaiss 3.0, a exemplo dos outros, como estrangeirismos que foram incorporados ao Português, apresentando as palavras como "comum de dois números", como nos casos a seguir:

Deficit



/defikit, *correntedefisit*/ [lat.] **s.m.2n.(grifos nossos)**. (1820 LBourd 545) **1ECON** aquilo que falta para completar determinada quantidade de numerário ou para inteirar uma conta <d. *financeiro*>**2p.met.ECON** situação decorrente dessa falta <o d. *da Previdência Social*>[...] □ ETIM fr. *déficit* (1560) 'elemento que falta num inventário', substv. da 3ªp.s. do pres.ind. do v.lat.*deficio, is, éci, éctum, icère* 'abandonar, fazer falta a, extinguir-se, falecer etc.'; ver *faz*- □ ANT excedente, *superávit*

Habitat



/habitat, *correnteabitat*/ [lat.] **s.m.2n.(grifos nossos)** (1881 cf. CA¹) **1ECO** conjunto de circunstâncias físicas e geográficas que oferece condições favoráveis à vida e ao desenvolvimento de determinada espécie animal ou vegetal **2ECO** tipo de ambiente caracterizado por um conjunto de condições bióticas e abióticas integradas [...]

Para as palavras terminadas em “n”, o dicionário apresenta como plural o acréscimo de [-es] e marca como brasileirismo o acréscimo de [-s]. É o caso da palavra “hífen”. Essa mesma regra é indicada pelo dicionário também para monossílabos tônicos como “éon”:

Hífen



s.m. (1576 DNLeOfº 76v) EDIT GRÁF GRAM sinal em forma de um pequeno traço horizontal (-), us. para unir os elementos de palavras compostas, separar sílabas em final de linha e marcar ligações enclíticas e mesoclíticas; *risca-de-união*, *traço-de-união*, *tirete* <*guarda-chuva*><*abolição*><*telefonaram-lhe*><*fá-lo-ei*> □ GRAMPi.: **hífenes e (B) hífens(grifos nossos)** □ ETIM gr. *huphén* adv. 'juntamente', pelo lat.tar. *hyphen*; f.hist. 1576 *hyphen*

Éon



s.m. (a1958 cf. MS¹⁰) **1** imensurável período de tempo; a eternidade **2CRON GEOL** a maior unidade do tempo geológico, imediatamente antes de era na hierarquia geocronológica [...] □ iniciais por vezes maiúsc. □ **GRAM pl.:** **éones e (B) éons(grifos nossos)** □ ETIM gr. *aiôn, ónos* 'tempo, duração da vida, longo espaço de tempo indeterminado, eternidade'; ver *eon-*

1.6. Considerações Finais do Capítulo 1

Com a análise dos verbetes de dicionários, percebemos que, em geral, o tratamento dado às palavras pesquisadas foi bastante semelhante nos três dicionários: as palavras terminadas em “s” são tidas como "comum de dois números", as terminadas em “r” e “z” levam o acréscimo de “es”, e as terminadas em “t” recebem o acréscimo de “s”.

Entretanto, consideramos que dois pontos merecem destaque: (i) o tratamento dado pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa às palavras terminadas em “x”; e (ii) o tratamento dado por todos os dicionários às palavras terminadas em “n”.

A apresentação do acréscimo de “ces” às palavras terminadas em “x” na primeira versão do Houaiss denota um apelo à diacronia, elemento que mantém a tradição do próprio dicionário, que sempre foi conhecido pelas explicações etimológicas. Vale ressaltar que o próprio Antonio Houaiss, que dá nome ao dicionário, foi um conhecido filólogo.

Essa visão foi ajustada na versão mais recente do dicionário, que optou por descrever a utilização sob o ponto de vista sincrônico, abandonando o aspecto histórico e apresentando o uso efetivo da língua. Consideramos isso uma verdadeira evolução no pensamento lexicográfico, que passa a reconhecer a língua em uso, abandonando, em certa medida, a visão purista, normalmente atrelada à manutenção da etimologia da palavra a qualquer custo.

Para o caso das palavras terminadas em “n”, todos os dicionários registraram o plural em [-es], trazendo o acréscimo de [-s]. Entretanto, o Dicionário Houaiss marca o acréscimo de [-s] como “brasileirismo”, ao passo que os Dicionários Caudas Aulete e Aurélio marcam o acréscimo de [-es] para essas palavras como menos usual no Brasil, em ordem inversa, portanto.

Somente no Caudas Aulete Digital, é possível encontrar a forma mais usada no Brasil (plural com "s") sendo apresentada na primeira posição²⁴; mas ela é apresentada com marca de menor uso, podendo levar o usuário a pensar que a forma usada no Brasil não é tão bem vista sob o ponto de vista da Tradição Gramatical, posto que há a indicação do acréscimo de [-es] logo na sequência, que, como se observará no capítulo de análise de dados, é desconhecida pela maioria dos falantes cultos.

Portanto, verificamos que o tratamento dado pelos dicionários ao plural das palavras pesquisadas é bastante homogêneo, apresentando pequenas variações entre os dicionários utilizados e contendo, ainda, apelo à diacronia em certos pontos, além de possuir forte apelo da Tradição Gramatical ao expor com preferência as formas menos utilizadas pelos brasileiros.

²⁴Embora o dicionário Aurélio aponte o maior uso no Brasil para o acréscimo de [-s], essa forma é apresentada após a indicação do acréscimo de [-es], como no caso da palavra "hímen" citada no item 1.4.2.

2. APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DO APELO DIACRÔNICO PRESENTE NA GRAMÁTICA TRADICIONAL (GT)

2.1. Introdução

Neste capítulo, apresentaremos o tratamento dado pela Gramática Tradicional (GT) ao plural de nomes no Português do Brasil, utilizando, para isso, obras de cunho normativo, histórico e pedagógico.

Pretendemos com essa análise verificar como estão veiculadas as informações utilizadas pela GT que chegam ao ensino formal de Português, realizado nas escolas brasileiras e que interferirá na forma com que o Português Culto é constituído e usado no Brasil.

Por isso, utilizamos uma gramática histórica, duas gramáticas pedagógicas direcionadas ao ensino médio e cinco gramáticas normativas, além da gramática escrita por João de Barros (1540), que foi analisada com o intuito de verificar a mudança de abordagem realizada pelas gramáticas normativas com o decorrer do tempo.

Apresentaremos alguns conceitos básicos, como o próprio conceito de plural para os autores e verificaremos como estão postas as regras para a formação de plural e o tratamento dado à formação do plural que foge às regras propostas, quando há tal menção nas obras pesquisadas.

2.2. A Gramática de João de Barros

A Gramática de João de Barros (1540), primeira gramática tradicional do Português, já previa uma seção específica para o plural dos nomes em Português, estabelecendo algumas regras e apontando conceitos que podem ser encontrados ainda hoje em algumas de nossas gramáticas.

Observemos o conceito de número em nomes do Português dado pelo autor:

*N*mero é o nome, e aquella distincã per que apartamos hum de muitos, E ao numero de hũ chamã os grãmaticos. Singulár, e ao de muitos, Plurár, e falando pelo primeiro diremos, o hómẽ uerdadeiro tem pouca de seu. E se disser, os hómẽes bulrrões tem pouca uergonha, fálo pelo numero plurár, por que sam muitos.

A definição de plural do autor seria a definição pela qual se diferencia “um” (singular) de “muitos” (plural), sendo um o número do singular e mais de um o plural. A regra geral apresentada é o acréscimo de “s” à palavra no singular, ou de “es” em casos específicos:

A Formaçam dos nomes no plurár da primeira declinaçam, e cousa muy facil: ca nam tem mais que acrescentar lhe esta letera, s, como óra uimos em o nome Rainha q̃ declinamos. E per semelhãte módo, se póde fazer e os outros nomes desta primeira declinaçam.

☛ Tiranse desta regra, os nomes que acabam e. ay, como páy, cõtráy, os quães leuádos ao plurár dizemos páyes, contráyes, acrescentandolhe esta syllaba, es.

☛ Os nomes da segunda declinaçam sam mais difficil-tófos de formár que os da primeira, por que leixam leteras e tomam leteras per esta maneira. Os que se acabam e al, el, ol, ul, formanse perdendo a letera, l, e tomãdo

Também destacamos as terminações em “l”, que são divididas pela letra²⁵ que a precede, recebendo a terminação “es” após a supressão da letra “l”, como na segunda regra apresentada.

A mesma terminação (“es”) é apresentada pelo autor para as palavras terminadas em “r”, “z” e “s”, formando palavras como *pomar/pomares*, *paz/pazes* e *deus/deuses*, como descrito no trecho abaixo:

²⁵ João de Barros não utiliza em suas explicações o conceito de morfema, mas fala em letra (s) e sílaba (es).

Os nomēs que se acábam em, r, s, z, se formam acrescentando-lhe esta diçam, es, como Pomár, pomáres, deos, deoses: páz, pázes. &c.

Assim, a Gramática de João de Barros, de 1540, define algumas regras que são mantidas nos dias de hoje para a formação do plural e, como destacaremos adiante, são ainda utilizadas pelas Gramáticas do Português atualmente.

Destacamos, por fim, que a Gramática de João de Barros não apresenta outras explicações para o plural, restringindo-se aos casos apresentados.

2.3. Tratamento dado ao plural pela Gramática Histórica

Para a verificação das regras de formação de plural em uma gramática histórica, utilizamos a Gramática Histórica de Said Ali (1966 (1921)), que tem como característica o descritivismo baseado em hipóteses diacrônicas, utilizando-se de textos antigos e obras clássicas para a formação das hipóteses.

Embora consideremos a obra como descritivista, optamos por inseri-la nesta seção por conter apelo diacrônico que percebemos como típico do pensamento expresso pela Tradição Gramatical, o que é evidenciado quando comparamos as regras apresentadas pela Gramática Histórica com as apresentadas pelas Gramáticas Normativas/Tradicionais.

Said Ali (1966) não apresenta o conceito de plural, mostrando, logo no início do capítulo sobre o plural, a regra geral para formação de plural em substantivos, como se observa a seguir:

Forma-se o plural dos substantivos acrescentando-se -s à terminação vocálica, e -es à terminação consonantal: *rio-s, pena-s, mar-es, cruz-es*. Palavras terminadas em vogal nasal simples em que se representa a nasalização pela letra *m*, mudam esta letra em -*nao* passarem para o plural: *homem, homens; jardim, jardins*. (SAID ALI, 1966, p. 58).

Percebemos na formulação de Said Ali (1966) dois pontos que merecem destaque: (i) o autor considera que a regra geral contempla dois morfemas para a formação do plural em nomes, sendo o acréscimo de -s para as palavras terminadas em vogal e de -es para as palavras terminadas em consoante; e (ii) o autor fala em vogal nasal para palavras terminadas em "m", explica que se deve mudar o "m" em "n" e acrescentar o "s", como na formação de plural para as palavras terminadas em vogal.

Em seguida, o autor destaca que não há alteração no plural para os nomes não oxítonos terminados em sibilante (cf. SAID ALI, 1966, p. 58), o que, como se observará no capítulo 4, contraria nossa hipótese de pesquisa.

Além dos casos apresentados, o autor mostra regras para a formação de plural em palavras terminadas em "l" e em "ão"²⁶, distribuindo a formação de plural em quatro tipos principais, sendo eles: i) a regra geral; ii) a formação de nomes terminados em sibilante; iii) a formação de plural em palavras terminadas em "l"; e iv) a formação de plural em nomes com terminação "ão", havendo subdivisões internas nas regras.

Para as palavras terminadas em "l", o autor utiliza a regra para as consoantes, com o acréscimo de [-es] somente para as palavras *mal/males* e *cônsul/cônsules*. Para os demais nomes, apresenta a seguinte regra:

No plural dos demais nomes, dá-se o desaparecimento de l [e substituição de e por ã]: *dedais* (por *deda(l)es*); *lençóis* (por *lenço(l)es*). Em português antigo *sol* conservava a consoante no plural: *se o sol tomasse outra mulher, faria outros filhos que seriam soles e dariam tanta quentura em si* (L. Esopo 14). Nas *Ordenações de d. Manuel 1*, tit. 45 usa-se ainda *roles* como plural de *rol*.

(SAID ALI, 1966, P. 58-59)

Outra regra é apresentada para o caso das palavras terminadas em "el", em que o autor considera que o contato entre as duas vogais semelhantes, após o

²⁶Optamos por incluir no trabalho a apresentação feita pelos autores das gramáticas utilizadas sobre o plural em palavras terminadas em "ão" pelo fato de que, geralmente, as explicações sobre o plural dessas palavras encontram-se ao lado das explicações sobre o plural de palavras terminadas em consoante e é quase sempre amparada por um viés diacrônico bastante forte. Isso evidencia, em parte, a visão geral dos gramáticos sobre o plural.

desaparecimento da consoante, provoca a dissimilação da segunda vogal, formando plural de palavras como *anel/anéis* e *papel/papéis*.

Para as palavras terminadas em “*il*”, o autor considera que houve assimilação da vogal e posterior absorção da segunda vogal, resultando *-is* de *-iis<-ies<-iles*, como “ardil/ardis”. Entretanto, o autor destaca que as palavras com esta terminação são oxítonas no plural; não conservando a pronúncia latina, seguem as regras de paroxítonas em adjetivos colocadas pelo autor, ou seja, com plural em “*eis*”, como, por exemplo, “réptil/répteis”.

Para os substantivos terminados em “*ão*”, o autor destaca que sua formação deriva dos nomes latinos terminados em “*o*” que possuíam o genitivo latino em *-onis*, mantendo-se a regra geral de acréscimo de [-es](já que a grafia da terminação “*õ*” era *-om*), ocorrendo a alteração em ditongo com prolongamento da vogal (*õoes*), que com o tempo, se perdeu.

Assim, para Ali (1966), palavras com o plural em “*ães*” e “*ãos*” são exceções originadas pela confusão entre os termos latinos em “*ane*” e “*anu*”, conforme acentua:

Os termos em *-ane* e *-anu*, donde se originaram os plurais em *-ães*(português antigo *ãaes*) e *-ãos* (português antigo *-ãaos*), recebidos do latim, foram mui poucos em comparação da onda de nomes em *-one* com que se enriqueceu o idioma português; e teria havido dificuldade em formar o plural desses diversos nomes se no singular as terminações *-om*, *-am* e *ão* houvessem permanecido sempre distintas entre si. Ao contrário disso, principiaram elas desde cedo a confundir-se na pronúncia, e daí o embaraço não somente para o plural de vocábulos para os termos que novamente se cunharam ou importaram do estrangeiro.

(SAID ALI, 1966, P. 60)

É interessante perceber que o autor consegue utilizar hipóteses bastante gerais e de explicação com menos restrições que os autores da GT, como se observará nos itens seguintes. Merece destaque a coerência que o autor tem com a metodologia escolhida para a obra e também a observação de que as palavras terminadas em “*ão*” devem ser estudadas caso a caso, justificando historicamente os motivos, o que não se verá em nenhuma outra gramática.

2.4. Tratamento dado ao plural pelas Gramáticas (Normativas) Escolares

O primeiro ponto que merece destaque é o de que as gramáticas escolares são, na realidade, normativas, mas com aplicação didática especificada pelo público alvo mais restrito do que as gramáticas normativas em geral: estudantes em contexto de formação em ensino fundamental/médio. Entendemos que tais gramáticas são, na verdade, gramáticas normativas aplicadas à sala de aula.

Optamos por analisar os dados contidos nas gramáticas escolares em seção específica justamente pelo fato de terem um direcionamento mais restrito.

Para analisar o tratamento dado ao plural pelas gramáticas escolares, selecionamos duas obras utilizadas em salas de aula em ensino médio, sendo os autores escolhidos Cereja & Magalhães (2009) e Abaurre (2006).²⁷

Primeiramente, utilizaremos as informações sobre o plural apresentadas por Abaurre (2006). A autora descreve como regra geral o acréscimo do morfema {-s} para a formação do plural, destacando como forma marcada o plural em oposição ao singular:

No caso da flexão de número, as formas não marcadas são as do singular, enquanto as formas marcadas são as do plural para cuja formação acrescentamos o morfema -s.(...) A regra geral de formação do plural estabelece que os substantivos terminados em vogal ou ditongo recebem o acréscimo do morfema -s à forma singular. (ABAURRE, 2006, p. 184).

Para o caso das palavras terminadas em "m", a autora destaca que a regra geral se mantém, pois a letra "m" representa uma vogal nasal; além disso, destaca a sua "troca" da letra pela letra "n".

Em seguida, a autora trata do plural de palavras terminadas em "ão", destacando apenas que esse plural pode variar, sendo formado por "ões" em aumentativos e "alguns substantivos" (cf. ABAURRE, 2006, p. 184) e nos demais casos segue a regra geral.

²⁷ Ambas as gramáticas são também normativas/tradicionais, mas seu público-alvo é claramente os/as estudantes, o que não vemos com tanta clareza nas chamadas gramáticas normativas.

Após apresentar essas regras, a autora passa a tratar do plural em substantivos compostos e da mudança de timbre da vogal "o" em alguns plurais, os quais denomina de “metafônicos”²⁸.

Cereja & Magalhães (2009), por sua vez, apresentam as regras de formação de plural em um quadro, acentuando que a regra geral é o acréscimo da “desinência -s” (CEREJA & MAGALHÃES, 2009, p. 58), havendo o acréscimo de [-es] nas palavras terminadas em “r”, “s” ou “z” e observando que os substantivos terminados em “l” fazem o plural substituindo-se o “l” por “is”.

Assim, os autores não dão ênfase à formação do plural, mas o apresentam em um quadro bastante resumido que, na obra, contém informações adicionais e dicas para o leitor do livro didático.

Observamos que as explicações oferecidas são mais complexas e menos claras ao leitor do que as oferecidas por Said Ali (1996). As explicações se limitam a descrever as exceções do português, sem deixar claro o motivo de ocorrência dessas exceções e a necessidade da própria explicação.

2.5. Tratamento dado pelas Gramáticas Normativas

Em geral, o tratamento dado pelas Gramáticas Normativas ao plural de nomes é bastante similar, de modo que optamos por descrever o conteúdo das obras aproximando os tratamentos semelhantes e destacando as divergências no tratamento.

2.5.1. Nova Gramática do Português Contemporâneo (CUNHA & CINTRA, 2008)

Cunha & Cintra (2008, p. 194) consideram que o substantivo está no singular quando “designa um ser único, ou um conjunto de seres considerados como um todo (substantivo coletivo)”, sendo o plural, por consequência, a designação de mais

²⁸ Por não ser objeto do presente trabalho, optamos por não descrever detalhadamente as regras propostas pela autora para os dois casos.

de um ser ou mais de um desses conjuntos. Daí, estipulam algumas regras para a sua formação.

A regra geral apresentada pelos autores é a de acréscimo de {-S} ao singular, incluindo nessa regra os substantivos terminados em vogal nasal, como a nasalidade das vogais /e/, /i/, /o/ e /u/, que são representados graficamente por um “m”, que passa a ser escrito como “n”, como em “som/sons”.

Com relação aos substantivos terminados em “ão”, os autores apresentam uma relação de nomes com singular e plural para exemplificar as terminações “ãos”, “ães” e “ões”, alertando o leitor que os plurais contidos nessa lista foram consagrados com o tempo e que há, ainda, uma outra lista de palavras em que a forma de plural ainda não foi definitivamente fixada.

Para as palavras terminadas em consoante, Cunha & Cintra (2008) apresentam algumas regras, sendo a primeira o acréscimo de [-es] aos substantivos terminados em “r”, “z” e “n”, observando que em algumas palavras ocorre mudança de acentuação, como no caso da palavra *caráter*, que no plural passa a *carateres*.

O acréscimo de [-es] também é indicado pelos autores para os substantivos terminados em “s” oxítonos, destacando que, quando paroxítonos, tais substantivos são invariáveis. Acrescentam ainda que alguns monossílabos como “cós” e “cais” são invariáveis e que alguns paroxítonos terminados em “x” são invariáveis, como *tórax/ os tórax*.

Em seguida, Cunha & Cintra (2008) apresentam as regras para as palavras terminadas, no singular, em “l”, indicando que: (i) as palavras terminadas em “al”, “el”, “ol” e “ul” substituem o “l” final por “is”; (ii) as terminadas em “il” mudam o “l” por “s”, quando oxítonas e, quando paroxítonas, substituem a terminação por “eis”.

2.5.2. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa (AZEREDO, 2008)

O primeiro ponto que merece destaque é que essa gramática é escrita por um linguista, quando, em geral, obras desta natureza são escritas por filólogos, assim como ocorre com os grandes dicionários disponíveis no mercado brasileiro. Por isso, verificamos que há o cuidado por parte do autor de estabelecer, ao menos

inicialmente, os morfemes que contêm o significado do plural no Português, como observamos em seguida:

A variação de número consiste na oposição entre a forma do singular (ex.: *peixe, homem, anel, fuzil, réptil, cantor, freguês portão*) e a forma do plural, assinalada pelo morfema gramatical indicado na escrita pela letra *s* ou pelo segmento *es* ou *is* (ex.: *peixes, anéis, fuzis, répteis, cantores, fregueses, portões*).

Nos dois primeiros exemplos – peixes e homens –, o significado da forma do singular não se altera quando se acrescenta o morfema de plural; nos demais exemplos, no entanto, ocorrem algumas alterações fonéticas por efeito da pluralização: *anel* passa a *ané-*, *fuzil* passa a *fuzi-*, *réptil* passa a *répte-*, *cantor* (com /R/ posterior) passa a *cantor* (com /t/ dental simples), *freguês* [fre'geys] ou [fre'ges] passa a *fregues-* [fre'gez], *portão* passa a *porto-*. (AZEREDO, 2008, p.164).

Em seguida, o autor se preocupa em mostrar a regra geral para o plural nos substantivos, sendo ela, como nos demais autores, o acréscimo de “s” ao final dos nomes terminados em vogal, ditongo oral ou nasal “ãe”, apresentando a observação de que o Português não admite a sequência “ms”, motivo pelo qual o “m” final é substituído por “n”.

Para Azeredo (2008), os nomes terminados em “r” ou “z” recebem o acréscimo de “es”, como em *bar/bares* e *cartaz/cartazes*.

Os nomes terminados em “s” são enquadrados pelo autor em duas regras:

a) Os oxítonos e monossílabos recebem *-es*: *país – países, freguês – fregueses, mês – meses, cós – coses*;

b) Os paroxítonos, os proparoxítonos e os monossílabos constituídos de ditongo são invariáveis: um *pires* – dois *pires*, algum *lápiz* – alguns *lápiz*, este *atlas* – estes *atlas*, o *ônibus* – os *ônibus*, o *cais* – os *cais*.

(AZEREDO, 2008, p.165)

Os nomes terminados em “x” são divididos, também, em duas regras, sendo invariáveis quando paroxítonos e facultativamente flexionados quando são monossílabos ou oxítonos.

Já para os casos de palavras terminadas em “l”, a regra apresentada é a seguinte: se a vogal precedente for um “i” tônico, a marca de plural será “s”; se a vogal precedente for um “i” átono, esta vogal se tornará um /e/ diante da marca do plural; e se a consoante for precedida por qualquer outra vogal, a marca de plural será “is”.

Azeredo (2008) aponta, por último, as regras para os nomes terminados em “ão”, sendo a regra geral a mudança de “ão” em “-õe-“ antes da marca de plural, incluindo os aumentativos e substantivos derivados de verbo, e a regra especial o acréscimo de “s”. Observa, ainda, que há um grupo de nomes desta categoria que precisam ser memorizados por possuírem irregularidades, indicando a consulta dos leitores a gramáticas e dicionários.

2.5.3. Moderna Gramática Portuguesa (BECHARA, 2009)

O primeiro ponto que merece destaque da obra de Bechara (2009) é a descrição morfológica do plural dos nomes em Português:

Em português, o significado gramatical plural é obtido com a presença da desinência pluralizadora-s fonologicamente constituída pela consoante sibilante pós-vocálica diante de pausa. O singular se caracteriza pela ausência dessa desinência.

A flexão de número, em português, pelo mecanismo da concordância, se estende ao adjetivo (e demais adjuntos do substantivo) e ao verbo, quando este entra em concordância com a pessoa do sujeito.

O autor define oito regras para a formação de plural, sendo a última a metafonía que, por não ser objeto de nosso estudo, não será abordada.

A primeira regra diz respeito ao acréscimo de [-s], que ocorre em palavras terminadas “explicitamente” (cf. BECHARA, 2009, p.118) por vogal ou ditongo oral (como livro/livros), vogal nasal tônica ou átona (como irmã/irmãs e dom/dons) e ditongos nasais “ãe” no singular ou “ão” átono (como mãe/mães e benção/bênções).

A segunda regra é sobre o acréscimo de [-es], que ocorreria com terminações em “s”, “r” e “z”, cuja explicação seria, segundo o autor, a restituição de uma vogal temática histórica, como observamos: "Quando não está explicitada a vogal temática suprimida no singular deverá ser restituída para constituir a forma teórica (ás - *ase – ases) e depois ser a crescida a desinência -s.(BECHARA, 2009, p.118). Tal análise é diacrônica. A linguística, em geral, descreve esse fenômeno como alomorfia, optando por uma análise sincrônica.

A terceira regra se aplica aos nomes terminados em “n” de origem grega que, segundo o autor, permitem o acréscimo de [-s] ou [-es], seguindo a mesma lógica para a recuperação da vogal temática. O autor ressalta que a melhor opção nesse caso fora dar feição de acordo com a fonologia do Português, substituindo o “m” final por “n” e acrescentando o [-s]. Contudo, percebemos aqui uma pequena discrepância no tratamento dos dados feito pelo autor: se o “e” contido no morfema [-es] apresentado pelo autor é a recuperação de uma vogal temática, a regra seria apenas o acréscimo do morfema {-s}, já que o morfema {-e-} seria uma vogal temática, ou seja, teria forma e função morfológica definida.

A quarta regra proposta é a do plural das palavras em “ão”. Segundo o autor, os nomes em “ão” tônico pertenceriam à classe dos temas em -oe -e, conforme o plural que apresentassem, de modo que o plural de *irmão* seria formado por *irmão+s* e de *leão* seria formado por **leõe+s*. O asterisco aí indica uma forma diacrônica. O autor se apoia em Camara Jr. (obra citada) para sustentar que a vogal temática passa a semivogal de ditongo em contato com a vogal anterior, formando o radical em “-õ” (leõ). Novamente, faz-se alusão ao percurso histórico em uma gramática que não seria histórica.

O autor destaca ainda que várias palavras fogem a esta regra por conta de alterações através da história da língua, de regionalismos ou do falar popular; daí, fornece duas listas de palavras, uma com plural em “ães” e outra com plural em “ões”, que podem servir de orientação ao usuário, além de uma relação de palavras que admitem dois ou até três plurais.

A quinta regra é para o plural de nomes terminados em “l”, havendo duas subdivisões: (i) para os nomes terminados em “al”, “el”, “ol” e “ul”, ocorreria a restituição da vogal temática {-e} e o acréscimo do morfema {-s}²⁹, com a queda do [-l] intermediário e passagem da vogal temática a semivogal (que seria grafada como “i”), como por exemplo em *carnaval* > **carnavale*>*carnavales*>*carnavaes*> *carnavais*; e (ii) o plural dos nomes terminados em “il” que, quando átono, seria substituído por “e” e seguiria a mesma regra anterior (fóssil > **fossile*> **fossele*>*fosseles*>*fossees*> *fósseis*) e, quando tônico, não seria “necessário recorrer à vogal temática” (cf.

²⁹Destacamos que o autor já não mais trata a composição da vogal temática com o morfema de plural como um morfema único, mas passa a tratá-los isoladamente, conforme acentuamos anteriormente.

BECHARA, 2009: 122), ocorrendo apenas o acréscimo de [-s] e a queda do “l”. Percebemos aqui que, pelas próprias palavras do autor, a suposta vogal temática tem o único intuito de explicar o aparecimento da vogal /e/ no plural, utilizando o autor de tal recurso somente quando é necessário à explicação, típica postura *ad hoc*. Claramente, o autor se baseia em pressupostos diacrônicos quando lhe são confortáveis.

A sexta regra apresentada é para os nomes terminados em “x”, que para o autor seriam equivalentes à terminação em “ces”, seguindo, assim a regra de acréscimo de [-s]. Ele cita os exemplos de “cálx” (ou cálice)/ cálices e de “apêndix) ou (apêndice)/ apêndices.

A última regra que explicitaremos é referente às palavras que, segundo o autor, não apresentam marca de número que seriam, em suas palavras, “significantes terminados por -s em sílaba átona” (cf. BECHARA, 2009, p. 122), sendo expressa a pluralidade pelos adjuntos. Estariam incluídos nesse caso os nomes terminados em “s” e “x” com sonoridade “cs”, como pires, lápis, tórax e ônix.

Observamos que o autor utiliza reconstruções históricas e linhas do tempo em várias das regras apresentadas, deixando o leitor com a sensação de que está diante de uma Gramática Histórica, embora as técnicas utilizadas não sejam de Linguística Histórica e o título da Gramática (Moderna Gramática) indique ao leitor uma obra de suposta metodologia sincrônica.

2.5.4. Gramática Normativa de Língua Portuguesa (ROCHA LIMA, 2012)

Rocha Lima (2012), por sua vez, inicia sua explicação sobre a formação do plural em Português pela definição do morfema de plural:

O morfema de plural no português é o s (com uma variante es), que se opõe a um morfema zero, sinal particularizante do singular. Apenas fogem à singeleza deste mecanismo morfológico os nomes paroxítonos terminados em s (ou em x), nos quais a identificação do número se faz pela concordância com um desses determinantes.

Assim, percebemos que o autor identifica os morfemes que indicam o plural e apresenta a regra geral. Observamos que o autor demonstra desconhecer o

conceito básico de morfema ao apresentar como morfema a realização concreta do morfema, ou seja, o morfe, além de adotar postura não científica em sua análise ao utilizar o termo “singeleza”, um claro juízo de valor, o que é impróprio à metodologia científica, mas muito comum na GT.

Em seguida, especifica quais nomes se aplicam a cada regra, mostrando que substantivos terminados em vogal ou ditongo recebem o acréscimo de [-s] e que os terminados em consoante sofrem o acréscimo de [-es], que se realiza como [-is] com palavras terminadas em “al”, “el”, “ol” e “ul” após a queda do “l” e se realiza como [-eis] após “il” átono, de modo que se o “il” final no singular for tônico, o plural ocorreria com a substituição de “il” por “is”.

Em seguida, o autor apresenta uma lista de palavras com a terminação em “ão” sem que se apresente uma regra específica, e interpretamos que tais plurais devem ser aprendidos pelo falante caso a caso.

2.5.5. Gramática Metódica da Língua Portuguesa (ALMEIDA, 1999)

Almeida (1999) inicia o capítulo sobre flexão de número em nomes do Português com a definição do que denomina “número gramatical”: “Número gramatical é, pois, a propriedade que têm os substantivos de indicar um ou mais objetos” (ALMEIDA, 1999, p. 107).

Em seguida, o autor apresenta as regras para a formação de plural dos substantivos, iniciando pela regra geral de que os substantivos terminados em vogais, quer nasal, quer oral, recebem o acréscimo de [-s]. Entretanto, o autor destaca, logo na primeira regra, as formas latinas e os casos latinos: “O s como letra característica do plural do português é reminiscência do acusativo plural latino, caso que (lexicogênico, como sabemos) termina, no plural, em s em todas as declinações latinas. (ALMEIDA, 1999, p.108)”. Percebemos, com a nota inserida pelo autor, duas perspectivas por ele adotadas: a primeira é que as explicações para as formas existentes no Português são essencialmente diacrônicas; e a segunda é que o autor considera a escrita como primordial em suas análises, daí a necessidade de especificar-se a letra utilizada para indicar o plural.

A segunda regra apresentada por Almeida (1999) é a de flexão de substantivos terminados em “ão”, sendo apresentada uma lista de palavras para cada forma no plural e acrescentada uma nota explicativa que contém a regra de formação de tal plural:

Obs.: 1ª – A quem possui rudimentos de latim torna-se fácil saber o plural dos nomes terminados em *ão*. Basta confrontar o acusativo plural latino da palavra: o *n* passa sua *nasalização* para a vogal anterior por meio do til (–), conservando-se inalterada a vogal que vem depois do *n*. Assim, o plural de *pão* é *pães* por ser *panes* (com e depois do *n*) o acusativo do plural latino; de *lição* é plural *lições*, por ser *lectiones* (com a terminação *ones*) o plural em latim;

(...)

Essa norma também se aplica aos substantivos de plural duplo ou triplo, no caso de querer a pessoa dar preferência a um dos plurais, pois bastará averiguar qual das diversas formas corresponde ao acusativo do plural latino. *Vulcão*, por exemplo, tem três plurais, mas o plural *vulcões* é o que mais corresponde ao latim *vulcAnOs*. (ALMEIDA, 1999, p. 109).

Percebemos, assim, que o autor privilegia as formas que correspondem ao latim, deixando evidente que, em alguns casos, não há qualquer correspondência com o latim para a formação do plural, mas, havendo correspondência, esta deve ser a forma escolhida. Notamos o forte apelo à diacronia em uma gramática que não é histórica.

Para os nomes terminados em “em”, “im”, “om” ou “um”, o autor destaca a mudança de “m” em “ns”, considerando que as palavras terminadas em “n” apenas sofrem o acréscimo de “s”. Portanto, o autor considera a terminação “ns” como um morfema justamente por considerar a escrita mais importante.

A obra trata ainda o plural das palavras em “al”, “ol” e “ul”, indicando o plural pela substituição do “l” por “is” e sugere a aplicação da mesma regra para os substantivos terminados em “el”, embora inclua tais substantivos em parágrafo separado³⁰ dos demais, justificando tal separação pela acentuação.

No próximo item, o autor apresenta as duas regras para a formação de plural de palavras terminadas em “il”: (i) sendo a terminação tônica, ocorre o plural em “is”

³⁰ O autor divide a obra em parágrafos numerados que funcionam como tópicos dentro do capítulo. Então, um parágrafo numerado pode conter vários outros, funcionando como uma subdivisão do capítulo.

tônico (com a supressão do “l”); e (ii) sendo a terminação átona, a substituição do “l” por “eis”. Merece destaque a observação inserida pelo autor sobre a pronúncia de palavras com essa terminação por revelar o cunho normativo de sua obra:

Jamais pronuncie *projétíl, réptil, têxtil*; o acento dessas palavras, no singular e no plural, deve cair sempre no e. Quanto a *têxtil*, a pronuncia geral no Brasil é com e aberto, consignada nas edições portuguesas do Caudas Aulete.[rever se o acento em "reptil e textil" estão corretos; deveria ser, para fazer sentido com que o autor diz: reptíl e textíl, formas que ele considera equivocadas]

Além das recomendações sobre pronúncia contidas no trecho, observamos a primazia que o autor dá ao Português Europeu face ao Português usado no Brasil, pois até mesmo a nota sobre pronúncia do Brasil é retirada de um dicionário europeu. A manutenção de tais notas em edições recentes (a utilizada é de 2006) mostra que tal visão ainda prospera na obra e é veiculada em um livro de referência.

O autor ainda apresenta o acréscimo de “es” para a formação de plural em substantivos terminados em “as” tônico, “es” tônico, “os” tônico, “us” tônico, “r” ou “z”.

Para os substantivos terminados em “s” e os substantivos *tórax, boxe ônix*, Almeida (1999) afirma que não se alteram no plural, destacando em nota que as palavras terminadas em “x” com som de “s” são pluralizadas pela troca do “x” por “ces”.

Antes de encerrar o capítulo, contudo, o autor acentua que algumas palavras, ao sofrerem o acréscimo de “es” modificam sua acentuação, justificando tal modificação pelo fato de, segundo o autor, tal segmento ser de origem latina, o que faria com o que o acento nessas palavras se submetesse à prosódia latina (cf. ALMEIDA, 1999, p. 111).

Portanto, percebemos que o autor considera seis alomorfes para o morfema de plural do Português ([s], [-es], [-is], [-eis], [-ns] e [-ces]), por considerar a forma escrita como primordial, considerando, de igual forma, as letras com que terminam as palavras no plural como morfemas autônomos, estipulando regras próprias para cada terminação. Linguisticamente falando, é um equívoco atrás do outro.

2.6. Considerações finais do Capítulo 2

Com a análise das gramáticas utilizadas como referência pelos brasileiros falantes do Português Culto do Brasil, percebemos que a finalidade para a qual foi escrita a gramática (histórica, normativa ou escolar) não modifica tão drasticamente seu conteúdo, de modo que observamos que as gramáticas escolares analisadas apresentam basicamente as mesmas informações que as gramáticas normativas – inclusive o hábito de apresentar listas de palavras –, sem que haja uma adaptação da linguagem ao público-alvo ou a explicação mais detalhada de alguns conceitos como os de morfema ou desinência.

Além disso, observamos que a explicação dada pelas gramáticas normativas, em geral, são muito semelhantes às explicações dadas pela Gramática Histórica analisada, evidenciando que a diacronia é sempre o caminho adotado pelos gramáticos ao tentar explicar um fenômeno da língua. Isso ficou bastante claro quando analisamos as obras de Almeida (1999) e Bechara (2009).

Também percebemos que as recomendações para o plural adotadas pelas Gramáticas Normativas são muito semelhantes às contidas na Gramática de João de Barros (1540), contendo algumas delas, como a obra de Almeida (1999) indicações de pronúncia que nem mesmo João de Barros utilizou em uma época em que a tradição gramatical remontava aos tempos da Grécia antiga

Destacamos, também, a quantidade de quadros com listas de palavras presentes nas Gramáticas analisadas que podem ser sintetizadas pela obra de Cunha & Cintra (2008), que apresentam exaustivas e longas páginas contendo listas de palavras terminadas em “ão”, transformando a obra em um repertório lexical, tarefa que, em geral, cabe aos dicionários.

Outro ponto que merece atenção é o fato de que algumas explicações, como o caso da vogal temática apresentada por Bechara (2009), são feitas de modo *ad hoc* para justificar o aparecimento de um fato linguístico não esperado ou não passível de percepção científica por parte do gramático.

Como ponto positivo, destacamos a simplicidade com que Azeredo (2008) apresenta as regras de formação do plural, que contém informações de mais fácil memorização.

Observamos que há a preocupação entre os autores das obras analisadas de apresentar regras para a formação do plural de nomes em Português, principalmente de nomes terminados em consoante. Entretanto, são apresentadas inúmeras regras para a formação do plural e, em geral, os autores apresentam regras direcionadas à escrita, baseando-se na grafia da última letra para a proposição de uma regra e não na sonoridade, o que, certamente, leva à proposição desse grande número de regras.

Finalmente, merece maior destaque o apelo diacrônico das obras analisadas mesmo sendo elas gramáticas normativas ou escolares.

3. QUADRO TEÓRICO E PERSPECTIVAS SOBRE FLEXÃO E DERIVAÇÃO

3.1. Introdução

Neste capítulo, trataremos do plural no Português culto usado no Brasil, trazendo o enfoque sobre o conceito de flexão adotado pelos linguistas em geral na atualidade.

Assim, abordamos, na primeira seção, os conceitos de flexão, flexão contextual, flexão inerente, tanto no modelo dicotômico quanto na perspectiva de *continuum* entre flexão e derivação.

Em seguida, apresentaremos as regras formuladas por alguns linguistas brasileiros para a formação do plural de nomes, especificando as semelhanças e divergências de interpretação entre os autores.

Para a escolha dos autores brasileiros pesquisados, utilizamos como critério a existência de conteúdo sobre morfologia flexional em suas obras e, logicamente, a existência de seção dedicada ao plural de nomes. Por isso, nossa pesquisa se concentrou em livros sobre morfologia que tratassem o tema da pesquisa, uma vez que os linguistas brasileiros têm se dedicado mais à formação de palavras e a processos derivacionais, reservando espaço para os mecanismos flexionais apenas em obras gerais de morfologia.

3.2. O tratamento dispensado pela Literatura Linguística à Flexão

Uma preocupação constante dos linguistas ao longo dos anos foi distinguir mecanismos de flexão dos mecanismos de derivação, percebida a diferença de cada tipo de morfema – flexional ou derivacional. Assim, desde Varrão (sec V a.C.), tentou-se diferenciar a flexão da derivação, de maneira dicotômica.

Entretanto, ao longo do tempo foi-se percebendo que tais morfologias não eram tão discretas ou que, ao menos, a conceituação utilizada para inserir flexão e derivação em lugares antagônicos não era aplicável a todos os casos, o que levou alguns linguistas a considerar outros tipos de classificação, como a distinção entre

flexão inerente e contextual em oposição à derivação. Nasceu também a perspectiva de *continuum* entre flexão e derivação, que representa a abolição da dicotomia entre as duas categorias.

Assim, a definição de critérios objetivos para identificar a flexão e a derivação sempre foi um desafio e, parece-nos, estar longe de haver uma solução perfeita para que haja tal diferenciação. Nesse mesmo sentido, destacamos o que observou Bybee (1985, p. 81):

Uma das mais persistentes indefinições na morfologia é a distinção entre morfologia derivacional e morfologia flexional. Enquanto os linguistas têm um entendimento intuitivo dessa distinção, os critérios objetivos por trás desta intuição são difíceis de demonstrar.³¹

3.2.1. Modelo Dicotômico: flexão X derivação

Preocupados com a necessidade de diferenciar flexão de derivação, vários autores conceituaram a flexão, levando em conta principalmente o caráter de obrigatoriedade que ela teria frente à derivação:

Morfemas os quais, quando em construção com uma raiz, estabelecem uma sequência que sempre pode ser substituída por alguma classe particular de morfema único (item lexical) em todos os casos sem que haja mudança na construção. (GREENBERG, 1954, p. 191 APUD BYBEE, 1985, p. 81).³²

Em termos práticos, o que Greenberg (1954) introduziu foi o conceito de obrigatoriedade da flexão ao contrastá-lo com a possibilidade de escolha sobre a adoção do item lexical apresentada pela derivação. Isso vem de Varrão, primeiro gramático latino.

³¹Texto Original: One of the most persistent undefinables in morphology is the distinction between derivational and inflectional morphology. While linguists have a intuitive understanding of the distinction, the objective criteria behind this intuition have proved difficult to find.

³²Texto Original: Morphemes which, when in construction with a root morpheme, establish a sequence which may always be substituted for some particular class of single morpheme in all instances without producing a change in the construction.

Ao longo dos anos, várias outras definições incluíram conceitos importantes sobre a distinção entre flexão e derivação, que foram tradicionalmente incorporados pela literatura linguística, os quais apresentaremos na sequência:

- (a) Obrigatoriedade: implica dizer que os morfemas flexionais são exigidos pela sintaxe da sentença;
- (b) Criação de novos itens lexicais: por essa análise, a derivação pode criar novos itens lexicais, enquanto os processos de flexão não permitem a criação de novos itens lexicais;
- (c) Mudança de classe gramatical: a derivação possibilita a mudança de classe gramatical, enquanto a flexão, em nenhum caso, permite tal mudança;
- (d) Paralelismo de formas: as formas flexionadas apresentam um rígido paralelismo entre as formas resultantes, ou seja, os paradigmas flexionais são estruturados, em sua maioria, em padrões regulares;
- (e) Os morfemas derivacionais aparecem, em geral, mais próximos à raiz: por conter o significado básico da palavra, a raiz contém maior carga semântica e, para alterar tal significado – o que implicaria a possibilidade de mudança de classe gramatical ou de item lexical – o morfema derivacional estaria, via de regra, mais próximo à raiz do que os flexionais. E, quanto maior a alteração semântica que será realizada no significado básico da palavra, mais próximo da raiz teremos o morfema responsável por esta alteração..

O que ocorre com bastante frequência é que determinados processos morfológicos não atendem totalmente aos critérios estabelecidos, de modo que, em alguns casos, é possível considerar um processo como flexão ou derivação, a depender do critério que consideraríamos mais relevante. Em termos práticos, o que ocorre é que alguns critérios são relativizados em uma espécie de hierarquia. E não podemos deixar de observar que alguns deles são relativos em sua própria conceituação, como os critérios (b) e (c), pelos quais percebemos a possibilidade de mudança de classe ou de se criar novos itens lexicais.

Além desses critérios para a distinção, também podemos observar na literatura linguística no Brasil a adoção de um critério específico, que seria baseado no fato de que, em Português, os processos flexionais são realizados por sufixação,

e os derivacionais podem ocorrer por sufixação ou prefixação. Assis Rocha (2006) e Monteiro (2002) são exemplos de autores que tratam desse assunto.

Sobre o modelo dicotômico, o que podemos considerar é que, embora didaticamente seja interessante demonstrar as diferenças e semelhanças entre flexão e derivação e distanciar um processo do outro, percebemos que na prática os critérios adotados para essa diferenciação são bastante voláteis, não se aplicando a todos os casos e permitindo impasses que nos levariam a considerar uma hierarquia entre tais critérios, o que não nos parece muito indicado.

Por exemplo, a mudança morfológica de gênero em Português atenderia a alguns dos critérios para ser considerado como flexão, como ausência de mudança da classe gramatical, paralelismo entre as formas e distanciamento da raiz em relação aos morfemas derivacionais (por exemplo cachorro/cachorra/cachorr-inh-a), mas com relação à obrigatoriedade e à criação de um novo item lexical, teríamos uma grande discussão sobre a escolha do falante em adotar uma ou outra forma e sobre a modificação conceitual que implicaria a mudança deste morfema, ou seja, não poderíamos dizer com precisão qual a dimensão semântica causada pela mudança deste morfema, se haveria um novo item lexical ou não.

3.2.2. Flexão Inerente X Flexão Contextual

A partir da análise feita por alguns linguistas sobre o critério da obrigatoriedade, observou-se que a liberdade do falante para a escolha do item lexical seria diferenciada pela posição sintática que o item ocuparia dentro da oração. Com isso, posições centrais, como, por exemplo, a de núcleo do sujeito ou objeto na oração dariam mais liberdade ao falante para escolher a utilização ou não de um morfema do que as posições não-centrais, como, por exemplo, a posição de adjunto, ou seja, para a posição de sujeito o falante poderia escolher se utilizaria a palavra *bule* ou *bules* para ocupar a posição de sujeito de uma oração, mas não

poderia escolher entre a utilização ou não da marca de número no adjunto adnominal que o acompanha³³ por conta das regras de concordância.

Assim, entendemos como flexão inerente a propriedade que o item lexical tem de se flexionar, que permite ao falante a escolha no eixo paradigmático entre uma forma flexionada ou não para expressar determinado fato extralinguístico, ou seja, há certa independência de informação.

Por flexão contextual, a flexão que atinge itens lexicais por força da sintaxe da língua; não há qualquer independência do item sob o ponto de vista sintático e nem opção de supressão voluntária da flexão, sem que se quebre a regra de concordância ativa. É o que acontece com o artigo, o pronome e os adjetivos no seguinte exemplo: "os meus velhos pais chegaram cansados". Todos eles apresentam flexão contextual; somente "pais" tem flexão inerente.

Haspelmath & Sims (2010, p. 100) assim conceituam flexão inerente e flexão contextual:

Flexão inerente compreende características que são relevantes para a sintaxe, mas transmitem certa quantidade de informações independentes. Isso inclui valores de tempo e aspecto verbais, e valores de número para nomes.

(...)

Por contraste, **flexão contextual** compreende valores os quais são atribuídos a uma palavra pelo contexto sintático em que aparecem. Aqui estão incluídos os casos estruturais – ou seja casos como nominativo, acusativo e genitivo, os quais são tipicamente exigidos por regras sintáticas de concordância ou controle sintático, mas expressam majoritariamente informações redundantes. Note que características flexionais podem ser inerentes para uma classe de palavra e contextual para outra. Número é inerente para nomes porque expressa informação independente, mas contextual para adjetivos e verbos, uma vez que eles concordam com o nome nesse aspecto.³⁴

³³Essa regra só seria aplicável às línguas com marcação de plural redundante, como o Português Padrão; nas línguas em que não há esse tipo de concordância, essa regra não seria padrão.

³⁴Texto Original: "**Inherent inflexion** comprises features that are relevant to the syntax but convey a certain amount of independent information. These include a verb's tense and aspect values, and the number values for nouns. (...) By contrast, **contextual inflexion** comprises values which are assigned to word because of the syntactic context in which it appears. Included here are **structural cases** – i.e. cases like nominative, accusative and genitive, which are typically required by syntactic agreement or government but express largely redundant information. Note that inflectional features may be inherent for one word-class and contextual for another. Number, for example is inherent for nouns because it expresses independent information, but contextual for adjectives, verbs, etc. where they agree with the noun for this feature."

Destacamos também a posição de Boijj (2007, p. 104) sobre o conceito de flexão inerente e contextual:

(...) A escolha de um número particular é determinada por qual informação o falante pretende transmitir, e portanto a chamamos de **flexão inerente**. O tempo presente de um verbo é também um caso de flexão inerente: há um problema na livre escolha: o verbo pode muito bem ter aparecido em tempo diferente.

(...)

A regra básica da flexão contextual é marcar a relação entre um núcleo e um dependente na construção sintática. Dois tipos básicos de dependência devem ser distinguidos: o controle sintático e a concordância..³⁵

Essa diferença entre flexão inerente e flexão contextual, na verdade, abre espaço para romper com a visão absoluta de Flexão X Derivação em prol de uma visão relativa.

3.2.3. A perspectiva de Continuum

Para tentar solucionar este problema, muitos linguistas têm optado por elencar as características que são próprias da flexão e da derivação e utilizar tais critérios de maneira integral, ou seja, sem que haja hierarquização entre os critérios. É fato que a maior parte dos processos morfológicos não se enquadrará perfeitamente em todas os critérios, o que não torna os critérios inválidos ou impede que classifiquemos um processo como mais derivacional ou mais flexional, para isso será preciso mudar o paradigma.

Ao invés de analisarmos todos os processos morfológicos como pertencentes a uma categoria específica em nome da qual teríamos de dizer que um processo é flexional ou não, realçando algum dos critérios, podemos fazer algo que consideramos mais operacional: considerar um processo morfológico que contém todos os critérios flexionais como protótipo de processo flexional e, do outro lado,

³⁵Texto Original: "(...)The choice of a particular number is not determined by what information the speaker wants to convey, and we therefore call it **inherent inflection**. The present tense on the verb is also a case of inherent inflection it is a matter of free choice: the verb could as well have appeared with a different tense. (...). The basic role of contextual inflection is to mark the relationship between a head and a dependent in syntactic construction. Two basic types of dependency must be distinguished: government and agreement"

considerar um processo morfológico que reúne todos os critérios derivacionais como o protótipo de processo derivacional. Com isso, teríamos vários graus de aproximação com cada um dos polos, a depender da quantidade de critérios que fossem atendidos, aproximando, assim, um processo do polo flexional ou derivacional.

Essa perspectiva já é adotada há bastante tempo por linguistas norte-americanos como Bybee (1985) que introduziu o *continuum* entre lexicalização/derivação/flexão no campo de estudos da morfologia. Entretanto, o *continuum* apresentado por Bybee (1985) apresentava apenas cinco critérios básicos para realizar a gradação entre flexão e derivação, e o critério de produtividade para realizar a gradação entre a lexicalização e a derivação, e sua perspectiva sempre foi semântica, como observamos em trecho da conclusão do capítulo:

Este capítulo considera a distinção derivação / flexão como uma escala contínua, em vez de uma divisão discreta de tipos de expressão. Eu argumentei que existe uma correlação entre o tipo de significado expresso por uma categoria morfológica e a sua forma de expressão tem, e que estas correlações são previsíveis a partir dos parâmetros semânticos de relevância e generalidade..(BYBEE, 1985, p. 109).³⁶

No Brasil, esta perspectiva de análise passou a ser considerada recentemente e já encontra repercussão na literatura linguística em autores como Gonçalves (2011), que, baseado no estudo realizado sobre a obra de Bybee (1985) e utilizando os critérios adotados atualmente para caracterizar a flexão, passou a inserir tal visão na nossa literatura.

Por outro lado, Haspelmath & Sims (2010) realizaram um estudo bastante mais elaborado em relação ao de Bybee(1985), o qual considera a perspectiva de *continuum* para aplicação de maneira mais geral, mostrando exemplos de várias línguas em um estudo tipológico. Já Gonçalves (2011) apresenta uma obra de introdução direcionada aos alunos do curso de letras de universidades brasileiras e considera somente o Português, de modo que generalizações como a de que a flexão ocorre por meio da sufixação são constantes na referida obra.

³⁶Texto Original: This chapter consider the derivation/inflection distinction as a continuous scale, rather than a discrete division of expression types. I have argued that there is a correlation between type of meaning expressed by a morphological category and the form its expression takes, and that these correlations are predictables from the semantic parameters of relevance and generality.

Embora nosso estudo se direcione ao Português, pretendemos aqui discutir o conceito de flexão e suas características, de modo que, enquanto conceito, seria desejável que fosse aplicado a qualquer língua, motivo pelo qual adotaremos os critérios estabelecidos por Haspelmath & Sims (2010) para elaborar os aspectos do *continuum* que consideramos ideal.³⁷

Segundo os critérios de Haspelmath & Sims (2010), podemos elencar onze critérios para caracterizar a flexão:

(i) Relevância para a sintaxe: a flexão é relevante para a sintaxe; derivação não é relevante para a sintaxe.

Os autores consideram que a função expressa pelo morfema flexional envolve concordância ou controle sintático, ou seja, a flexão afeta o eixo sintagmático da oração, enquanto a derivação não.

(ii) Obrigatoriedade: as características expressas pela flexão devem ser expressas em todas as formas possíveis da classe/categoria. Os significados derivacionais³⁸ não são obrigatoriamente expressos.

O mecanismo de flexão não constitui uma escolha do falante, mas lhe é imposto pelas regras morfossintáticas da língua, e mesmo a ausência de um morfema flexional pode indicar um significado gramatical por um morfema zero, o que não ocorre na derivação, quando a existência de um morfema é optativa.

(iii) Limitações na aplicação: morfemas flexionais podem ser aplicados a bases sem restrições arbitrárias. Morfemas derivacionais sofrem restrições arbitrárias. Via de regra, a aplicação dos morfemas flexionais é maior do que a dos morfemas derivacionais, não havendo imposições de ordem arbitrária à sua aplicação, por exemplo, os sufixos *-ção* e *-mento* só podem ser aplicados a verbos.

(iv) Mesmo conceito da base: canonicamente, as formas flexionadas exprimem o mesmo conceito da base. Diferentemente, as formas derivadas

³⁷Note-se que o objetivo de Gonçalves (2011) foi elaborar um estudo que se limitasse ao Português, por isso, não há qualquer demérito, neste sentido, em sua obra que nos tenha levado a adotar uma obra estrangeira.

³⁸ Os autores utilizam a expressão “valores flexionais” para tratar dos conceitos e funções expressos por morfemas flexionais e “significados derivacionais” para tratar dos conceitos expressos por morfemas derivacionais. Assim, percebemos que a derivação está muito mais ligada, na visão dos autores, à semântica, e a flexão, à sintaxe.

canonicamente expressam um novo conceito, um novo item lexical, como, por exemplo, a oposição *mapa/mapear*.

(v) Grau de Abstração: significados expressos por morfemas flexionais têm significados relativamente mais abstratos, e os expressos por morfemas derivacionais têm significados mais concretos.

(vi) Significado composicional: canonicamente, as formas flexionais apresentam um significado menos composicional do que as formas derivacionais.

Em geral, observa-se que o significado da forma flexionada é o da forma simples mais o significado do morfema flexional, sendo previsível a contribuição semântica dada pelo morfema acrescido. Nas formas derivadas, isso não é claro, de modo que uma base acrescida de um afixo derivacional pode assumir um significado totalmente novo. Ou seja, o resultado de um processo derivacional não é a simples soma dos significados dos morfemas envolvidos no processo, como, por exemplo, em *cadeira/cadeirada* em que passamos de um objeto a um processo do qual a ideia de *cadeira* é apenas uma parte, ao passo que na oposição entre *cadeira/cadeiras*, temos que o substantivo *cadeiras* é o resultado entre o significado de *cadeira* acrescido do morfema de plural {-s}.

(vii) Posição em relação à base: a flexão geralmente é expressa em posição periférica em relação à base, enquanto a derivação tende a ser expressa em posição mais nuclear em relação à base, mais próxima à base. A tendência é que em palavras em que haja acréscimo de morfemas derivacionais e flexionais os morfemas derivacionais estejam mais próximos à raiz, como por exemplo *menin-inh-o-s*.

(viii) Alomorfia de raiz: flexão induz menos alomorfia de raiz do que derivação.

(ix) Mudança de classe de palavra: a flexão não altera a classe da palavra, já a derivação pode levar à mudança de classe;

(x) Cumulatividade de expressões: os morfemas flexionais admitem cumulação, os derivacionais não, como, por exemplo, os verbos em português em que temos a cumulação de tempo, modo e aspecto em um único morfema.

Mais de um significado ou função podem ser expressos por uma forma tipicamente flexional (um morfe com mais de um morfema); a derivação não admite cumulação. Isso se dá pela carga semântica contida em morfes que representam morfemas flexionais e derivacionais; por conter muita carga semântica, os morfes derivacionais não admitem cumulação.

(xi) Iteração: morfemas flexionais não podem ser reiterados; não se pode, por exemplo, acrescentar um morfema de plural a uma palavra já pluralizada a fim de se aumentar a noção de plural (**mesas-es* 'muitas mesas'). A derivação permite isso: re-utilizar>re-re-utilizar.

Assim, consideramos que o protótipo de flexão reuniria essas onze características, de modo que o plural em Português seria representado pelo seguinte quadro:

Quadro 1. Características flexionais dos nomes em Português

	Relevância para a Sintaxe	Obrigatoriedade	Aplicação Ilimitada	Mesmo Conceito da Base	Significado abstrato	Significado Composicional, não alterando o valor da base.	Possibilidade de inserção de outros morfemas mais próximos à base	Menor indução à alomorfa de base.	Ausência de mudança de classe.	Cumulatividade.	Sem possibilidade de iteração.
NÚMERO EM PORT. (NOMES) Ex. CADEIRA-S	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim

Percebemos, portanto, que a única propriedade não apresentada pelo número em Português é a ausência de cumulatividade, então, podemos considerar tal mecanismo, por ser muito próximo do protótipo de flexão como flexão para fins didáticos.

3.3. A LINGUÍSTICA BRASILEIRA E O PLURAL DE NOMES EM PORTUGUÊS

A flexão de nomes no Português é composta por regularidades específicas que condicionam o sistema. Como regra geral, tem-se o acréscimo de{-S} à palavra, podendo existir alomorfia condicionada fonológica ou morfologicamente, em oposição à marcação zero para o singular, uma ausência significativa e sistemática. Esse é um ponto de convergência entre as diversas abordagens utilizadas para tratar a flexão de número no Português. Entretanto, as divergências de tratamento sobre o plural se mostram no tocante:

- a) aos nomes terminados em "x" e "s";
- b) ao plural com [-es];
- c) ao plural com [-is];
- d) ao plural de nomes terminados em "ão".

O primeiro ponto de divergência ocorre nos casos de palavras terminadas em "x" e "s". Os pontos de vista podem ser divididos em quatro:

- (i) proposição de inexistência de marca de plural para as palavras com essas terminações (cf. Assis Rocha (2008), Monteiro (2002) e Henriques (2007), que ainda destaca ser impossível que haja uma marca para esse caso;
- (ii) proposição de um *morfema zero* para o caso em questão (cf. Zanotto (2006));
- (iii) proposição de um *alomorfe de morfema zero* para a flexão de número nesses casos, (cf. Kehdi (2002));
- (iv) proposição de um *morfema latente* para a flexão de número nesses casos, (cf. Silva & Koch (2005)).

A possibilidade de considerar que não há morfema nesses casos para o plural (proposição (i)) se assenta na ideia de que a percepção do plural aí só pode se dar com a presença de um contexto a partir do qual o plural seria notado, como em *os pires caíram*, em que a flexão do artigo denuncia a existência de plural no caso.

Sobre a posição que considera um *morfema zero* para marcação de plural nesses casos (proposição (ii)), percebemos dois problemas: 1) considerar um *morfema zero* tornaria muito confusa, ou mesmo impossível, a proposição de um morfema zero também para o singular; e 2) seria uma exceção à regra geral do plural, de modo que tal exceção deveria ser justificada. Com isso, queremos demonstrar que o *morfema zero* neste mesmo contexto de flexão não poderia significar, ao mesmo tempo, singular e plural e, além disso, sua adoção só seria justificável caso não fosse possível aplicar uma regra geral, neste caso o de acréscimo de {-s}, o que será por nós demonstrado.

A proposição de uma *alomorfia de morfema zero* (proposição (iii)) não se sustentaria também, tendo em vista o conceito de alomorfe. Como observamos nas palavras de Carone (2001:28): “o alomorfe é um significante diferente a que não corresponde uma diferença de significado”, em outras palavras, o alomorfe consiste em mais de um significante para o mesmo significado em distribuição complementar. No caso do *morfema zero*, não há significante – ele é um significado sem significante, ou um conceito sem realização concreta – ou seja, se não há uma realização concreta não há também como haver uma outra forma para indicar o mesmo significado.

A proposição de um *morfema latente* é uma opção de descrição dada por Silva & Koch (2005). Para as autoras, este morfema só seria percebido pelo contexto (artigo, por exemplo) da palavra flexionada, ele seria uma forma latente, que aguardaria a inserção de outros elementos no contexto para se manifestar, de modo que esta interpretação se assemelha à de inexistência de morfema de plural para esse grupo de palavras (proposição (i)).

Destacamos, então, a proeminência de uma abordagem sintaticista (proposição i e iv) ou imaginária (proposição ii e iii) para a descrição da formação de plural no Português pelos autores apresentados.

Camara Jr. (1998), apresenta uma visão diferente para o caso. Para o autor, há um alomorfe zero para o caso, como observamos em sua análise:

Em primeiro lugar, é preciso levar em conta um alomorfe zero (0) para os nomes paroxítonos terminados em /S/, como *simples*, *ourives*, etc. Aí a identificação do número só se faz mediante a concordância com um determinante ou determinado, conforme o caso: *flor simples* (*simples*, singular) – *flores simples* (*simples*, plural); *ourives perito* (*ourives*, singular) – *ourives peritos* (*ourives*, plural). (CAMARA JR., 1998, p. 94).

Para o autor, portanto, há um alomorfe zero para o plural que permitiria a identificação do plural somente pelo mecanismo de concordância.

Entretanto, para a proposição, verificamos que duas consequências deveriam ser consideradas: (i) a proposição de um alomorfe zero insere na análise um zero para o singular e para uma das formas de plural, colocando idêntico significativo para funções diferentes em uma mesma classe, o que não consideramos ideal; e (ii) remeteria a análise ao campo sintático, tornando a análise, de certa forma, sintaticista como as proposições (i) e (iv).

Assim, entendemos que seria necessário, antes de propor uma análise que contemplaria elementos mais direcionados à sintaxe, que todas as possibilidades de análise puramente morfológica se esgotem.

Outro ponto de divergência encontrado na literatura é sobre a marcação[-es] para o plural. Podem ser notados três pontos de vista:

- (i) descrição de [-es] como alomorfe de {-s}, baseada em uma mudança morfofonêmica da palavra para evitar terminações em "ss", "rs" e "rz" (cf. Henriques (2007) e Silva & Koch (2005));
- (ii) proposição de uma vogal temática teórica/histórica [*e] antes da marcação de plural, (cf. Monteiro (2002), Zanotto (2006), Camara Jr. (1998) e Kehdi (2002)); e
- (iii) tratamento de "e" como vogal de ligação (cf. Azevedo Filho (*apud* MONTEIRO 2002, p.89) e Ferrarezi Júnior e Teles (2008)).

A proposição de uma alomorfia para o caso em questão não tem o seu condicionamento plenamente definido pelos autores que a defendem. Percebemos que basear a alomorfia em motivação puramente morfofonêmica não dá conta do problema em sua totalidade.

Já a proposição de uma vogal temática teórica [*e] antes da marcação de plural tem cunho puramente diacrônico e não deveria servir para a descrição sincrônica da língua, visto que o falante se utiliza de dados do sistema em uso e não do que teria sido o sistema em fases anteriores. Caso não soubéssemos a origem dos nomes terminados em consoante que marcam o plural com [-es], não faríamos menção alguma a essa suposta vogal temática. Como conhecemos a história, deixamos nos influenciar por ela e misturamos, erroneamente, os métodos de análise, perdendo com isso a oportunidade de entender plenamente o sistema em seu uso atual, no recorte temporal em que estamos.

E a proposição de uma vogal de ligação somente pode se sustentar se não houvesse um condicionamento para a alomorfia por meio de descrição, o que também não é demonstrado pelos defensores desse ponto de vista.

O alomorfe [-is] para a flexão de número em nomes é mais um ponto em que os trabalhos publicados na atualidade divergem. Em geral, há duas regras para a sua utilização:

- (i) proposição de [-is] como alomorfe de [-es], uma adaptação fonológica (harmonização vocálica) da vogal de ligação [-e-] (cf. Ferrarezi Júnior & Teles (2008))³⁹; e
- (ii) proposição de [-is] como alomorfe de flexão de número em nomes, o qual apareceria em palavras terminadas em //, precedidas de vogal diferente de *i* (cf. Henriques (2007) e Silva & Koch (2005)). Esse morfe pode se realizar, para eles, também como [-es] em caso como o de *mal/males*, que ocorreria por impossibilidade de repetição da forma *mais*, que possui um significado específico de adição.

³⁹Destacamos que a obra citada não tem como público-alvo estudantes da área de linguística, mas é direcionada a qualquer falante da língua. Isso pode explicar a ausência da descrição completa da harmonização vocálica mencionada.

Para o primeiro caso, o maior problema encontrado é a falta de especificidade do contexto de alomorfa, uma vez que os autores não demonstram quando essa adaptação ocorreria com exemplos. A suposição de uma vogal de ligação também não se sustenta, pois é possível que se estabeleça um contexto de alomorfa para o alomorfe [-es], o que apresentaremos em nosso capítulo 4.

Para o segundo caso, o problema que encontramos é a pouca economia no tratamento dos dados, se houvesse a formulação de uma regra mais geral que levasse em conta um número maior de palavras haveria mais benefícios para o entendimento mais geral do sistema.

Uma posição semelhante é defendida pelos autores que consideram a possibilidade de uma vogal temática teórica no caso anterior, tratando o *i* como realização fonética dessa vogal temática, como observamos em Camara Jr (1998:95):

os nomes terminados por consoantes no singular (*mar, animal, paz, etc.*) correspondem a uma forma teórica com um tema de vogal *e* (/i/ átono final); **mare, * animale, paze*. Ora, quando a consoante é /l/ (o alofone posterior posvocálico) há com a reposição da vogal do tema e o acréscimo do /S/ uma remodelação da forma do radical.

Percebemos que é necessário que se faça uma reflexão sobre a real diferenciação entre [-is] e [-es], de modo que, em um primeiro momento, se tem a impressão de que o primeiro se relaciona à realização fonética do segundo. Entretanto, em algumas regiões, há a realização de tal morfema com a manutenção do rebaixamento da vogal em contextos de sílabas postônicas, como em *mares*, na região Sul do País.

A regra para nomes terminados em "ão" somente é descrita pelos autores que defendem a possibilidade de uma vogal temática teórica [*e] antes da marcação de plural, visto que sua proposição se assenta em bases diacrônicas que não deveriam nortear estudos sincrônicos ou descritivos. Outro ponto ainda é que essa vogal temática teórica não é demonstrada pelos autores que defendem essa posição em nenhum outro caso que não seja a flexão de número em nomes, nem em derivação de palavras deste tipo, o que enfraquece tal hipótese. Assim como no caso de palavras como *mulher/mulheres*, entendemos que a vogal temática teórica

proposta não pode se sustentar, visto que se assenta em pressupostos de ordem diacrônica. Por exemplo, para o caso da palavra *leão*, a proposta é de que *leone* (em que o [-e] final é a mesma vogal temática teórica) deu origem ao plural *leões* ou *cartão* em que *cartões* é originado da forma hipotética *cartone* (com a mesma vogal temática teórica).

Com isso, verificamos que para os linguistas é consenso a posição de que as palavras terminadas em “ão” no singular são aprendidas uma a uma, ou seja, não há uma regra genérica que se aplique a todos os casos ou uma regra que se aplique à maioria deles. Isso é verificado mesmo pelos autores que apresentam a hipótese da vogal temática teórica [**e*], uma vez que os autores explicam a formação do plural, mas não apresentam uma forma possível de o falante identificar que palavra pertence a cada grupo que formaria os plurais em “ões”, “ãos” e “ães”, justificando a formação do plural com base na forma latina que não é de conhecimento do falante no momento da fala, ou pelo menos não é de conhecimento da maioria dos falantes.

Contudo, como já mencionamos em outros momentos, o objetivo de nossa pesquisa foi verificar as regras utilizadas pelos falantes de Português Culto no Brasil para formar o plural sem monitoramento muito constante, para verificar como o falante percebe o Português e o que é considerado ao formular o plural. Assim, as palavras que são ensinadas sem um conjunto de regras específico, ou seja, caso a caso, não foram objeto de nossa pesquisa por refletirem muito mais a escolarização do que a fala cotidiana do brasileiro. Parece-nos evidente que a apresentação de regras como as de formação de plural de palavras como “leão” descrita anteriormente se assemelha muito mais aos processo de escolarização do que ao processo natural de aquisição. Isso justifica, de certa forma, o porquê de algumas Gramáticas adotarem explicações como as descritas neste capítulo e de tantas outras apresentarem listas de palavras que devem ser aprendidas uma a uma.

3.4. Considerações finais do Capítulo 3

Com as discussões deste capítulo, pudemos perceber, inicialmente, que a diferenciação entre flexão e derivação, embora pareça clara para muitos linguistas, não é tão fácil de ser percebida objetivamente. Os critérios e propriedades são bastante fluidos e, em vários casos, relativos, de modo que o modelo dicotômico, embora tenha aplicação prática para fins didáticos, não é plenamente válido para todos os casos de mudança morfológica por conter critérios para classificação de um processo morfológico que são relativos e tendem a ser hierarquizados para que seja possível uma divisão entre flexão e derivação.

Com relação ao modelo que propõe a diferenciação entre flexão inerente e contextual, vimos que há a eleição do critério da obrigatoriedade como mais relevante, colocando a sintaxe como preponderante para a distinção do tipo de flexão a que um processo pertence, o que, ao nosso ver, não é a melhor alternativa. Além disso, esse modelo não dá conta da explicação da proximidade de afixos derivacionais da raiz em relação aos afixos flexionais, posto que a explicação é predominantemente sintática.

Portanto, verificamos que a perspectiva de um *continuum* entre flexão e derivação parece ser mais coerente com a realidade linguística e permite que mais propriedades da flexão e da derivação possam ser analisadas sem que haja relativização de propriedades, permitindo que vejamos que alguns processos de mudança morfológica tendam mais a um polo ou a outro, dependendo das características apresentadas.

Em seguida, percebemos que, com relação à flexão de número em nomes do Português, a literatura linguística apresenta várias concepções diferentes, privilegiando em alguns casos a diacronia e em outros apresentando inconsistência de ordem conceitual ou metodológica que dificultam a explicação de uma regra para a formação de plural em nomes no Português, de modo que o presente trabalho pode contribuir para o preenchimento dessas lacunas, a partir da análise sincrônica das regras realmente presentes no Português Culto do Brasil.

4. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA DE CAMPO

4.1. Introdução

Na primeira seção (4.1), apresentamos a metodologia de pesquisa, os perfis do grupo pesquisado e a forma de aplicação do questionário e da entrevista. Na seção seguinte (4.2), apresentamos as hipóteses de pesquisa. Em seguida (4.3), apresentamos os resultados obtidos com a pesquisa em forma de gráficos, analisando-os e relacionando-os com os dados obtidos nos capítulos anteriores. Na seção 4.4, apresentamos os dados colhidos nas entrevistas orais, a partir da leitura de textos realizadas pelos colaboradores e gravadas e analisadas por nós. Por fim (seção 4.5), concluímos o capítulo fazendo uma comparação das análises realizadas com os dados apresentados pelos linguistas, gramáticos e dicionaristas.

4.1. Metodologia e sujeitos da pesquisa envolvidos na fase 2

Na segunda fase, os questionários utilizaram a mesma metodologia da pesquisa da fase 1: um questionário estruturado e um semiestruturado, ambos escritos. Os dois questionários versavam sobre os mesmos temas, sendo o primeiro de múltipla escolha, e o segundo, com resposta aberta. Cada grupo respondeu a um tipo de questionário apenas. Foram escolhidos dois tipos de questionário para que fosse possível realizar a comparação entre os dados e perceber se alguma das respostas obtidas foi influenciada pelas alternativas dadas pelo enunciado. Por isso solicitamos que o grupo de controle respondesse aos questionários do tipo semiestruturado, com o objetivo de servir tal modelo de questionário para sanar eventuais dúvidas na análise.

Os questionários continham 24 questões, distribuídas aleatoriamente, ou seja, não reunimos palavras do mesmo tipo em grupos próximos, de maneira que foi dificultado o uso de analogia para responder às questões.

As respostas dadas pelo grupo que seria para controle dos questionários semiestruturados foram as mesmas contidas nas alternativas do questionário estruturado, o que nos levou a tabular todos os dados em conjunto.

Os grupos foram informados, nos próprios questionários, que as respostas deveriam ser dadas de acordo com os usos que fariam da Língua Portuguesa, e não com base em conhecimentos decorados de gramática normativa. O que se pretendia com a aplicação dos questionários era a percepção das regras que os falantes utilizam para flexionar nomes em Português Culto de maneira espontânea, ou o mais espontânea possível.

As palavras foram selecionadas a partir da comparação entre dicionários eletrônicos de maior circulação nos dias de hoje: Aurélio, Caudas Aulette e Houaiss, de modo que houve uma seleção de palavras e análise prévia a partir da formação de listas de palavras que potencialmente seriam utilizadas, sendo as palavras extraídas desta lista na proporção de 6 para uma, ou seja, de cada lista com 24 palavras foram extraídas 4 para o questionário.

Assim, também houve uma análise prévia de como os dicionários demonstravam a norma padrão em suas definições e recomendações.

Vinte e dois (22) colaboradores responderam ao questionário semiestruturado⁴⁰ e vinte e oito (28) responderam ao questionário estruturado. Os modelos de questionários utilizados na pesquisa encontram-se nos apêndices C e D.

Como intercorrências durante a aplicação do questionário estruturado, podemos destacar as seguintes:

- 1) O colaborador número 4 não apresentou resposta em toda a terceira coluna;
- 2) O colaborador 7 não respondeu o plural de “gravidez” e “galês”;
- 3) O colaborador 10 não apresentou resposta para o plural de “tórax”;
- 4) O colaborador 13 não apresentou resposta para o plural de “gravidez e de “habitat”;

⁴⁰O questionário semiestruturado foi distribuído a 23 colaboradores, contudo um deles não apresentou resposta, somente se identificou e devolveu o instrumento de pesquisa.

- 5) O colaborador 28 não apresentou resposta para o plural de “duplex e sax”.

Com relação às intercorrências durante a aplicação do questionário semiestruturado, podemos destacar as seguintes:

- 1) O colaborador 43 rasurou resposta à palavra “xadrez”;
- 2) O colaborador 46 apresentou as respostas das palavras “tórax” e “sax” com escrita “is” e da palavra “sênior” como “senios”, de modo que acreditamos que a primeira opção só refletiu a fala, e na segunda o que ocorreu pode ter sido por pressa ao escrever.

Com relação às intercorrências do questionário estruturado, não contabilizamos as respostas com problemas, já no caso do semiestruturado, não julgamos que as intercorrências tenham influenciado na análise.

Os questionários foram aplicados a estudantes da disciplina de Cálculo 1 na Universidade de Brasília. A escolha por este grupo se deu porque são alunos que ingressaram, em geral, há um ano no curso superior e, embora tenham tido contato com a norma padrão, não têm mais como hábito o estudo da Gramática Tradicional (GT). Por outro lado, têm constante acesso à norma culta pelo ambiente de estudo e fala dos professores universitários, de modo que se enquadram no grupo de falantes cultos de Português do Brasil.

Foi também realizada uma entrevista-piloto gravada com a leitura de dois textos e de algumas frases isoladas em que era possível reparar que, em alguns momentos, as palavras terminadas em “s” estavam no plural e em outros estavam no singular (cf. apêndice E).

O objetivo da entrevista gravada foi verificar se havia algum tipo de alongamento do “s” final quando as palavras terminadas nessa consoante eram pluralizadas. Assim, o tempo e a frequência de som utilizados na pronúncia do “s” da palavra no singular foi utilizado como parâmetro para a análise do “s” no plural destas palavras.

Ao final da entrevista, foram apresentadas algumas frases em que palavras como “pires” e “ônibus” apareciam ora ao lado de palavras no singular e ora ao lado

de palavras no plural para verificar o quão suscetíveis a esse contexto elas eram. O mesmo foi feito com a palavra “pratos”.

O sujeito colaborador da entrevista-piloto gravada foi uma mulher, de 32 anos, formada em Biologia.

Após a gravação dos dados, foi utilizado o software Praat v.5.3.35 para realizar uma análise acústica dos dados coletados, o que nos permitiu uma verificação preliminar.

A partir disso as hipóteses foram verificadas.

4.2. Hipóteses de Pesquisa

As hipóteses de pesquisa, conforme destacado na seção 0.6 foram elaboradas a partir da aplicação do questionário-piloto, sendo estabelecidas as seguintes hipóteses:

1. Em palavras não-oxítonas terminadas em /S/ (por exemplo, *ônibus*, *pires*, *tórax*), ocorre o acréscimo do morfema {-s} como sufixo flexional para marcação de plural na variedade culta do Português, estando esse morfema fundido ao fonema /S/ aí presente;
4. O morfe [-es] seria alomorfe de {-s}, tendo seu contexto restrito a palavras oxítonas ou monossílabos tônicos terminados em consoante;
5. O morfe [-is] seria uma realização de [-es] em palavras terminadas em "l", foneticamente [w], sendo originado da harmonização do [e], por conta dos traços do [w], fazendo com que a realização fonética fosse [i].

Para explorar as hipóteses, a pesquisa se dividiu entre as fases 2 e 3, nas quais foram obtidos os resultados que serão apresentados nas seções seguintes.

4.3. Apresentação dos dados e resultados obtidos na Fase 2

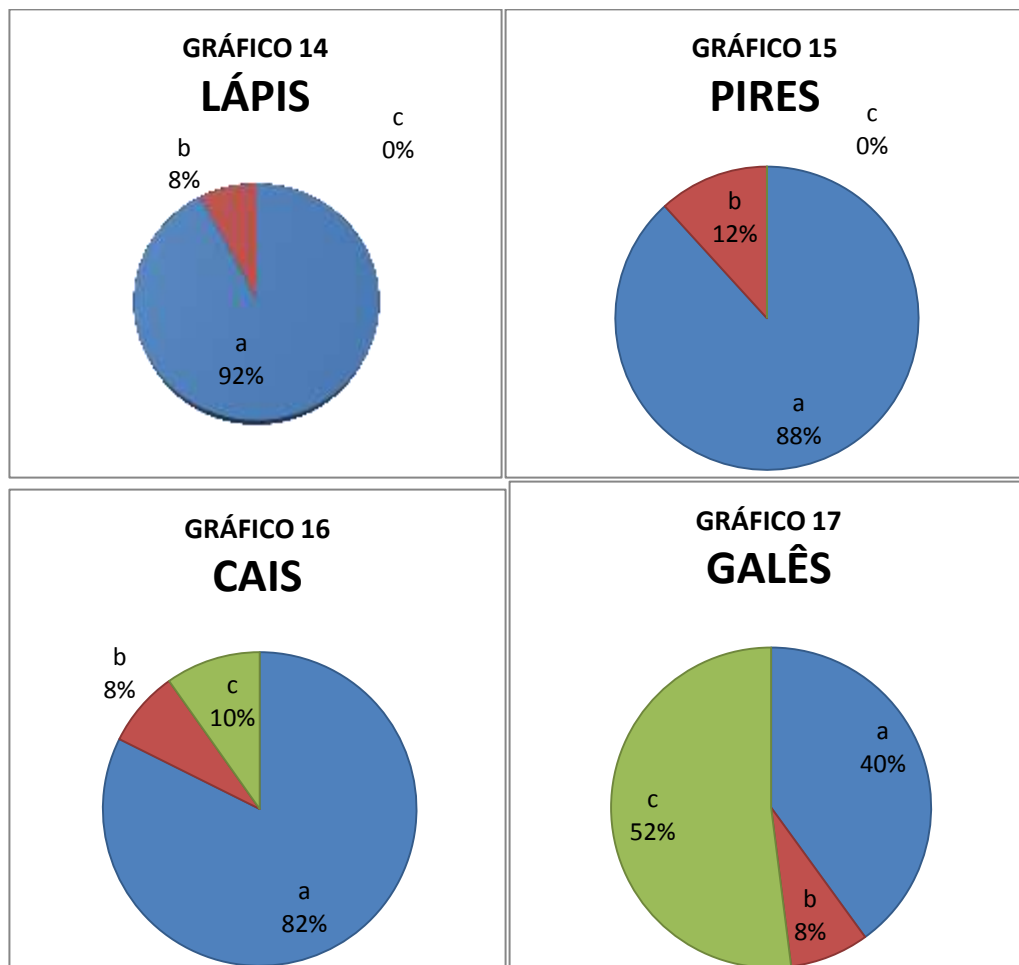
Com relação aos dados encontrados na pesquisa, apresentaremos a divisão entre as terminações em um primeiro momento. No item seguinte, apresentaremos os dados obtidos na entrevista gravada e analisados com o auxílio da Fonética Acústica.

4.3.1. Plural de palavras terminadas em “s”

No questionário, foram utilizadas quatro palavras terminadas em [s], em que constavam as seguintes alternativas: *a*) manutenção da mesma forma singular; *b*) alongamento do “s” final; e *c*) acréscimo de [es].

Como resposta, obtivemos o seguinte:

Figura 5 – Gráficos 14,15,16 e 17



Destacamos que o alongamento do “s” final representou em todos os casos no mínimo 8% das respostas, o que quer dizer que, ao menos, 8% dos entrevistados afirmaram que, conscientemente, alongam a consoante final para demonstrar que a palavra está no plural.

Isso confirma os dados obtidos na pesquisa-piloto em que “pires” apresentou 20% de respostas nesse sentido, e as palavras “lápiz”, “pires” e “galês” apresentaram 10% das respostas do tipo “alongamento”.(cf. seção 0.5.2)

Tal informação acentua a hipótese de que a regra geral no português culto do Brasil é o acréscimo de {-s} à palavra no singular e que tal regra seria sempre a primeira opção buscada pelo falante, mesmo em palavras terminadas em consoante [s].

É interessante perceber que, mesmo no caso de palavra oxítônica, o acréscimo de {-s} e alongamento do som final aparecem como resposta, o que é natural, uma vez que é vista como regra geral.

Sobre o gráfico 17 (galês), é interessante também notarmos que, dentre as palavras terminadas em [s], “galês” foi a que apresentou o acréscimo de “es” como resposta em 52% das respostas, o que confirma, ao menos neste conjunto de dados, nossa hipótese de acréscimo de [-es] para palavras oxítonas terminadas em consoante.

A seguir, apresentaremos os dados obtidos com palavras terminadas em “x”, “t”, “r”, “z”, “n”, a fim de confirmar ou não nossa hipótese de acréscimo de {-S} como forma de expressar o plural de nomes em palavras terminadas em consoante.

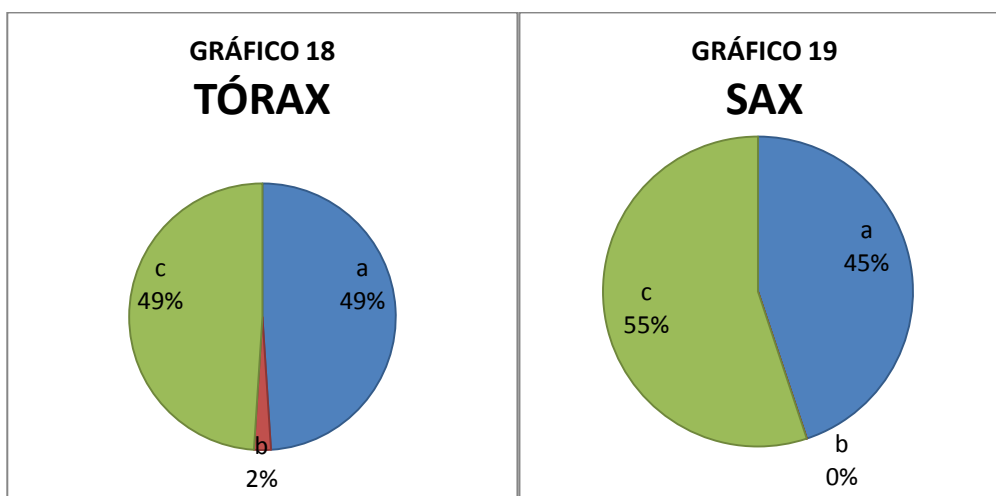
4.3.2. Plural de palavras terminadas em “x”

Neste caso, o que verificamos, pela análise dos dicionários, foi a possibilidade de acréscimo de [-es] às palavras para a formação de plural⁴¹. Por isso, apresentamos duas respostas direcionadas a esta alternativa e uma pela manutenção da mesma forma, o que foi encontrado como resposta na maior parte dos dados colhidos em dicionários e gramáticas(cf. capítulos 2 e 3,).

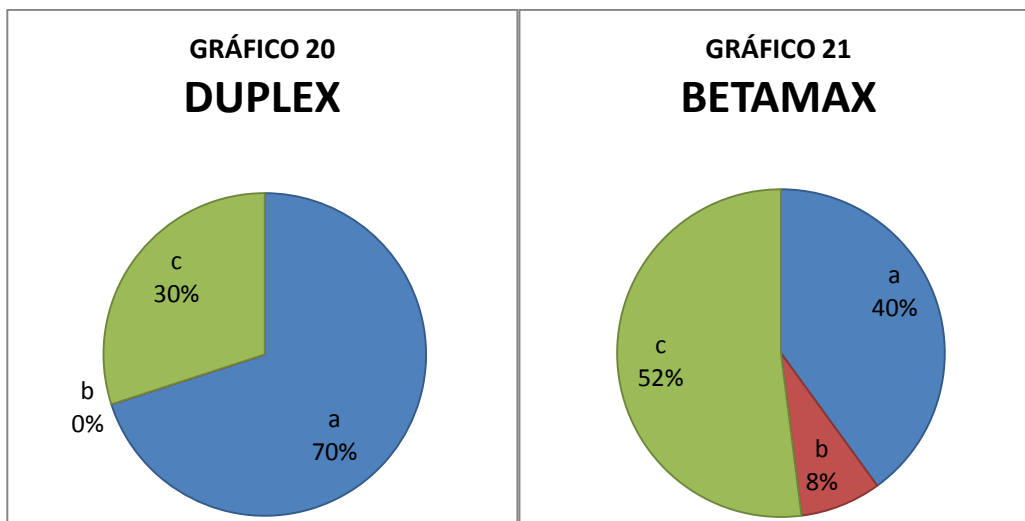
As alternativas de resposta foram as seguintes: a) manutenção da mesma forma singular; b)acréscimo da terminação “ces”; e c) acréscimo de [-es].

As respostas preferidas foram a manutenção da forma no singular e o acréscimo de [-es] sem qualquer adaptação, conforme os resultados abaixo:

Figura 6 – Gráficos 18,19,20 e 21



⁴¹ Lembramos que esta era a hipótese ventilada pela primeira versão do dicionário Houaiss e era fortemente baseada na diacronia e na analogia com palavras terminadas em “x” que passaram do latim ao Português com a mudanças do “x” final para “ce”, como *index>índice*.



Ficou claro que os falantes estão divididos entre a manutenção da forma singular ocasionada pela terminação com sonoridade [cs] e acréscimo de [-es] causado pela acentuação da última sílaba que é característica das palavras terminadas em “x”.

Também observamos que a alternativa “b”, que representava a forma com o acréscimo de “ces” no gráfico 18 e foi escolhida por 2% dos sujeitos colaboradores, o que pode representar a influência da escolarização sofrida pelos sujeitos colaboradores, uma vez que tal alternativa é a forma dada pelos dicionários para o plural, levando em conta o aspecto diacrônico, como acentuamos no capítulo 1. Entretanto, observamos que, conforme o gráfico, 21, 8% dos sujeitos colaboradores optaram pela mesma opção e, para o caso, a orientação dos dicionários é de que não se flexione a palavra, o que demonstra que as marcações para essas alternativas foram aleatórias. .

Observamos que as respostas obtidas para o plural da palavra “duplex” apresentaram um percentual bastante significativo pela manutenção da forma singular, o que ocorreu também nas outras alternativas. Isso pode corroborar nossa hipótese de que haveria aí o acréscimo de [-s], uma vez que não houve preferência pelas formas previstas na GT.

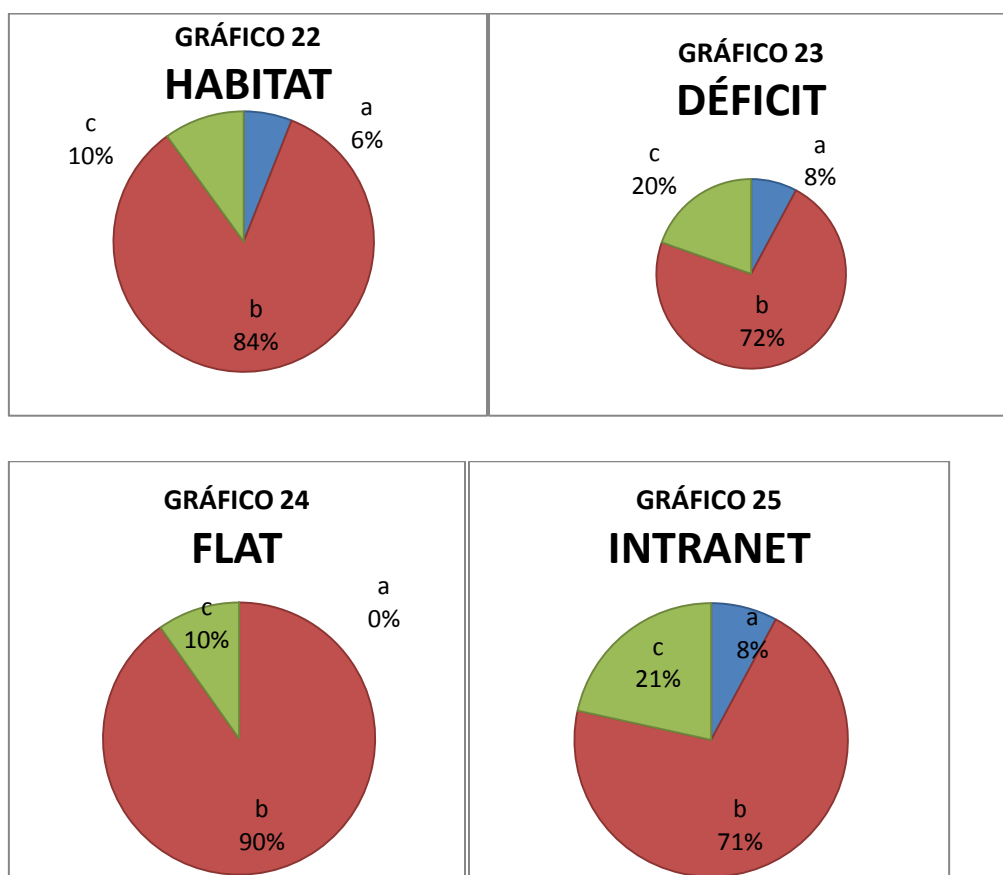
Também conforme nossa hipótese de pesquisa, a palavra “sax” foi a que obteve o maior percentual de respostas para o acréscimo de [-es], por ser um

oxítona, e o morfe [-es] ajudar a constituir uma sílaba no Português, passando a palavra no plural a ser uma paroxítona.

4.3.3. Plural de Palavras terminadas em “t”

Para as palavras terminadas em “t”, as alternativas eram a) a manutenção da forma singular, b) o acréscimo de [-s] e c) o acréscimo de [-es]. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Figura 7 – Gráficos 22,23,24 e 25



Primeiramente, gostaríamos de ressaltar que o Português não tem como padrão a terminação de palavras em “t”, o que quer dizer que estas palavras são estrangeirismos que foram incorporados à nossa língua. Assim, é natural que haja a

recorrência da regra geral; além disso, as palavras de origem inglesa possuem como regra o acréscimo de “s”, o que ocorre com as palavras contidas nos gráficos 23, 24 e 25.

Já para a palavra “habitat” (22), temos uma variação de pronúncia que fora apresentada no capítulo referente à análise de dados de dicionários, em que há a possibilidade de esta palavra ser pronunciada como oxítona ou como proparoxítona, o que influenciaria na flexão de número.

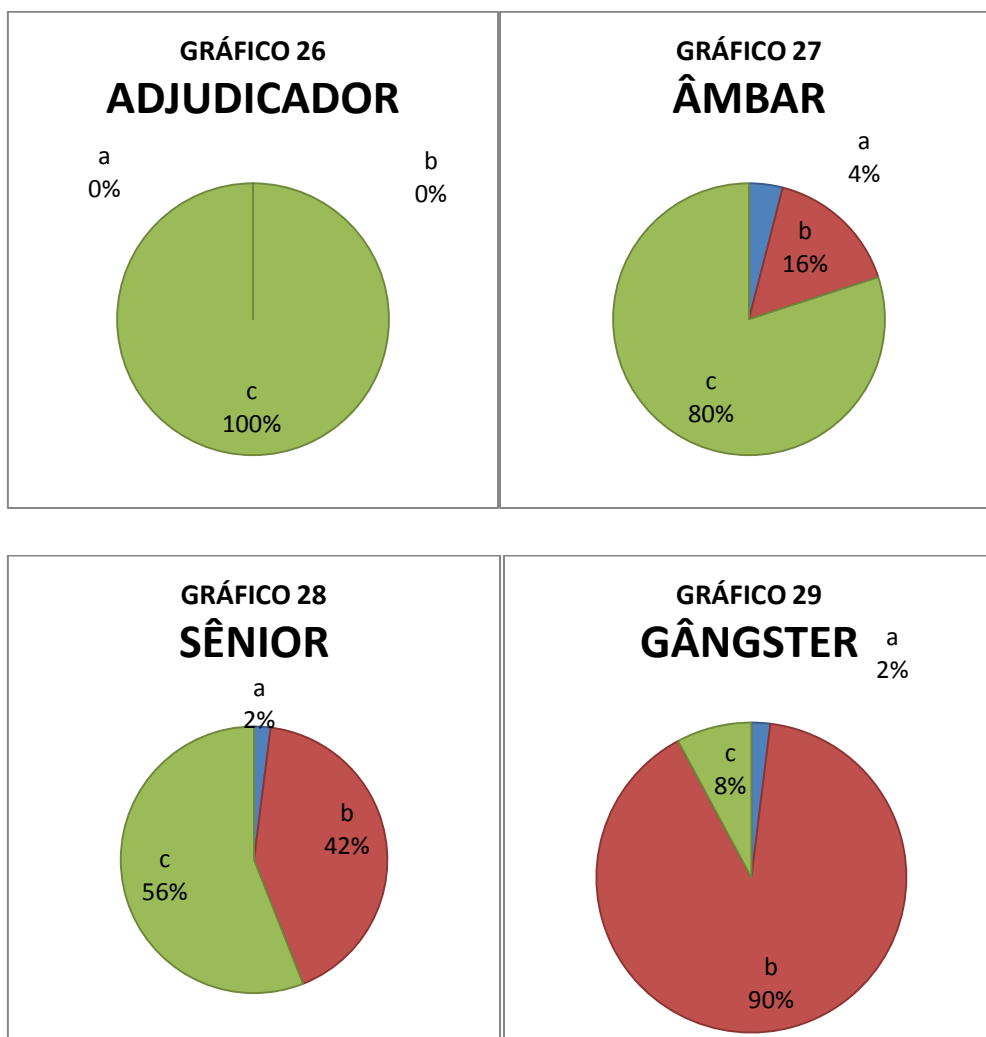
Além disso, temos de observar que a tendência do Português do Brasil é que a pronúncia da consoante final se dê com o acréscimo do fone [ɾ], sendo realizado como [tɾ] ou [tɾɪ], o que justificaria o acréscimo de [-s].

Observamos um percentual significativo de respostas que indicaram a alternativa “c”, ou seja, o acréscimo de [-es], mesmo que a maior parte dos entrevistados tenha optado pelo acréscimo de [-s] (nossa hipótese mais geral). Isso possivelmente ocorre pelo fato de que as palavras com terminação em ‘t’, representadas pelos gráficos 23 e 25, possam ser pronunciadas com acentuação na última sílaba por alguns falantes ou que esses falantes tenham optado pelo acréscimo de [-es] para retomar o padrão silábico consoante/vogal/consoante do Português.

4.3.4. Plural de palavras terminadas em “r”

Para as palavras terminadas em “r”, usamos no questionário as seguintes alternativas :a) manutenção da forma singular; b) acréscimo de [-s]; e c) acréscimo de [-es]. Os resultados obtidos foram os seguintes:

Figura 8 – Gráficos 26,27,28 e 29



Os gráficos 26 e 27 revelam que a tendência do Português do Brasil é o acréscimo de [-es] às palavras terminadas em “r”, mantendo o padrão silábico consoante-vogal e a tendência acentual na penúltima sílaba com estas palavras flexionadas.

Com relação ao gráfico 28, reparamos que, apesar de haver ainda a tendência do acréscimo de [-es], há também um percentual bastante representativo de colaboradores que optou por acrescentar [-s] à forma singular.

Com relação ao gráfico 29, reparamos que a maior parte dos sujeitos colaboradores optou pelo acréscimo de [-s]. Isso pode ocorrer por interferência do

Inglês ou pela aplicação da regra geral do Português (o acréscimo de [-s] às palavras que são incorporadas ao Português).

Observamos que nossa hipótese 1 de pesquisa é confirmada pelos dados descritos: há o acréscimo de [-s] em palavras não-oxítonas terminadas em consoante (como no caso do gráfico 29), enquanto, nas palavras oxítonas (como a do gráfico 26), ocorre o acréscimo de [-es], nesse caso em 100% das respostas.

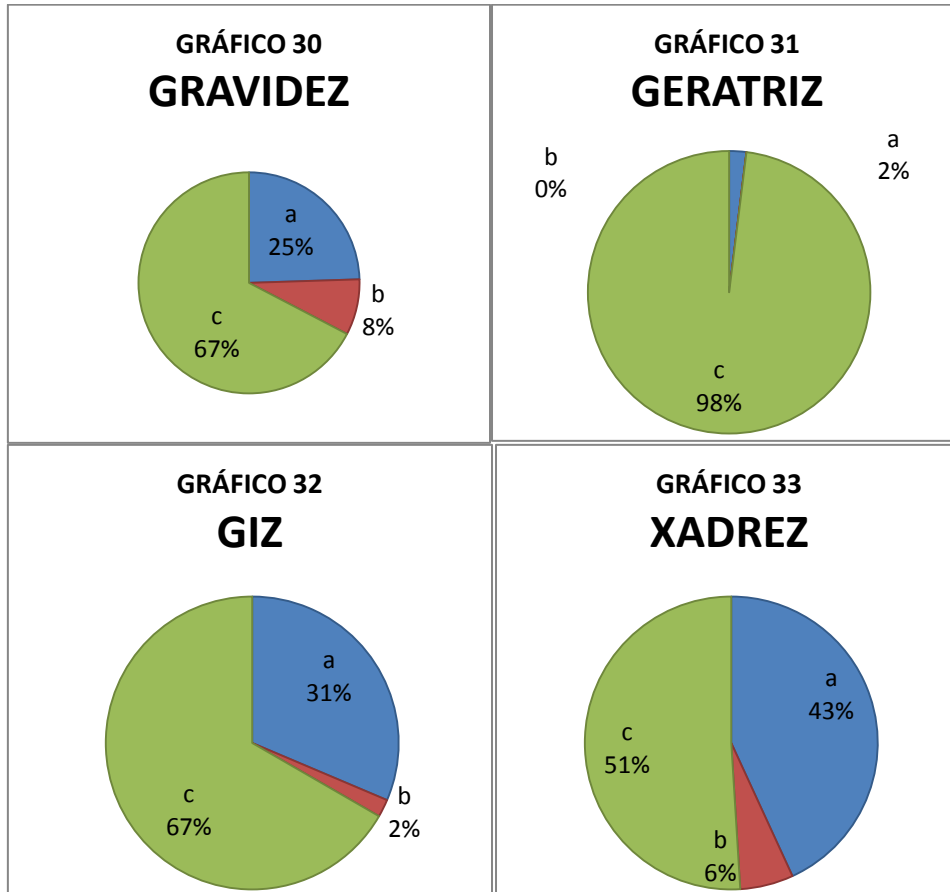
Merecem destaque as respostas representadas pelo gráfico 27. Se somarmos as respostas a) e b), chegaremos ao percentual de 20% de colaboradores que optaram por alternativas que não o acréscimo de [-es] (alternativa c), mesmo sendo a palavra uma paroxítona. Chama atenção também o percentual de 44% dos colaboradores que optaram por resposta diferente de [-es] para o plural de "sênior" (cf, gráfico 28). Isso se deve, em nosso ponto de vista, à tentativa do falante em retomar o padrão silábico de consoante/vogal/consoante do Português.

4.3.5. Plural de Palavras terminadas em “z”

Antes de apresentarmos os resultados obtidos para as palavras terminadas em “z”, gostaríamos de acentuar que as palavras com essa terminação tendem a ser oxítonas no Português.

Agora passaremos a analisar os dados a seguir, em que as alternativas eram respectivamente: a) a manutenção da mesma forma do singular ,b) o alongamento do som [s] final e c) o acréscimo de [es]:

Figura 9 – Gráficos 30, 31, 32 e 33



Com a análise dos gráficos, percebemos que a maior parte das respostas se concentrou no acréscimo de [-es], o que modificaria a acentuação tônica, fazendo com que essas palavras se tornassem paroxítonas, seguindo a regra canônica de acentuação do Português.

Percebemos, também, que um percentual significativo, exceto no gráfico 31, apresentou, como resposta, a manutenção da forma singular no plural, como ocorreu em quase todos os casos de análise. Há também quem tenha optado pelo alongamento do som [s] final, o que seria, para nós, indício do acréscimo do morfema [-s] à palavra no singular.

Sobre o gráfico 31 que mostra que a quase totalidade de respostas foi pela opção do acréscimo de [-es] à palavra “geratriz”, devemos observar que os

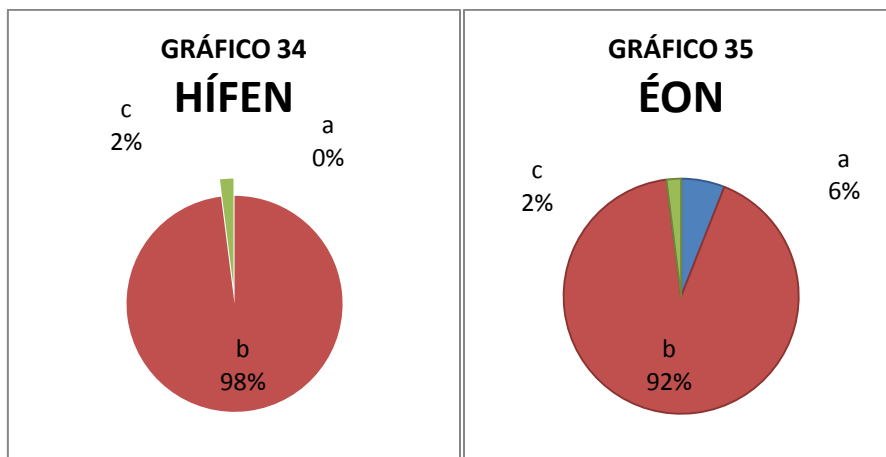
estudantes que colaboraram para a pesquisa integravam o curso de Física da UnB e que essa palavra é um termo dessa área.

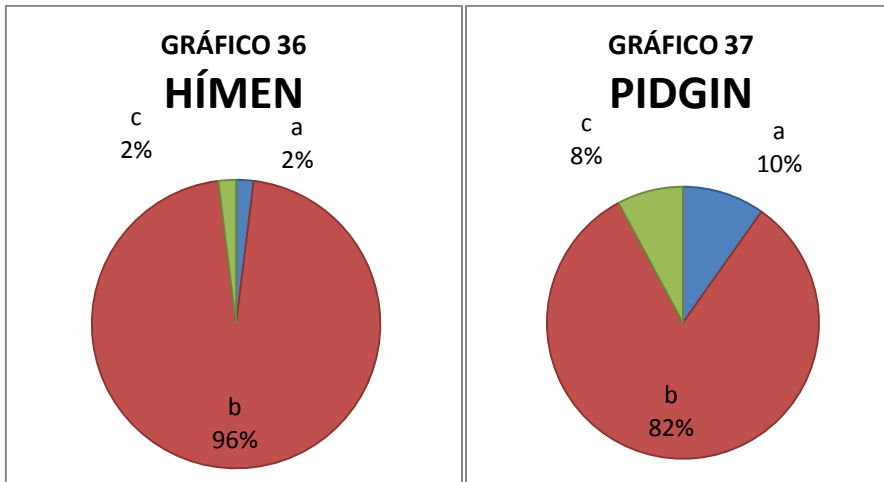
4.3.6. Plural de Palavras terminadas em “n”

A primeira observação que fazemos é de que o “n” final é apenas uma representação da nasalização da vogal final nas palavras analisadas, de modo que esta letra sequer se caracteriza como um fonema. Por isso, de acordo com o que propusemos como hipótese, a tendência seria de que observássemos um grande percentual de respostas concentrado no acréscimo de [-s], ou seja, de aplicação da regra geral, uma vez que estaríamos, de fato, diante de uma vogal nasalizada e não de uma consoante.

Assim, chamamos atenção aos gráficos que representam as respostas obtidas nas questões envolvendo as palavras terminadas em “n”, em que as alternativas eram: *a*) a manutenção da forma singular, *b*) o acréscimo de [-s] e *c*) o acréscimo de [-es]:

Figura 10 – Gráficos 34, 35, 36 e 37





É interessante perceber que este foi o primeiro conjunto de dados em que observamos uma concentração de respostas em uma mesma alternativa superior a 80% em todos os casos. A resposta escolhida nesses casos foi o acréscimo de [-s], conforme esperado, o que confirmou, inicialmente, nossa hipótese. Mas há o fato de que o acréscimo de [-es] representaria uma mudança muito brusca na estrutura morfofonêmica da palavra.

Após a coleta dos dados apresentados, passamos à análise das entrevistas em áudio, pela qual pretendemos verificar nossa primeira hipótese de pesquisa: identificação de alongamento do [-s] que marca o plural, o que poderia indicar a fusão do [s] final de palavras como “ônibus” com o morfema de plural [-s].

4.4. Entrevista-piloto realizada para a verificação do alongamento do [s] final de palavras terminadas em consoante (Fase 3) – Metodologia e Análise.

Para a verificação sobre a possibilidade de desfazimento da fusão entre [s] e [-s] em palavras como “lápiz”, “pires” e “ônibus”, realizamos uma entrevista-piloto gravada para que se verificasse com o auxílio de algumas ferramentas da fonética acústica o aumento da duração da sibilante final, que teria, fundidas, a consoante final da palavra e o morfema de plural.

Assim, utilizamos o software Praat, versão 5335 (Boersma e Weenink, 2013), para que fosse marcado o tempo de duração da produção da sibilante final, por meio do espectrograma e da forma de onda. A marcação de duração nos permitiu perceber com mais clareza o momento em que a articulação da sibilante teve início e fim.

Foi utilizado ajuste do espectrograma de 10500 Hz para melhor visualização da sibilante que, em geral, é produzida em região de frequência maior do que as vogais que, em geral, estão em seu ambiente fonético.

Utilizamos um texto para a verificação contendo dois parágrafos contínuos e três sequências contendo duas frases cada para que fosse possível comparar os pares de palavras (uma no singular e uma no plural) em mesmo contexto.

Após a separação dos trechos, organizamos uma tabela contendo as ocorrências que julgamos relevantes e realizamos uma análise preliminar.

A quadro abaixo levou em conta a condição da palavra (se singular ou plural), a linha em que a palavra está inserida no texto, a duração, e o contexto prosódico (posição de fronteira ou não).

Quadro 2 – Ocorrência de palavras terminadas em [s] na entrevista-piloto gravada.

Ocorrência nº	Palavra (linha)	Condição	Fronteira	Duração (ms)
1	Pires (17)	Plural	Sim	19
2	Pires (20)	Singular	Sim	20
3	Ônibus (24)*	Singular	Não	27
4	Ônibus (25)	Plural	Sim	20
5	Pires (26)	Singular	Não	09
6	Pires (27)	Plural	Sim	20
7	Ônibus (04)	Singular	Não	03

Em uma primeira análise, percebemos que as sibilantes realizadas em região de fronteira⁴² tenderam a ser alongadas. Isso se dá de maneira natural, posto que a desnecessidade de articular outro som imediatamente após a última produção provoca um natural alongamento.

⁴²Chamamos de região de fronteira a ocorrência em contexto prosódico em que há uma pausa silenciosa entre a palavra a ser verificada e a próxima palavra, correspondendo a um aumento da duração.

Por isso, optamos por excluir de nossa verificação as palavras “ônibus (linhas 6 e 7), “pires” (linha 18) e “lápiz” (linhas 11 e 14), em que as palavras estavam, no texto, em ambiente prosódico de fronteira natural.

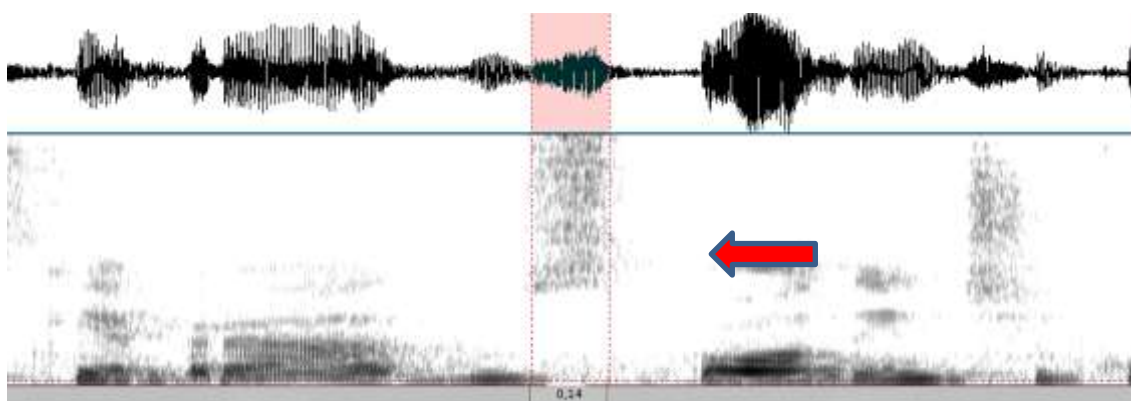
Destacamos que mesmo nas palavras selecionadas, se comparamos as ocorrências de número 1 e 2 do quadro, podemos observar que não houve diferença relevante de duração entre as duas palavras, ocorrendo as duas em ambiente de fronteira (“xícaras e pires,” [...] [l.17] e “um pires. Pires” [...] [l.21]). Conforme explicado anteriormente, o ambiente de fronteira prosódica é uma variável que pode interferir na análise do fenômeno que queremos observar (alongamento), então, não é possível afirmar ausência do fenômeno de alongamento nesse caso, ainda que ambas as palavras estejam sob o efeito da fronteira.

No mesmo sentido, podemos destacar que a palavra apontada na ocorrência 5 do quadro foi significativamente menor do que as demais palavras em contexto de fronteira (ocorrências 1, 2 e 6), a duração em região de fronteira foi de 22 ms e em região sem fronteira foi de 9 ms, ou seja, quase a metade da duração.

Outro ponto que merece destaque é que todas as palavras no plural selecionadas foram produzidas pelo sujeito colaborador em contexto de fronteira criada por ele, ao passo que as palavras no singular nem sempre foram produzidas no contexto de fronteira, o que pode sugerir indícios importantes.

Para ilustrar o caso, apresentamos os gráficos abaixo em que foi notada uma pausa antes da produção do som subsequente à sibilante:

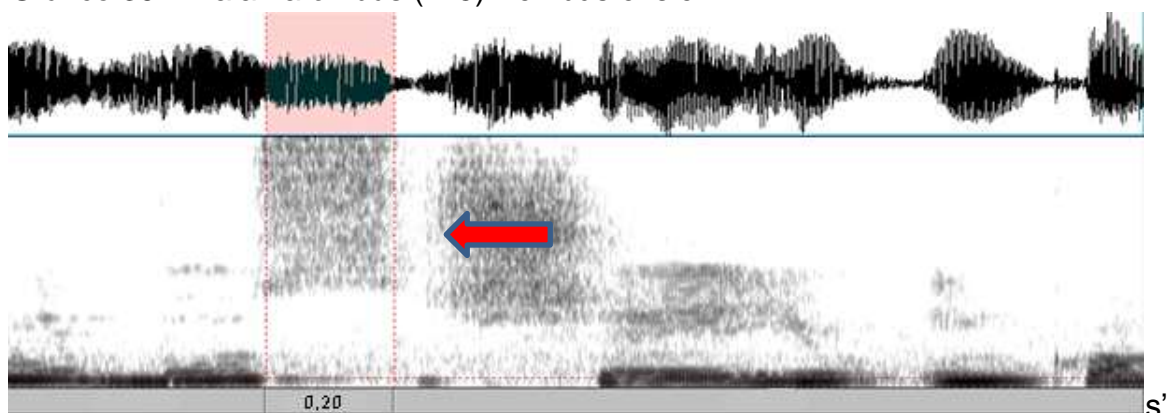
Gráfico 38 – Palavra pires (l.25) “pires quebrados”



Essa pausa não é decorrente do contexto sintático e nem do ambiente fonético em que as palavras se encontram, posto que as palavras foram produzidas em ambiente idêntico no singular e no plural, de modo que o gráfico 39 apresenta uma pausa muito maior do que uma simples pausa oclusiva convencional. Isso evidencia que há indícios de que o sujeito colaborador induziu regiões de fronteiras pelo acréscimo de pausas após a realização da sibilante final quando a palavra se encontrava no plural, o que, sem dúvidas, provoca alongamento.

Assim, não é possível precisar se o alongamento que notamos ocorre do desfazimento da fusão [s] final com [-s] plural ou se o sujeito colaborador utilizou de uma estratégia (inserção de uma pausa) para verificar se o contexto seria de singular ou plural, já que não há pistas evidentes em palavras terminadas em [s], que teria como consequência o alongamento da sibilante.

Gráfico 39 – Palavra ônibus (l.25) -“ônibus cheio”



No caso do gráfico 38, observamos que a pausa poderia ter ocorrido por conflito articatório entre as fricativas [s] e [ʃ], mas a ocorrência 3 mostrou que não houve pausa entre as duas fricativas, de modo que a duração relacionada ocorreu com a junção entre a articulação das duas fricativas (0,27 ms). Já a produção da sibilante sozinha em região de fronteira durou 0,20 ms, valor de duração menor, provavelmente, devido à ausência da referida junção, já que a diferença de 7 ms é semelhante ao valor de duração média de um fone como o [s] em região de não fronteira.

Entretanto, não é possível descartar totalmente que o sujeito colaborador tenha induzido esses ambientes de fronteira por conflito articulatório de fones semelhantes ou por alguma dificuldade articulatória diversa.

Então, chegamos a quatro hipóteses para o alongamento apresentado na verificação: (i) o desfazimento da fusão entre o[s] final da palavra e o [s] de plural; (ii) a indução de fronteira prosódica pela inserção de uma pausa entre a palavra verificada e o som subsequente que pode ocorrer por dúvida do sujeito sobre o número da palavra; (iii) uma pausa decorrente de conflito articulatório ou dificuldade articulatória; ou (iv) dúvida morfológica sobre o contexto de plural da sentença.

Portanto, classificamos os alongamentos encontrados como indícios de que o sujeito colaborador realizou o plural de palavras terminadas em [s] de maneira diferente do que realiza no singular, de modo que o caso merece uma análise mais precisa, utilizando-se para isso: (i) textos com melhores contextos de ocorrência e ocorrências das palavras em menos regiões de fronteiras naturais e teste com palavras em diferentes contextos prosódicos; (ii) realização de mais repetições das orações em que as palavras estão inseridas para eliminar dúvidas; (iii) utilização de testes estatísticos para evidenciar os padrões repetidos e eliminar possíveis desvios; e (iv) realização das entrevistas com um número maior de sujeitos colaboradores.

4.5. Considerações finais do capítulo 4

Os resultados apresentados pelos questionários analisados confirmam nossas hipóteses investigadas durante a pesquisa, contrariando alguns pontos apresentados pela GT, pelos dicionários e pela literatura linguística.

Com relação à primeira hipótese, constatamos que há forte indício do acréscimo de [-s] a palavras terminadas em “s” no singular, de modo que a hipótese que propusemos sobre a fusão do morfe [-s] com o fone [s] pode ser confirmada com a afirmação por mais falantes de que alongavam conscientemente o [s] final em palavras desse tipo, além de encontrarmos alguns indícios em nossa entrevista-piloto gravada de que o falante pode diferenciar palavras desse tipo em contexto de singular e plural.

Também percebemos, com o auxílio dos questionários escritos, que alguns falantes creem que realizam um alongamento do “s” neste contexto, de modo que interpretamos tal ocorrência como desfazimento da fusão para que se demonstre que há, ali, um plural. Isso ficou evidenciado nas palavras terminadas em “x” e em “z”.

Com isso, destacamos que as análises morfológicas do Português que apresentam a possibilidade de existência de um morfema contextual neste caso não explicam suficientemente o fenômeno. Não se pode desprezar a força que tem o contexto plural nesse caso, mas não se pode igualmente desprezar outros indícios de natureza morfológica e fonológica. Além disso, destacamos que refutamos no capítulo anterior a possibilidade de proposição de um morfema zero ou de um alomorfe de morfema zero por questões conceituais que envolvem a postulação do próprio morfema zero.

Outro ponto que percebemos é que a regra geral, o acréscimo de [-s], é sempre a primeira opção do falante ao tentar formar o plural de uma palavra.

Vale destacar também que, para as palavras terminadas em “n”, a alternativa dadas pelos dicionários foi amplamente rejeitada (seria o acréscimo de [-es]), posto que os dados comprovaram que a opção do falante é majoritariamente o acréscimo de [-s] apenas. Essa é mais uma característica do Português culto brasileiro.

No caso das oxítonas, o que notamos é que a tendência é o acréscimo de [-es], formando um plural paroxítono e com o padrão silábico consoante-vogal-consoante. Mas, de modo algum, fazemos coro com os que analisam o “e” como forma histórica ou congênere. A sua ocorrência hoje é devida ao padrão silábico do Português; logo, a distribuição de [-es] é complementar à distribuição do [-s].

Também é importante mencionar que o morfe [-es] é foneticamente realizado como [ɪs], o que nos leva a acreditar que o plural de palavras como “pastel” consiste no simples acréscimo do morfe [-es], com a assimilação da semivogal final [w] e alteamento do vocóide ensurdecido [ɪ], por harmonização vocálica, como ressaltamos em nossa hipótese.

5. CONCLUSÃO

Na introdução, acentuamos que nossa análise seria sincrônica e versaria sobre o plural dos nomes em Português culto usado no Brasil. Por isso, procuramos concentrar nossa pesquisa no português usado por estudantes universitários por estarem em permanente contato com a Norma Culta e estarem em ambiente socialmente prestigiado.

Utilizamos as análises obtidas em fase de iniciação científica por meio da aplicação de um questionário que tinha como objetivo a análise de pontos bastante semelhantes aos que pretendemos com esta pesquisa. Tomando esse questionário como um piloto, adequando alguns fatores e algumas possibilidades de análise estabelecemos nossas hipóteses de pesquisa.

Para elaborar as alternativas de resposta do questionário, utilizamos dados extraídos de dicionários selecionados, os quais analisamos para que fossem incorporados ao nosso trabalho por serem uma forte referência para os falantes cultos. Percebemos que, em geral, o tratamento dado às palavras pesquisadas foi bastante semelhante nos três dicionários pesquisados, mantendo-se as palavras terminadas em “s” como comum de dois números, as terminadas em “r” e “z” com o acréscimo de [-es] e as terminadas em “t” com o acréscimo de “s”.

Entretanto, consideramos que dois pontos mereceram destaque: (i) o tratamento dado pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa às palavras terminadas em “x”; e (ii) o tratamento dado por todos os dicionários às palavras terminadas em “n”. A apresentação do acréscimo de “ces” às palavras terminadas em “x” na primeira versão do Dicionário Houaiss (1.0) denota um apelo à diacronia, elemento que mantém a tradição do próprio dicionário, que sempre foi conhecido pelas explicações etimológicas. Essa possibilidade foi duramente rechaçada pela grande maioria dos sujeitos colaboradores que respondeu aos questionários escritos, como observamos na análise do conjunto de dados referente às palavras terminadas em “x”, o que foi evidenciado na seção 4.2.3.2. Essa apresentação foi substituída na versão 3.0 do mesmo dicionário pela informação de que essas palavras são “comuns de dois números”. Provavelmente, isso ocorreu após a

verificação de que esta formulação não condizia com a realidade linguística do Brasil.

Para o caso das palavras terminadas em “n”, o que percebemos é que todos os dicionários registraram o plural em [-es], marcando o acréscimo de [-s] como “brasileirismo” no Houaiss e como “pouco usado no Brasil” no dicionário Aurélio. De fato, percebemos que a tendência no Brasil é o acréscimo de [-s], como destacamos na seção 4.2.3.6. Entretanto, percebemos que esta marcação de “brasileirismo” e sua posição no dicionário (sempre após a indicação de “es”) nos levam a pensar que tem conotação pejorativa, quase como um adendo.

Somente no Caudas Aulete Digital é possível perceber a forma mais usada no Brasil sendo apresentada na primeira posição, mas com uma marca de uso: qual? Isso também pode levar o usuário a pensar que a forma usada no Brasil não é tão bem vista sob o ponto de vista da Tradição Gramatical.

Com a análise das Gramáticas utilizadas como referência pelos brasileiros falantes do Português Culto do Brasil, percebemos que a finalidade para a qual foi escrita a gramática (histórica, normativa ou escolar) não modifica tão substancialmente seu conteúdo, apresentando informações bastante repetitivas e cansativas listas de palavras com as exceções às regras. Esse tipo de livro, portanto, não se preocupa em apresentar regras para a utilização, mas em prescrever (mesmo no caso da histórica) formas de uso. Outro ponto que merece destaque é que as gramáticas normativas não se distanciaram da abordagem dada aos fatos linguísticos pela gramática histórica, o que nos leva a interpretar que a diacronia é sua principal fonte. Isso ficou bastante claro quando analisamos as obras de Almeida (1999) e Bechara (2009) no Capítulo 2.

Constatamos também que as gramáticas normativas atuais são bastante semelhantes à Gramática de João de Barros (1540), de modo que percebemos que a metodologia utilizada por estas obras não sofreu grandes alterações com o tempo.

Destacamos, no Capítulo 2, a quantidade de quadros com listas de palavras presentes nas Gramáticas analisadas que podem ser sintetizadas pela obra de Cunha & Cintra (2008), que apresenta exaustivas e longas páginas contendo listas de palavras terminadas em “ão”, transformando a obra em um repertório lexical.

Outro ponto que merece atenção é o fato de que há explicações diacrônicas para alguns casos, como, por exemplo, o da vogal temática apresentada por Bechara (2009), em que a explicação dada é um mecanismo *ad hoc* para justificar o aparecimento de um fato linguístico não esperado. A explicação, inclusive, é a mesma apresentada por Câmara Jr. (1998).

Também merece destaque a quantidade de alomorfes apresentada pelos gramáticos com o significado de plural, e as explicações para a postulação de tantos alomorfes são variadas entre os autores. Além disso, em alguns casos, como nas explicações de Almeida (2004) sobre o plural há a confusão entre sons e letras, o que faz com o que o autor indique equivocadamente vários alomorfes de plural, baseando-se na escrita.

A partir das análises realizadas nos capítulos 1 e 2, podemos perceber que a função dos dicionários e gramáticas não é tão bem delimitada quanto seria necessário para seu melhor aproveitamento, de modo que há recomendações de uso (característica normativa) em todos os dicionários analisados e apresentação de listas de palavras e formas para memorização pelas gramáticas analisadas (função de repositório lexical típica de dicionários).

É fundamental observarmos esse aspecto, já que dicionários e gramáticas têm bastante utilização em ambiente escolar, dificultando o ensino/aprendizagem e inserindo o professor e o aluno em contextos de confusão metodológica.

Além disso, parece-nos mais grave o fato de que as gramáticas analisadas apresentam grande alternância entre as metodologias sincrônica e diacrônica, proporcionando explicações, dentro da mesma classe, utilizando metodologia diferente – com exceção feita à obra de Said Ali (1966), que mantém a metodologia diacrônica em toda sua extensão.

Entendemos que essa mistura entre as duas metodologias não é proveitosa ao ensino e apresenta como característica própria a apresentação de explicações com enfoque nas exceções, criando regras em grandes quantidades e de aplicação muito restrita. Em sentido contrário a essa confusão metodológica, demonstramos que a utilização da metodologia sincrônica permite a percepção de regras com maior

aplicação e em menor número; acentuamos a reduzida quantidade de hipóteses por nós apresentadas – todas confirmadas.

Outra consequência da utilização da metodologia diacrônica evidente - e que nos pareceu prejudicial - foi a consideração da forma ortográfica em oposição à produção sonora das palavras, levando à consideração de um grande número de alomorfe para o plural que, muitas vezes, se diferenciam entre si apenas no campo ortográfico. Isso tem por base estudos de linguística histórica (baseados em formas escritas colhidas em documentos históricos) aplicados de maneira imprecisa.

No terceiro capítulo, realizamos uma diferenciação entre flexão e derivação, tarefa difícil para os linguistas, posto que se trata de conceitos bastante fluidos. Verificamos que a simples aplicação de critérios distintivos não seria suficiente para realizar uma clara distinção entre flexão e derivação, de modo que a reflexão sobre flexão e derivação nos levou a verificar quais características prototípicas de cada classe estão presentes na formação do plural em Português. Ao menos para fins didáticos, há a necessidade de verificarmos as características de cada mecanismo, mas sem hierarquizá-las ou relativizá-las, verificando que o plural em Português tem mais propriedades flexionais.

Analisamos, também no Capítulo 3, a diferenciação entre flexão inerente e contextual postulada por alguns autores e vimos que há a eleição do critério da obrigatoriedade como o critério mais relevante para diferenciar flexão de derivação. A sintaxe é colocada como preponderante para a distinção do tipo de flexão a que um processo pertence, o que, ao nosso ver não é a melhor alternativa. Além disso, esse modelo não dá conta da explicação da proximidade de afixos derivacionais da raiz em relação aos afixos flexionais, posto que a explicação é predominantemente sintática.

Portanto, verificamos que a perspectiva de um *continuum* entre flexão e derivação parece ser mais coerente com a realidade linguística e permite que mais propriedades da flexão e da derivação possam ser analisadas sem que haja relativização de propriedades, permitindo que vejamos que alguns processos tendam mais a um polo ou a outro, dependendo das características que tem.

Analisamos, em seguida, a literatura linguística, que apresenta várias concepções diferentes para a flexão de número do Português, privilegiando em alguns casos a diacronia e em outros apresentando inconsistência de ordem conceitual ou metodológica que dificulta a obtenção de uma regra para a formação de plural em nomes no Português. Esperamos que nossas análises e resultados possam contribuir para o preenchimento dessas lacunas e facilitar o ensino de Português, pois baseamo-nos em poucas hipóteses e procuramos apresentar explicações sincrônicas, o que não foi encontrado em nenhum trabalho analisado.

Por fim, analisamos os resultados apresentados pelos questionários, que confirmaram nossas hipóteses investigadas durante a pesquisa, contrariando alguns pontos apresentados pela GT, pelos dicionários e pela literatura linguística.

Com relação à primeira hipótese, constatamos que há o acréscimo de [-s] apalavras terminadas em “s” no singular, de modo que a hipótese que propusemos sobre a fusão do [-s] morfe com o [s] fone ocorre e pode ser percebida com a análise acústica da pronúncia de falantes cultos de Português do Brasil, o que confirmou integralmente nossa hipótese de pesquisa em palavras como “lápiz”, “pires” e “ônibus”.

Também percebemos, com o auxílio dos questionários respondidos, que alguns falantes pensam realizar um alongamento do “s” neste contexto, de modo que interpretamos tal ocorrência como desfazimento da fusão, ou seja, o falante pretende que o interlocutor note que há um plural ali.

Vale destacar também que o acréscimo de [-es] para as palavras terminadas em “n” foi rejeitado amplamente por nossos colaboradores.

No caso das oxítonas, o que notamos é que a tendência é o acréscimo de [-es], formando um plural paroxítono e com o padrão silábico consoante-vogal.

Portanto, após a análise de dados, confirmamos nossas hipóteses de pesquisa, constatando que é possível analisar sincronicamente a flexão de número em nomes do Português Culto usado no Brasil por verificar que duas regras são aplicadas para a flexão: (i) o acréscimo do alomorfe [-s] como regra geral ou o acréscimo do alomorfe [-es] em oxítonos, monossílabos tônicos para que se

mantenha a acentuação e a constituição canônica da sílaba no Português Culto do Brasil.

6. BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, Maria Luiza M. *Gramática: Texto, análise e construção de sentido*. São Paulo: Moderna, 2006.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 44. Ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ARONOFF, Mark; FUEDEMAN, Kirsten. *What is Morphology*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2004.

ASSIS ROCHA, Luiz Carlos de. *Estruturas Morfológicas do Português*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. Ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. *Aulete Digital: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* Caldas Aulete. Lexikon .Editora Digital. Versão 1.0. 2009. (acesso em 02/11/2012).

BAGNO, Marcos. *Norma Linguística, Hibridismo & Tradução*. Traduzires (revista do Programa de Pós-Graduação em Tradução - POSTRAD). Brasília, Maio/2012. ISSN 238-7749.

_____. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BARROS, João de. *Gramática da Língua Portuguesa*. Edição digital disponibilizada pela Fundação Biblioteca Nacional, 1540.

BECHARA, Evanildo. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. Ed. 17 Reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOIJ, Gertt. *The Grammar of Words: an introduction to Morphology*. New York: Oxford University Press Inc. 2007.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Santa Catarina, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BOTELHO, José Mário. *Flexão e derivação sufixal: semelhanças e diferenças*. Rio de Janeiro, 2005. In: CONGRESSO DE LETRAS DA UERJ, 2., *Anais eletrônicos 2º CLUERJ-SG*. São Gonçalo: UERJ, 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/mesa01.htm>> Acesso em 17 jul. 2009.

BYBEE, Joan L. *Morphology: A Study of the Relation Between Meaning and Form*. (Typological Studies in Language, ISSN 0167-7373 Vol. 9). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1985.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 28. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 9. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2004. (Série Fundamentos 12).

CEREJA, Wiliam Roberto; MAGAGLHÃES, Thereza A. C. *Gramática Reflexiva: Texto, semântica e interação*. 3. Ed. São Paulo: Editora Atual, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CRYSTAL, D. *Dictionary of Linguistics and Phonetics*. 6. Ed. Oxford: Blackwell publishing, 2009.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso; TELES, Iara Maria. *Gramática do Brasileiro: Uma Nova Forma de Entender a Nossa Língua*. São Paulo: Globo, 2008.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004 Versão 5.0 [CD-ROM].

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Iniciação aos Estudos Morfológicos: flexão e derivação em Português*. São Paulo: Contexto, 2011.

GIVÓN, T. *Syntax: an Introduction*. V. I e II Amsterdã/Filadélfia: John Benjamin Publishing Company, 2001.

- HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea. *Understanding Morphology*. 2. Ed. Série Understanding Language. London: Hodder Education. Na Hachette UK Company, 2010.
- HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Morfologia*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. (Coleção Português na Prática).
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0. 1 [CD-ROM]. 2001.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 3.0 [CD-ROM]. 2009.
- KATAMBA, Francis; STONHAM, John. *Morphology*. 2.ed. Basingstoke: Palgrave Macmilan, 2006.
- KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2002. (Princípios; 188).
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. 4. Ed. Campinas; Pontes, 2002.
- NOGUEIRA, Tomaz de Andrade. *Material de referência para o professor*. Português. Ciclo básico de educação. Vol. 3 Morfologia. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação, 1997.
- PONTES, Eunice. *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966
- SANDMANN, A. J. *Morfologia Geral*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1993 (Repensando a Língua Portuguesa).
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. (Tradução de Antônio Chelini, João Paulo Paes e Izidoro Blikstein). 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- SILVA M. C. de Sousa; KOCH, Ingedore G. V. *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. 15. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ZANOTTO, Normelio. *Estrutura M3rfica da L3ngua Portuguesa*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna; Caxias do Sul: Educs, 2006.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO-PILOTO ESTRUTURADO

Data: ____ / ____ / 20__.

Tipo de Questionário ____

Número: _____

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

01. Quantos anos você tem? _____ anos.
02. Sexo: () masculino () feminino
03. Qual o nível de escolaridade de seus pais (se houver contato com eles. Caso contrário, do parente mais próximo com quem você tenha contato)?
- Pai? _____
- Mãe? _____
04. Assinale no quadro abaixo, com u "X", respectivamente, a quantidade de equipamentos que você possui em casa e o grau de instrução do chefe de família.

Posse de itens

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	4	5	6	7
Automóvel	0	4	7	9	9
Empregada mensalista	0	3	4	4	4
Máquina de lavar	0	2	2	2	2
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	4	4	4	4
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	2	2	2	2

Grau de Instrução do chefe de família

Nomenclatura Antiga	Nomenclatura Atual	
Analfabeto/ Primário incompleto	Analfabeto/ Até 3ª série Fundamental/ Até 3ª série 1ª. Grau	0
Primário completo/ Ginásial incompleto	Até 4ª série Fundamental / Até 4ª série 1ª. Grau	1
Ginásial completo/ Colegial incompleto	Fundamental completo/ 1ª. Grau completo	2
Colegial completo/ Superior incompleto	Médio completo/ 1ª. Grau completo	4
Superior completo	Superior completo	8

- 05 a. Onde você nasceu? _____
- b. Em que cidade satélite você mora? _____
- c. Com quantos anos você mudou para o Distrito Federal? _____ [caso venha de outro estado]
06. Em que período você se encontra no seu curso?
- a. Período cronológico _____
- b. Período no fluxo _____

QUESTÕES DE CARÁTER LINGÜÍSTICO

INSTRUÇÕES

COMO VOCÊ USARIA O PLURAL DA PALAVRA EM CADA QUESTÃO ABAIXO?

ASSINALE APENAS A ALTERNATIVA QUE REPRESENTA O QUE SOA MAIS NATURAL PARA VOCÊ. LEMBRE-SE QUE SUA RESPOSTA DIZ RESPEITO AO USO QUE VOCÊ FARIA E NÃO AO USO RECOMENDADO POR QUALQUER GRAMÁTICA, DICIONÁRIO OU MANUAL QUE VOCÊ CONHECE.

- | | | | |
|--|---|--|---|
| A. O Tórax
a. () Os Tórax
b. () Os Tóraces
c. () Os Tóraxes | B. O Sax
a. () Os Sax
b. () Os Sacex
c. () Os Saxex | C. O Lápis
a. () Os Lápis
b. () Os Lápicex (com "s" alongado)
c. () Os Lápisex | D. O Sênior
a. () Os Sênior
b. () Os Sêniorx
c. () Os Sêniorx |
| E. A Gravidez
a. () As Gravidez
b. () As Gravidez (com "z" alongado)
c. () As Gravidezex | F. O Habitat
a. () Os Habitat
b. () Os Habitats
c. () Os Habitatex | G. O Déficit
a. () Os Déficit
b. () Os Déficitx
c. () Os Déficitex | |
| H. Hifen
a. () Os Hifen
b. () Os Hifens
c. () Os Hifenes | I. O Adjudicador
a. () Os adjudicador
b. () Os adjudicadorx
c. () Os adjudicadorx | J. O éon
a. () Os éon
b. () Os éonx
c. () Os éonx | K. O Âmbar
a. () Os Âmbar
b. () Os Âmbarx
c. () Os Âmbarx |
| L. O Pires
a. () Os Pires
b. () Os Pires (com "s" alongado)
c. () Os Piresex | M. O Flat
a. () Os Flat
b. () Os Flats
c. () Os Flates | N. O Himen
a. () Os Himen
b. () Os Himens
c. () Os Himenex | |
| O. A Geratriz
a. () As Geratriz
b. () As Geratriz (com "z" alongado)
c. () As Geratrizex | P. O Giz
a. () Os Giz
b. () Os Giz (com "z" alongado)
c. () Os Gizex | Q. O Duplex
a. () Os Duplex
b. () Os Dúplex
c. () Os Duplexex | |
| R. O Xadrez
a. () Os xadrez
b. () Os Xadrez (com "z" alongado)
c. () Os Xadrezex | S. O cais
a. () Os Cais
b. () Os Cais (com "s" alongado)
c. () Os Caisex | T. O Gângster
a. () Os Gângster
b. () Os Gângsterx
c. () Os Gângsterx | |
| U. O Galês
a. () Os Galês
b. () Os Galês (com "s" alongado)
c. () Os Galeses | V. A Betamax
a. () As Betamax
b. () As Betamaces
c. () As Betamaxex | X. O Pidgin
a. () Os Pidgin
b. () Os Pidginx
c. () Os Pidginex | |
| Y. A Intranet
a. () As Intranet
b. () As intranets
c. () As Intranetes | | | |

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO-PILOTO SEMIESTRUTURADO

Data: ____ / ____ / 20__.

Tipo de Questionário ____

Número: _____

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

01. Quantos anos você tem? _____ anos.
02. Sexo: () masculino () feminino
03. Qual o nível de escolaridade de seus pais (se houver contato com eles. Caso contrário, do parente mais próximo com quem você tenha contato)?
- Pai? _____
- Mãe? _____
04. Assinale no quadro abaixo, com u "X", respectivamente, a quantidade de equipamentos que você possui em casa e o grau de instrução do chefe de família.

Posse de itens

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	4	5	6	7
Automóvel	0	4	7	9	9
Empregada mensalista	0	3	4	4	4
Máquina de lavar	0	2	2	2	2
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	4	4	4	4
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	2	2	2	2

Grau de Instrução do chefe de família

Nomenclatura Antiga	Nomenclatura Atual	
Analfabeto/ Primário incompleto	Analfabeto/ Até 3ª série Fundamental/ Até 3ª série 1ª. Grau	0
Primário completo/ Ginásial incompleto	Até 4ª série Fundamental / Até 4ª série 1ª. Grau	1
Ginásial completo/ Colegial incompleto	Fundamental completo/ 1ª. Grau completo	2
Colegial completo/ Superior incompleto	Médio completo/ 2ª. Grau completo	4
Superior completo	Superior completo	8

- 05 a. Onde você nasceu? _____
- b. Em que cidade satélite você mora? _____
- c. Com quantos anos você mudou para o Distrito Federal? _____ [caso venha de outro estado]
06. Em que período você se encontra no seu curso?
- a. Período cronológico _____
- b. Período no fluxo _____

QUESTÕES DE CARÁTER LINGÜÍSTICO

INSTRUÇÕES

COMO VOCÊ USARIA O PLURAL DA PALAVRA EM CADA QUESTÃO ABAIXO?

ASSINALE APENAS A ALTERNATIVA QUE REPRESENTA O QUE SOA MAIS NATURAL PARA VOCÊ. LEMBRE-SE QUE SUA RESPOSTA DIZ RESPEITO AO USO QUE VOCÊ FARIA E NÃO AO USO RECOMENDADO POR QUALQUER GRAMÁTICA, DICIONÁRIO OU MANUAL QUE VOCÊ CONHECE.

A. O Tórax

Os _____

B. O Sax

Os _____

C. O Lápis

Os _____

D. O Sênior

Os _____

E. A Gravidez

As _____

F. O Habitat

Os _____

G. O Déficit

Os _____

H. O Hifen

Os _____

I. O Adjudicador

Os _____

J. O éon

Os _____

K. O Âmbar

Os _____

L. O Pires

Os _____

M. O Flat

Os _____

N. O Himen

Os _____

O. A Geratriz

As _____

P. O Giz

Os _____

Q. O Duplex

Os _____

R. O Xadrez

Os _____

S. O cais

Os _____

T. O Gângster

Os _____

U. O Galês

Os _____

V. A Betamax

As _____

X. O Pidgin

Os _____

Y. A Intranet

As _____

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO

Data: ____/____/20____.

Tipo de Questionário ____

Número: _____

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

01. Quantos anos você tem? _____ anos.
02. Sexo: () masculino () feminino
03. Qual o nível de escolaridade de seus pais (se houver contato com eles. Caso contrário, do parente mais próximo com quem você tenha contato)?

Pai? _____

Mãe? _____

04. Assinale no quadro abaixo, com u “X”, respectivamente, a quantidade de equipamentos que você possui em casa e o grau de instrução do chefe de família.

Posse de itens

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	4	5	6	7
Automóvel	0	4	7	9	9
Empregada mensalista	0	3	4	4	4
Máquina de lavar	0	2	2	2	2
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	4	4	4	4
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	2	2	2	2

Grau de Instrução do chefe de família

Nomenclatura Antiga	Nomenclatura Atual	
Analfabeto/ Primário incompleto	Analfabeto/ Até 3ª série Fundamental/ Até 3ª série 1º. Grau	0
Primário completo/ Ginásial incompleto	Até 4ª série Fundamental / Até 4ª série 1º. Grau	1
Ginásial completo/ Colegial incompleto	Fundamental completo/ 1º. Grau completo	2
Colegial completo/ Superior incompleto	Médio completo/ 2º. Grau completo	4
Superior completo	Superior completo	8

- 05 a. Onde você nasceu? _____
- b. Em que cidade satélite você mora? _____
- c. Com quantos anos você mudou para o Distrito Federal? _____ [caso venha de outro estado]
06. Em que período você se encontra no seu curso?
- a. Período cronológico _____
- b. Período no fluxo _____

QUESTÕES DE CARÁTER LINGÜÍSTICO

INSTRUÇÕES

COMO VOCÊ USARIA O PLURAL DA PALAVRA EM CADA QUESTÃO ABAIXO?

ASSINALE APENAS A ALTERNATIVA QUE REPRESENTA O QUE SOA MAIS NATURAL PARA VOCÊ. LEMBRE-SE QUE SUA RESPOSTA DIZ RESPEITO AO USO QUE VOCÊ FARIA E NÃO AO USO RECOMENDADO POR QUALQUER GRAMÁTICA, DICIONÁRIO OU MANUAL QUE VOCÊ CONHECE.

- | | | | |
|--|--|--|--|
| A. O Tórax
a. () Os Tórax
b. () Os Tóraces
c. () Os Tóraxes | B. O Sax
a. () Os Sax
b. () Os Saces
c. () Os Saxes | C. O Lápis
a. () Os Lápis
b. () Os Lápicos (com "s" alongado)
c. () Os Lápises | D. O Sênior
a. () Os Sênior
b. () Os Sêniors
c. () Os Sêniores |
| E. A Gravidez
a. () As Gravidez
b. () As Gravidez (com "z" alongado)
c. () As Gravidezes | F. O Habitat
a. () Os Habitat
b. () Os Habitats
c. () Os Habitates | G. O Déficit
a. () Os Déficit
b. () Os Déficits
c. () Os Déficites | |
| H. Hifen
a. () Os Hifen
b. () Os Hifens
c. () Os Hifenes | I. O Adjudicador
a. () Os adjudicador
b. () Os adjudicadors
c. () Os adjudicadores | J. O éon
a. () Os éon
b. () Os éons
c. () Os éones | K. O Âmbar
a. () Os Âmbar
b. () Os Âmbars
c. () Os Âmbares |
| L. O Pires
a. () Os Pires
b. () Os Pires (com "s" alongado)
c. () Os Pireses | M. O Flat
a. () Os Flat
b. () Os Flats
c. () Os Flates | N. O Himen
a. () Os Himen
b. () Os Himens
c. () Os Himenes | |
| O. A Geratriz
a. () As Geratriz
b. () As Geratriz (com "z" alongado)
c. () As Geratrizes | P. O Giz
a. () Os Giz
b. () Os Giz (com "z" alongado)
c. () Os Gizes | Q. O Duplex
a. () Os Duplex
b. () Os Dúplices
c. () Os Duplexes | |
| R. O Xadrez
a. () Os xadrez
b. () Os Xadrez (com "z" alongado)
c. () Os Xadrezes | S. O cais
a. () Os Cais
b. () Os Cais (com "s" alongado)
c. () Os Caises | T. O Gângster
a. () Os Gângster
b. () Os Gângsters
c. () Os Gângsteres | |
| U. O Galês
a. () Os Galês
b. () Os Galês (com "s" alongado)
c. () Os Galezes | V. A Betamax
a. () As Betamax
b. () As Betamaces
c. () As Betamaxes | X. O Pidgin
a. () Os Pidgin
b. () Os Pidgins
c. () Os Pidgines | |
| Y. A Intranet
a. () As Intranet
b. () As intranets
c. () As Intranetes | | | |

APÊNDICE D- QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

Data: ____/____/20__.

Tipo de Questionário ____

Número: _____

IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

01. Quantos anos você tem? _____ anos.
02. Sexo: () masculino () feminino
03. Qual o nível de escolaridade de seus pais (se houver contato com eles. Caso contrário, do parente mais próximo com quem você tenha contato)?
- Pai? _____
- Mãe? _____
04. Assinale no quadro abaixo, com u "X", respectivamente, a quantidade de equipamentos que você possui em casa e o grau de instrução do chefe de família.

Posse de itens

	Quantidade de Itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	4	5	6	7
Automóvel	0	4	7	9	9
Empregada mensalista	0	3	4	4	4
Máquina de lavar	0	2	2	2	2
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	4	4	4	4
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	2	2	2	2

Grau de Instrução do chefe de família

Nomenclatura Antiga	Nomenclatura Atual	
Analfabeto/ Primário incompleto	Analfabeto/ Até 3ª série Fundamental/ Até 3ª série 1º. Grau	0
Primário completo/ Ginásial incompleto	Até 4ª série Fundamental / Até 4ª série 1º. Grau	1
Ginásial completo/ Colegial incompleto	Fundamental completo/ 1º. Grau completo	2
Colegial completo/ Superior incompleto	Médio completo/ 2º. Grau completo	4
Superior completo	Superior completo	8

- 05 a. Onde você nasceu? _____
- b. Em que cidade satélite você mora? _____
- c. Com quantos anos você mudou para o Distrito Federal? _____ [caso venha de outro estado]
06. Em que período você se encontra no seu curso?
- a. Período cronológico _____
- b. Período no fluxo _____

INSTRUÇÕES

COMO VOCÊ USARIA O PLURAL DA PALAVRA EM CADA QUESTÃO ABAIXO?

ASSINALE APENAS A ALTERNATIVA QUE REPRESENTA O QUE SOA MAIS NATURAL PARA VOCÊ. LEMBRE-SE QUE SUA RESPOSTA DIZ RESPEITO AO USO QUE VOCÊ FARIA E NÃO AO USO RECOMENDADO POR QUALQUER GRAMÁTICA, DICIONÁRIO OU MANUAL QUE VOCÊ CONHECE.

A. O Tórax

Os _____

B. O Sax

Os _____

C. O Lápis

Os _____

D. O Sênior

Os _____

E. A Gravidez

As _____

F. O Habitat

Os _____

G. O Déficit

Os _____

H. O Hífen

Os _____

I. O Adjudicador

Os _____

J. O éon

Os _____

K. O Âmbar

Os _____

L. O Pires

Os _____

M. O Flat

Os _____

N. O Hímen

Os _____

O. A Geratriz

As _____

P. O Giz

Os _____

Q. O Duplex

Os _____

R. O Xadrez

Os _____

S. O cais

Os _____

T. O Gângster

Os _____

U. O Galês

Os _____

V. A Betamax

As _____

X. O Pidgin

Os _____

Y. A Intranet

As _____

APÊNDICE E – TEXTO PARA ENTREVISTA GRAVADA

ENEM

Vários estudantes também chegaram atrasados ao primeiro dia de provas do ENEM. Assim que os portões se fecharam, um ônibus lotado de estudantes chegou.

Um grupo de quatro estudantes resolveu pegar um táxi no terminal São Paulo, pois assim que chegaram lá viram que de ônibus não iria dar tempo.

"Gastamos R\$ 25 pra nada. Hoje deveria ter mais ônibus, e linhas que viessem diretamente para cá", lamenta Bruna Antunes dos Santos, de 19 anos.

Além dos atrasos, uma prática comum dos estudantes é levar lápis para as provas do ENEM e de vestibulares, o que não é permitido pelo edital. Nesses casos, a empresa responsável pela seleção fornece envelopes plásticos para que o examinando guarde o lápis e seus outros pertences durante a prova.

PIRES

A novidade para os estádios da Copa de 2014 são os estádios em forma de xícaras e pires, com arquibancada próxima ao campo e bastante inclinadas, tendo como base o estacionamento do estádio e o próprio campo, que, juntos, assemelham-se a um pires. Pires são utensílios de cozinha que servem como base para a xícara enquanto se serve café ou chá a alguém. A palavra pires tem origem oriental, porém seu étimo não é claro.

Ônibus cheio incomodam muito.

Ônibus cheios incomodam muito.

Pires quebrado podem te cortar.

Pires quebrados podem te cortar.

Pratos cheio de comida saem rápido.

Pratos cheios de comida saem rápido.